Design Arquitetônico:

Uma abordagem projetual com foco no usuário,
como protagonista e agente de projeto, ou ...
Das cooperativas de habitação uruguiaias ao
dissenso modernista do "Byker Wall"

PAULO EDUARDO FONSECA DE CAMPOS

São Paulo, 2016

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Projeto

Design Arquitetônico:

Uma abordagem projetual com foco no usuário,
como protagonista e agente de projeto, ou...

Das cooperativas de habitação uruguaias ao
dissenso modernista do “Byker Wall”

PAULO EDUARDO FONSECA DE CAMPOS

São Paulo, 2016

Trabalho apresentado pelo Prof. Dr. Paulo Eduardo Fonseca de Campos, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ao Concurso de Títulos e Provas visando à obtenção do título de Livre-docente, junto ao Departamento de Projeto, com base no conjunto de disciplinas da área de Desenho Industrial.

AGRADECIMENTOS

No desenvolvimento deste trabalho recebi o apoio inestimável e incondicional de muitas pessoas, entre as quais gostaria especialmente de agradecer:

- Dr. **Peter Kellett**, um amigo de muitos anos, que me acolheu como pesquisador visitante na SAPL-School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University (UK) e colocou toda sua experiência nas áreas de arquitetura e antropologia social à minha disposição;
- Dra. **Sophie Yarker**, geógrafa e pesquisadora da Newcastle University, cuja tese de doutorado e os depoimentos prestados muito contribuíram para a abordagem etnográfica que persegui de forma persistente no trabalho de campo desenvolvido no conjunto habitacional “Byker Wall”;
- Dr. **Konrad Miciukiewicz**, atualmente pesquisador associado do Institute for Global Prosperity da University College London, a quem devo minha primeira visita ao “Byker Wall”, em fevereiro de 2012;
- **James Longfield**, arquiteto-cidadão e doutorando na SAPL da Newcastle University, além de meu vizinho no “Byker Wall”, onde reside desde 2011;
- Rev. **Robert Ward** e **Alice Ward**, meu *landlord*, pastor anglicano, e sua esposa, amigos e proprietários da casa onde residi por quatro meses em Byker;
- **Silvie Fisch**, produtora cultural e ativista social de origem alemã, que passou a residir em Byker quase no mesmo período em que mudei para lá;
- **Lucia** e **Mark Bagott**, ela, brasileira e tradutora-intérprete, ele, médico da rede pública de saúde, trabalhadores sociais envolvidos com entidades de apoio aos asilados que passaram a chegar ao Reino Unido desde o início dos anos 2000;
- **Roger Tillotson** e **Michael Drage**, arquitetos da equipe de Ralph Erskine; e
- **Sirkka-Liisa Konttinen** a célebre fotógrafa e moradora do *Old Byker*, que por meio de suas imagens eternizou a identidade e o sentido de pertencimento de uma comunidade da classe trabalhadora, orgulhosa de sua história.

Além deles, não posso deixar de expressar minha gratidão às demais pessoas a quem entrevistei e que me permitiram entrar em suas vidas para conhecê-las e escutar suas histórias, casos de: **Colin Green**, **Anna Spencer**, **Dale Bolland**, **Moisés Raimundo**, **Gaby Kitoko**, **Jéssica da Graça**, **N. Mohamed Shaikh**, **Ken Millor**, **Steve Howells**, **Lito Sousa**, **Sally Pilkington** e **Harry Ramsdale**.

Aos meus colegas da FAUUSP, especialmente aos integrantes do Departamento de Projeto, agradeço a forma amável e companheira como me apoiaram após a obtenção da Bolsa de Pesquisa no Exterior da FAPESP e na finalização deste trabalho. À Profa. **Lara Leite Barbosa**, particularmente, meu obrigado pelo período em que me substituiu à frente da disciplina optativa que lecionamos juntos no segundo semestre de 2014.

Gostaria também de agradecer à FAPESP-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo suporte financeiro prestado à pesquisa que serve de base a este trabalho, por meio da concessão de Bolsa de Pesquisa no Exterior, no período de setembro de 2014 a março de 2015, ocasião em que foram desenvolvidas as atividades junto à School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University (UK) e os levantamentos de campo no conjunto habitacional “Byker Wall”.

Principalmente, é preciso mencionar **Lourdes**, **Bruna** e **Leonardo**, sempre presentes em minha vida e suportando os momentos de ausência provocados por minha dedicação ao trabalho acadêmico. A eles e aos meus amorosos pais, **Marli** e **Waldemar de Campos** (in memoriam), toda minha gratidão.

*“Para ser um bom arquiteto você tem que ter amor
pelas pessoas, porque a arquitetura é uma arte
aplicada e lida com a moldura da vida das
pessoas”*

Ralph Erskine, 2000

SUMÁRIO

11 RESUMO

13 ABSTRACT

15 INTRODUÇÃO

21 CAP. 1 – Déficit quantitativo e carências qualitativas no campo da habitação

22 A produção habitacional em larga escala e seu contexto atual no Brasil

27 Qualidade e desempenho da produção habitacional

39 Normas técnicas britânicas aplicáveis à habitação social

45 Lições sobre a construção habitacional na Grã-Bretanha

50 Em busca de uma superação do paradigma produtivista

57 CAP. 2 – A participação do morador no projeto

57 Algumas premissas para o estudo do papel do usuário

59 As cooperativas habitacionais uruguaias, a produção por ajuda mútua em São Paulo e o projeto SAAL após a Revolução do 25 de abril em Portugal

61 O “Byker Wall” de Newcastle upon Tyne

64 O alcance da pesquisa com relação aos objetivos preestabelecidos

65 Etnografia aplicada à arquitetura

71 CAP. 3 – Habitação na Grã-Bretanha

71 A concepção moderna da habitação social na Grã-Bretanha: as “*Tower Blocks*”

73 Newcastle: “A Brasília do Norte”

75 “Killingworth Towers” e a queda da utopia moderna

81 “Byker Wall” e o dissenso modernista de Ralph Erskine: da decadência ao renascimento como patrimônio arquitetônico da Inglaterra

99 CAP. 4 – A vida no “Byker Wall” de Newcastle upon Tyne

- 99 Linguagem arquitetônica e realidade
- 107 Por dentro do “Byker Wall” como observador participante
- 111 Uma reaproximação entre o arquiteto-pesquisador e o morador: uma narrativa em primeira pessoa do singular
- 125 Registros da escala local e da vida cotidiana no “Byker Wall”
- 129 Narrativas de lugar e memória
- 147 Projeto participativo e a busca de uma leitura humanizada do espaço urbano

157 CAP. 5 – Tecnologia e inovação: para quê e para quem?

- 165 Tecnologias para a construção do habitat social no Brasil e na América Latina
- 175 O uso da pré-fabricação leve em projetos habitacionais participativos: a proposta habitacional deixada por Lelé para o “Minha Casa, Minha Vida”

187 CAP. 6 – Considerações finais

- 192 À procura de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat
- 197 A descoberta do papel relativo do morador como protagonista no “Byker Wall”
- 203 O espaço e a identidade do sujeito

209 Referências Bibliográficas

215 Ilustrações e Fotos – lista de figuras

219 ANEXOS

243 Encarte com imagens coloridas

RESUMO

No momento em que a construção habitacional no Brasil atinge níveis quantitativos há muito não vistos, particularmente em programas oficiais de grande envergadura, cabe refletir a respeito da produção em larga escala de moradias, particularmente fazendo uso de sistemas construtivos industrializados, e sobre as carências qualitativas que vêm sendo observadas nos campos da arquitetura e do urbanismo.

Este texto reflexivo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado realizada entre 2014 e 2015 no Reino Unido, e tem como foco o estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos.

Tomando como principal estudo de caso o conjunto habitacional “Byker Wall”, construído nos anos 1970 em Newcastle, na Inglaterra, com a participação ativa de seus usuários nos processos de planejamento e de tomada de decisões, o trabalho busca estabelecer possíveis conexões entre aquela notável realização e projetos participativos realizados no Brasil a partir da década de 1980, sob uma clara influência das cooperativas habitacionais uruguaias de ajuda mútua.

A partir de levantamentos bibliográficos e de campo, foram analisadas as principais características físicas definidoras do “Byker Wall”, bem como as dimensões simbólico-afetivas alcançadas por este empreendimento social entre seus moradores.

Com isso acredita-se ser possível vislumbrar as possibilidades oferecidas pelos processos participativos na construção habitacional, que venham a superar uma visão puramente produtivista, à procura de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat.

Palavras-chave: design, arquitetura e urbanismo, industrialização da construção, habitação, projeto participativo, antropologia urbana, pesquisa etnográfica.

ABSTRACT

At a moment when housing construction in Brazil reaches a quantitative level not seen in a long time, particularly in large-scale government programmes, a reflection on the massive production of new dwellings is timely, particularly when using industrialized building systems , and also on the qualitative deficiencies that have been observed in architecture and urbanism.

This reflexive text is the result of a post-doctoral research conducted between 2014 and 2015 in the UK, and focuses on the user role as the protagonist and project agent in participatory processes.

Taking the case study of the "Byker Wall" housing complex, built in 1970 in Newcastle, England, with the active participation of its users in process planning and decision making, the work seeks to establish possible connections between this remarkable achievement and participatory projects in Brazil from the 1980s, under a clear the influence of Uruguayan housing cooperatives for mutual aid.

Using bibliography and field surveys it was analysed the main physical characteristics that define the "Byker Wall" as well as the symbolic and affective dimensions achieved by this venture among its residents.

Thereby, we trust it will be possible to identify the possibilities provided by participative processes in housing production which may outweigh a strictly productivist view, aiming for an improved architectural and urban quality of the habitat.

Keywords: design, architecture and urbanism, building industrialization, housing, participatory design, urban anthropology, ethnographic research.

INTRODUÇÃO

O texto reflexivo aqui apresentado é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado realizada entre setembro de 2014 e março de 2015, na School of Architecture, Planning and Landscape da University of Newcastle, no Reino Unido, a qual teve como foco o estudo do papel do usuário, neste caso o morador, como protagonista e agente de projeto em processos participativos.

A bem da verdade, contando a história do “Byker Wall” projetado por Ralph Erskine e descrevendo minha experiência como morador por quatro meses deste conhecido conjunto habitacional, tombado como patrimônio arquitetônico da Inglaterra desde 2007, refleti a respeito de minha própria trajetória profissional e pessoal, ao longo de 35 anos de formado.

Portanto, o texto a seguir reflete muito bem o tipo de aspiração profissional que orientou minha carreira desde a época de minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na PUC de Campinas, em 1981, quando passei a me dedicar aos temas da industrialização da construção e do projeto de produto para o edifício, unindo arquitetura e design como disciplinas convergentes do mesmo campo de projeto. A rigor, a intenção de me dedicar à área de Projeto de Produto nasceu ainda durante a faculdade, mais precisamente no 3º ano, quando me inquietava a distância entre o desenho e o canteiro, referenciada em Sérgio Ferro, e a necessidade imperiosa de que os arquitetos definitivamente se envolvessem com o ciclo produtivo da indústria e as tecnologias contemporâneas.

Foi assim que passei a me interessar pela arquitetura industrializada e ingressei em 1982 no mundo da pré-fabricação, indo trabalhar em uma empresa de origem alemã e querendo aprender tudo, desde o projeto à produção, passando pela montagem. Junto com a experiência adquirida na vida profissional, no entanto, nunca deixei de lado meus objetivos na área acadêmica, o que me levou ao mestrado em Engenharia Civil na Escola Politécnica da USP

(1989) e ao doutorado em Arquitetura e Urbanismo na FAUUSP (2002), sempre envolvendo a questão da arquitetura e da construção industrializada.

Em meados dos anos 1980, após conhecer o trabalho do arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé (Figura 1), com quem pude mais tarde trabalhar e de quem me tornei amigo, tomei a decisão de me dedicar ao modelo criativo de industrialização defendido e demonstrado por este mestre brasileiro da arquitetura e do design, utilizando este aprendizado, acima de tudo, como uma alternativa e um instrumento para solucionar ou, ao menos, amenizar muitas das carências quantitativas e qualitativas que marcam nosso País na área do habitat popular.

Figura 1 – Foto do pesquisador com o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, tomada no subsolo do hospital Sarah de Salvador/BA em 2008, por José Adolfo Peña

Daí o fascínio e a influência definitiva que Lelé veio a exercer sobre os rumos de minha carreira. As obras de urbanização implantadas por Lelé em Salvador/BA no início da década de 1980 são uma prova inequívoca de que os problemas da pobreza não se resolvem com tecnologias pobres, mas pelo

contrário, podemos lançar mão nestes casos, até mesmo, de tecnologias consideradas de ponta, como pode ser considerado o desenvolvimento de componentes e sistemas construtivos leves de argamassa armada ou microconcreto de alto desempenho, expressão que vim a cunhar em meu doutorado.

Voltando à reflexão que ora apresento, inicialmente procuro contextualizar a questão do déficit que se apresenta no campo da habitação no Brasil, recorrendo a respeito dos rumos equivocados que a produção habitacional em larga escala tem tomado no Brasil, seja do ponto de vista das deficiências observadas no desempenho das edificações construídas seja na questão da baixa qualidade arquitetônica e urbanística dos empreendimentos entregues.

Ao me debruçar sobre o caso europeu ou, mais especificamente, sobre o caso da Inglaterra e do Reino Unido, é importante ressaltar que, mais do que importar tecnologias de forma indiscriminada, precisamos aprender as lições sobre a construção habitacional na Grã-Bretanha.

Estudar o crescimento e o declínio da construção habitacional pré-fabricada na Grã-Bretanha nos anos 1970 e 1980, embora seja aquela uma realidade bem diferente da que observamos atualmente no Brasil, aponta para vários padrões que são comuns entre estes dois contextos, tais como a larga escala do problema enfrentado em termos quantitativos, a necessidade de encontrar soluções rápidas, a esperança na capacidade da tecnologia em fornecer respostas e a necessidade de maximizar os recursos disponíveis, como afirmam Kellett e Tavernor ¹.

A visão produtivista, semelhante àquela que predomina em programas oficiais como o “Minha Casa, Minha Vida”, como será visto, é também criticada

¹ KELLETT, Peter and TAVERNOR, Bill. The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain. In: XXIII IAHS World Housing Conference: Excellence in Housing: Prospects and Challenges, Singapore, September 1995

por Kellett, quando afirma: “Um enfoque aritmético é demasiado simplista”² (KELLETT, 1990).

Na sequência, em busca de encontrar uma resposta à superação do paradigma produtivista hoje predominante, o texto reflexivo caminha em direção à participação do morador no projeto, iniciando por estabelecer algumas premissas para o estudo do papel do usuário no processo e analisar alguns dos casos mais conhecidos a respeito destas práticas, a exemplo das cooperativas habitacionais uruguaias, dos processos de produção por ajuda mútua ou mutirões de São Paulo e o projeto SAAL- Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo após a Revolução do 25 de abril em Portugal.

É neste contexto que o “Byker Wall” de Newcastle upon Tyne se converte no principal objeto de estudo e onde a etnografia aplicada à observação da arquitetura e do lugar converte-se em um instrumento indispensável para o tipo de observação e análise proposto.

Ao analisar a concepção modernista de habitação social colocada em prática na Grã-Bretanha no Segundo Pós-guerra e os impactos produzidos pelas chamadas “*Tower Blocks*” ou torres habitacionais pré-fabricadas, a cidade de Newcastle acaba nos oferecendo dois casos exemplares: o conjunto “Killingworth Towers”, demolido em 1987 juntamente com a utopia moderna por ele simbolizada, e o “Byker Wall”, que aqui chamei de o dissenso modernista de Ralph Erskine.

Viver no “Byker Wall” durante quase quatro meses, como observador participante, significou uma reaproximação entre o arquiteto-pesquisador e o morador, a qual me permito narrar na primeira pessoa do singular no Capítulo 4.

Compreender o que foi o projeto participativo desenvolvido por Erskine e sua equipe no “Byker Wall” exigiu, mais do que registros da vida cotidiana, uma leitura humanizada do espaço, a partir das narrativas de lugar e das memórias, individual e coletiva, que pude colher nas entrevistas contextuais que realizei.

² KELLETT, Peter. ¿Tecnología inapropiada? Experiencias de vivienda social en Gran Bretaña. In: Informes de la Construcción, Vol. 42 n ° 409, septiembre/octubre, 1990. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990

No Capítulo 5, retorno ao tema do desenho de tecnologias e sua relação com a inovação, explorando a dimensão ética do design e da arquitetura que emerge a partir das questões: para quê e para quem?

Neste capítulo não me furto ao atrevimento de ser propositivo, enumerando e apresentando brevemente umas tantas tecnologias para a construção do habitat social com as quais estive envolvido, direta ou indiretamente, no Brasil e na América Latina. Concluo apresentando a proposta habitacional deixada por Lelé para o “Minha Casa, Minha Vida”, um caso exemplar de uso da pré-fabricação leve em projetos habitacionais participativos.

Ao final, os leitores desta reflexão poderão encontrar em minhas considerações não respostas conclusivas, mas indagações e aquilo que julgo serem pontos de partida para a busca de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat, fundamentada no papel essencial que o morador, como protagonista e agente de projeto pode jogar.

Uma última advertência antes de iniciar a leitura: — Não procure averiguar no texto quantas vezes aparecem as palavras arquitetura ou design. Sou um professor de projeto e considero a FAUUSP uma escola de projeto. Assim como aquele a quem considero meu maior mestre, Lelé, transito nesta zona de interface entre a arquitetura e o design há muitos anos e nela encontrei as respostas às minhas perguntas.

Tudo é projeto!

CAPÍTULO 1

Déficit quantitativo e carências qualitativas no campo da habitação

Recentemente, mais precisamente no dia 11 de março de 2015, durante visita ao estado do Acre, a recém-reeleita presidente Dilma Rousseff anunciou que iria assegurar a continuidade do Programa “Minha Casa, Minha Vida” e aprimorar os programas do governo destinados a melhorar a vida das famílias brasileiras, para que se expandam e atendam quem mais precisa. Ademais, destacou a presidente da República, o Programa atingirá amplitude inédita: *“Quando chegar 2018, vamos atingir [um total de] 6 milhões e 750 mil moradias. Isso é muito importante. Nunca no Brasil, na história brasileira, ocorreu um programa dessa dimensão”* (Blog do Planalto – Presidência da República - <http://blog.planalto.gov.br/assunto/minha-casa-minha-vida-3/> - acessado em 2/4/15).

Por sua vez, o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT) em seu recente relatório publicado em 2013, intitulado “Construção de habitação social em larga escala no Brasil: O Programa ‘Minha Casa, Minha Vida’”³, registra a magnitude, a escala e a quantidade de subsídios envolvidos no Programa, considerado um marco importante na reafirmação da habitação social como um assunto de importância nacional para a política e a ação do Governo.

Este mesmo relatório, que documenta o Programa e descreve seus aspectos chave em termos de concepção e processos de implementação, também aborda as técnicas de construção e concepção de projeto utilizadas. Afirma-se que a modernização e racionalização da produção permanecem sendo o maior desafio do setor de construção em geral no Brasil, e também no escopo do Programa (ONU-HABITAT, p. 81).

³ LONARDONI, F. et al. Scaling-up affordable housing supply in Brazil: The ‘My House My Life’ Programme. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat), 2013.

Em seu capítulo 3 o mesmo relatório comenta que empresas de grande porte começaram a implementar processos mais eficientes de construção nos projetos do “Minha Casa, Minha Vida” e que os principais avanços incluem novos processos de gestão da construção, eficiência e produtividade do trabalho e a adoção de novas técnicas construtivas, tais como a construção em concreto moldado no local ou as estruturas pré-fabricadas (paredes e lajes principalmente) que reduzem os custos, aceleram a construção e contribuem para obtenção de economia de escala. Métodos de pré-fabricação no canteiro, afirma o mesmo documento, são geralmente mais rápidos do que a construção de estruturas de concreto e paredes de alvenaria para vedação, como habitualmente se utiliza no Brasil. Constata-se que embora os custos dos materiais sejam mais elevados do que na construção convencional, as empresas veem na pré-fabricação um meio de economizar vários meses no tempo de construção e, portanto, reduzir os custos fixos (mobilização de canteiro e escritório de obra). Fala-se também a respeito de duas desvantagens principais que, na opinião dos autores do relatório, seriam o impacto ambiental devido à utilização de concreto em uma escala de tal magnitude e a falta de flexibilidade na adaptação unidade habitacional (ONU-HABITAT, p. 81).

A produção habitacional em larga escala e seu contexto atual no Brasil

Afora esse trabalho recente mencionado, específico sobre o Programa “Minha Casa, Minha Vida”, há vários outros estudos e reflexões teóricas que buscam há décadas entender o porquê em um país como o Brasil, com suas enormes carências quantitativas e qualitativas no campo da habitação social, não foi possível até o momento aplicar os princípios mais elementares da pré-fabricação, para citar uma das formas mais conhecidas de se industrializar a construção, em uma escala massiva como a que sugere tais circunstâncias.

Por outro lado, é importante recordar que sob a égide da pré-fabricação, voltada à construção de habitações em larga escala, vários foram os equívocos cometidos no período de reconstrução da Europa após a Segunda Grande Guerra. Neste período predominaram, de forma implacável, as regras dos sistemas construtivos da chamada “primeira geração” da industrialização, onde frequentemente o usuário era relegado à condição de mero detalhe,

predominando uma visão produtivista, naquela que Salas classifica como a etapa histórica de “euforia e grandes negócios” (SALAS, 1981) ⁴.

No início dos anos 1970 dá-se na França um importante salto conceitual, com a criação da chamada metodologia de desempenho de edificações, apoiada nos trabalhos realizados pelo CIB (acrônimo proveniente da sigla em francês de *Conseil International du Bâtiment*, atual *International Council for Research and Innovation in Building and Construction*), na medida em que ficavam evidentes, por um lado, o esgotamento do modelo produtivista de industrialização da construção até então adotado na Europa, e, por outro, a necessidade de se elaborar novos instrumentos de controle para a produção do edifício, capazes de contemplar as exigências dos futuros usuários e corrigir os erros cometidos no período inicial de reconstrução no segundo pós-guerra (FONSECA DE CAMPOS, 1989) ⁵.

Em suma, o status adquirido pelo destinatário final do processo construtivo do edifício fez com que as normas técnicas passassem a ter um caráter de direito social e deixassem de ser encaradas como facultativas pelos produtores (FONSECA DE CAMPOS, 2013) ⁶.

Cabe, portanto, neste momento em que a construção habitacional atinge níveis quantitativos inéditos no País, por meio de programas oficiais de grande envergadura, uma reflexão a respeito da produção em larga escala de novas moradias, particularmente fazendo uso de sistemas construtivos industrializados, e as carências qualitativas que vêm sendo observadas nos campos da arquitetura e do urbanismo.

⁴ SALAS S., Julián. Alojamiento y tecnología: ¿Industrialización abierta? Madrid: Instituto Eduardo Torroja, 1981

⁵ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. Industrialização da construção e argamassa armada: perspectivas de desenvolvimento. São Paulo: EPUSP, 1989. 201 p. Dissertação (Mestrado)

⁶ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. Norma de desempenho de edificações: uma contribuição para o desenvolvimento do conceito de normativa exigencial aplicado à construção civil. *Revista Concreto & Construção*. , v.XLI, p.26 - 31, 2013.

A reflexão contida no presente texto tem como foco o estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos, buscando entender o uso desta metodologia projetual e suas implicações econômicas, sociais e ambientais.

Destacam-se, inicialmente, as cooperativas habitacionais uruguaias, entre as mais reconhecidas e estudadas referências históricas sobre processos participativos, cuja influência marcou profundamente projetos desenvolvidos em São Paulo, principalmente nas décadas de 1980 e 1990.

Na sequência, o trabalho busca estabelecer possíveis conexões entre projetos participativos realizados no Brasil, sob a clara influência das cooperativas uruguaias, e o conjunto habitacional “Byker Wall”, construído em Newcastle upon Tyne, na Inglaterra, com a participação ativa de seus usuários nos processos de planejamento e de tomada de decisões.

A partir de levantamentos bibliográficos e das pesquisas de campo realizadas no conjunto habitacional “Byker Wall”, foi possível analisar suas principais características físicas definidoras, bem como as dimensões simbólico-afetivas alcançadas por este empreendimento social entre os seus moradores.

Com isso acredita-se ser possível vislumbrar as possibilidades oferecidas pelos processos participativos na construção habitacional, que venham a superar uma visão puramente produtivista, à procura de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat.

Busca-se com isso uma maior compreensão do que seria um modelo para a construção do habitat popular, capaz de conferir maior valor social agregado aos atuais programas de habitação em escala massiva promovidos pelo Estado no Brasil em seus diversos níveis —municipal, estadual e federal— e de se sustentar ao longo do tempo por meio do envolvimento e do sentido de pertencimento a ser fomentado entre seus moradores, em vista de suas qualidades intrínsecas desde um ponto de vista dos valores afetivos e simbólicos cultivados para tanto.

Conjuntos habitacionais distantes dos centros, construídos em áreas sem infraestrutura urbana e destituídos dos serviços públicos básicos, tal como ocorria na década de 1960, bem como a aplicação de tipologias habitacionais

únicas e a provisão de crédito assegurada apenas às empresas construtoras, são alguns dos pontos críticos do Programa “Minha Casa, Minha Vida” (MCMV) que vêm sendo discutidos pelos estudiosos e profissionais ligados ao tema, tal como ocorreu recentemente no debate promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento do Rio de Janeiro (IAB-RJ), sob o título “Pode o MCMV fazer cidade e prover moradia?” ⁷.

Como um dos debatedores convidados ao evento, o arquiteto Sérgio Magalhães, presidente do IAB Nacional e ex-secretário municipal de Habitação do Rio de Janeiro, foi enfático ao comparar imagens de conjuntos habitacionais da década de 1960, como o da Vila Kennedy, no Rio de Janeiro (Figura 2), com experiências mais recentes, como conjuntos construídos em Campinas (SP), Serra (ES) (Figura 3), Manaus (AM) e Arapiraca (AL), em locais distantes dos centros urbanos e sem infraestrutura. Magalhães afirmou ainda que “nos moldes atuais, o Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), não é capaz de fazer cidade. Ao contrário, desestrutura as cidades existentes e impõe ao morador a vida em guetos” (MAGALHÃES, 2015) ⁸.

Magalhães acrescenta por fim: “É preciso reconhecer a pré-existência da cidade formal. É necessário ainda enfrentar o passivo socioambiental e os loteamentos, urbanizar as favelas integralmente, universalizar os serviços públicos e financiar o acesso universal à moradia sob o protagonismo do cidadão. É o cidadão que deve ser o detentor da decisão de onde e como morar”.

Ou seja, pode-se dizer que a forma de produção e distribuição de bens e serviços, para uso e consumo das populações, particularmente as de baixa renda, pouco difere dos mecanismos convencionais de mercado.

⁷ Debate realizado no dia 14 de abril de 2015, no auditório da sede do IAB-RJ

⁸ Sérgio Magalhães, presidente do IAB e ex-secretário municipal de Habitação do Rio de Janeiro

Figura 2 - Conjunto habitacional Vila Kennedy (Rio de Janeiro, 1960)

Fonte: http://pt.slideshare.net/Instituto_Arquitetos/pode-o-mcmv-fazer-cidade-e-prover-moradia-srgio-magalhes (24/06/2015)

Figura 3 - Conjunto habitacional do MCMV em Serra/ES na atualidade

Fonte: http://pt.slideshare.net/Instituto_Arquitetos/pode-o-mcmv-fazer-cidade-e-prover-moradia-srgio-magalhes (24/06/2015)

No processo de decisão do “o quê” e “para quem”, raramente são levadas em conta as reais necessidades da população a ser atendida, optando-se pelo convencional —ainda que inadequado— muitas vezes por conveniência do Estado e dos agentes privados. Sendo assim, a natureza da habitação social e sua má qualidade tendem a se perpetuar em decorrência do “hábito”.

Em suma, pode-se dizer que ainda que o protagonismo dos usuários, como agentes de projeto em processos participativos, seja uma proposta metodológica consagrada em nível internacional e que demonstra oferecer resultados mais satisfatórios e sustentáveis ao longo do tempo para empreendimentos habitacionais públicos, seja no contexto brasileiro e latino-americano seja no cenário de países europeus, como em alguns dos casos estudados do Reino Unido e de Portugal, está claro que a visão produtivista segue predominando nos programas oficiais, particularmente no Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), e pode converter esta oportunidade de se atenuar as demandas dos “sem teto” no equívoco de se incrementar, ademais, as carências dos “com teto”.

Qualidade e desempenho da produção habitacional

O conceito de desempenho de edificações pode ser identificado, remotamente, até mesmo no Código de Hammurabi (por volta de 1770 a.C.), que em seu artigo 229 estabelece que: “Se um construtor edificou uma casa para um homem, mas não a fortificou e a casa caiu e matou seu dono, esse construtor será morto”.

Preocupação semelhante revela o Tratado de Arquitetura de Vitruvius, intitulado “De architectura libri decem”, do século primeiro A.C., que se baseia nos princípios de “utilitas, venustas e firmitas”, isto é, utilidade, beleza e solidez⁹ do edifício.

Na idade moderna, no entanto, é Gerard Blachère, diretor à época do CSTB-Centre Scientifique et Technique du Bâtiment, que apresenta na França, em 1965, a definição mais conhecida do conceito de desempenho de edificações

⁹ VITRUVIO. De Arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

(CSTB publications, Blachère, 1965) ¹⁰. Ainda que os processos construtivos tenham permanecido, nas cinco décadas seguintes, vinculados a normas prescritivas, muitas vezes desencorajando mudanças e o surgimento de inovações tecnológicas, claro estava que uma quebra de paradigma se aproximava.

Na medida em que a abordagem prescritiva, baseada na experiência passada e na simples comparação com os padrões preestabelecidos, não fazia uso de ensaios para verificação do comportamento potencial do edifício, seus elementos e instalações, quando submetido às condições regulares de exposição, pode-se dizer que a tendência era perpetuar as técnicas convencionais de construção, sem qualquer espaço para o surgimento da inovação.

Exemplo disso é a experiência pioneira do arquiteto inglês, John Brodie, responsável pelo desenvolvimento do primeiro sistema de painéis pré-fabricados de concreto de que se tem notícia, utilizado em 1905, em Liverpool, para a construção do edifício conhecido como Eldon Street Apartments (Figuras 4). O sistema construtivo desenvolvido por Brodie foi objeto de numerosas críticas à época e o poder público, responsável pela iniciativa voltada à habitação social, obrigou a superdimensionar os painéis pré-fabricados, recorrendo às prescrições oficiais sobre espessuras de paredes de tijolos cerâmicos. Frente a isso o custo resultou no triplo da previsão inicial para o empreendimento, interrompendo prematuramente a trajetória de um promissor modelo tecnológico, o qual só viria a ser retomado cinco décadas depois, na reconstrução da Europa após a Segunda Guerra.

¹⁰ BLACHERE, G. General consideration of standards, agreement and the assessment of fitness for use. Paper presented at the 3rd CIB Congress on Towards Industrialised Building held in Copenhagen, Denmark, 1965.

Figuras 4 - Primeiro sistema de painéis pré-fabricados - Eldon Street Apartments Liverpool (John Brodie, 1905)

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=80544634> (28/04/13)

Figura 5 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)

Fonte: <http://fields.eca.ac.uk/gis/wp-content/uploads/2010/02/ne-52.jpg> (28/04/13)

Estudiosos do tema demonstram que os equívocos cometidos no período de reconstrução da Europa, após a Segunda Guerra, guardam uma estreita relação com as regras rígidas e incontornáveis dos sistemas construtivos de

“primeira geração” (Figura 5). Naquele cenário a visão produtivista prevalecia sobre o usuário e suas necessidades.

Não tardou para que surgissem as críticas a este modelo inicial, o que levou Schmid e Testa, por exemplo, a cunharem a expressão “projeto invertido”, para definir um sistema construtivo desenvolvido ou especificado sem pensar nas características intrínsecas do projeto e sua relação com as exigências do usuário (SCHMID e TESTA, 1969) ¹¹.

Como já afirmado, são vários os estudos que procuram entender ou explicar como em um país como o Brasil não foi possível colocar em prática os princípios mais elementares da pré-fabricação, como alternativa tecnológica apta a responder aos desafios quantitativos da construção civil habitacional.

Por sua vez, apesar do emprego extensivo da pré-fabricação para a construção de habitações em larga escala no período de reconstrução da Europa no segundo Pós-Guerra, vários foram os problemas relacionados com o emprego dos sistemas construtivos industrializados de “primeira geração”.

Os anos 1970 marcam o início de uma revisão conceitual neste cenário, apoiada nos trabalhos realizados pelo CIB - *Conseil International du Bâtiment*, atual *International Council for Research and Innovation in Building and Construction*, considerando-se os primeiros sinais de esgotamento do modelo produtivista de industrialização da construção adotado na Europa e a premissa de elaborar novos instrumentos de controle para a produção do edifício, baseados nas exigências dos usuários.

Para citar o caso mais emblemático deste período, tem-se o colapso estrutural ocorrido em 1968 no edifício “Ronan Point”, em Londres, que marca o declínio das construções habitacionais massivas no Reino Unido (Figura 6).

Em 1970 cresce a controvérsia sobre as condições de conservação de alguns destes conjuntos, não só devido ao grave problema de colapso

¹¹ SCHMID, Thomas. e TESTA, Carlo. Systems Building. Zürich: Verlag für Architektur, 1969.

progressivo observado no “Ronan Point”¹², que levou a uma completa revisão nas ligações estruturais de sistemas construtivos à base de grandes painéis de concreto, mas também em função de patologias observadas, tais como condensação interna e mau funcionamento de equipamentos de calefação, indispensáveis para as severas condições climáticas do inverno europeu.

O resgate do usuário como protagonista e destinatário final do processo construtivo do edifício fez com que as normas técnicas passassem a ter um caráter de direito social e deixassem de ser encaradas como facultativas pelos produtores.

Como lembra Salas, é importante ressaltar que a expressão usuário designa não somente os ocupantes finais do bem produzido, a habitação, mas todos os partícipes no processo de produção e gestão (SALAS, 1981). A esta definição ampliada de usuário, deve-se também agregar as noções de conservação e manutenção da edificação, além da avaliação do impacto que os elementos constituintes da edificação provocam sobre o meio ambiente.

No Brasil, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) foi pioneiro no estudo e na aplicação do conceito de desempenho para avaliação de sistemas construtivos destinados à habitação popular (IPT, 1988)

¹³.

¹² Ronan Point foi o nome dado a uma torre habitacional de 22 andares construída na localidade de Newham, em Londres, que desabou parcialmente em 16 de maio de 1968, após uma explosão decorrente de vazamento de gás no 18º andar, que levou ao deslocamento dos painéis estruturais e à perda de sustentação dos quatro pisos acima, ainda inabitados, bem como ao colapso progressivo do canto sudeste inteiro do edifício. Quatro pessoas morreram e dezessete ficaram feridas. Ronan Point foi parte de uma onda de torres construídas nos anos 1960, como solução econômica e acessível de habitação pré-fabricada. Após o acidente, o edifício foi parcialmente reconstruído com o uso de ligações mais resistentes, dimensionadas segundo novos critérios que passaram a vigorar a partir de então. A confiança da opinião pública quanto à segurança das torres residenciais pré-fabricadas, no entanto, ficou seriamente abalada à época. Em 1984 as autoridades de Newham decidiram pela demolição de Ronan Point.

¹³ INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (IPT). Tecnologia de edificações. São Paulo: PINI, 1988

Figura 6 - Colapso estrutural parcial do edifício Ronan Point, decorrente de uma explosão provocada por vazamento de gás (Londres, 1968)

Fonte: <http://www.imacloed.com/msa/images/image002.jpg> (28/04/13)

Em 1981, foram apresentados os resultados de uma pesquisa intitulada “Formulação de critérios para avaliação de desempenho de habitações”, desenvolvida pela antiga Divisão de Edificações do IPT para o extinto BNH- Banco Nacional de Habitação (1964-1986). Na época da publicação deste trabalho, a normalização brasileira era basicamente prescritiva, como majoritariamente ainda o é atualmente, abordando soluções construtivas específicas, sem a definição de limites mínimos de qualidade que pudessem servir de referência para a avaliação de desempenho para novos produtos ou sistemas construtivos (BORGES, 2008) ¹⁴.

Posteriormente, em 1997, a Caixa Econômica Federal contratou o IPT para revisar o trabalho realizado em 1981, ao qual se somaram outros estudos, tal como aquele elaborado pelo Departamento de Engenharia de Construção Civil da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EPUSP-PCC) e pelo extinto Instituto Brasileiro de Tecnologia e Qualidade da Construção (ITQC), em 1998 (EPUSP-PCC / ITQC, 1998).

Frente aos vários estudos e pesquisas desenvolvidos de forma independente, a Caixa Econômica Federal e representantes do meio técnico identificaram a necessidade de harmonizá-los, convertendo-os em uma base para futuras normas técnicas. Com o apoio da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), empresa pública vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, foi desenvolvido no ano de 2000 o projeto de pesquisa “Normas técnicas para avaliação de sistemas construtivos inovadores para habitações” (BORGES, 2008), tendo como objetivo chegar a um conjunto de normas técnicas brasileiras para avaliação de desempenho de edifícios habitacionais.

É neste contexto que se cria no ano 2000, no âmbito do Comitê Brasileiro da Construção Civil (ABNT/CB-02), uma Comissão de Estudo com o objetivo de elaborar o projeto de norma sobre desempenho de edificações (ABNT/NBR-15575), cujo primeiro coordenador foi o Engº Ércio Thomaz, do IPT. Sucedeu-o,

¹⁴ BORGES, Carlos A. de M. O conceito de desempenho de edificações e a sua importância para o setor da construção civil no Brasil. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - Departamento de Engenharia de Construção Civil, 2008 (Dissertação de Mestrado)

em 2004, o Eng^o Carlos Borges, representando o segmento produtor, até a primeira publicação oficial da Norma de Desempenho, em maio de 2008.

Em setembro de 2010, no entanto, após a realização de vários workshops, entre representantes da cadeia produtiva, da Caixa Econômica Federal e do Ministério das Cidades, chegou-se à necessidade de reativação da Comissão de Estudo, na medida em que foram identificados vários tópicos relevantes a serem revisados, aperfeiçoados ou acrescentados ao texto original da ABNT/NBR-15575:2008.

Finalmente, nesta sua última etapa, a coordenação da Comissão de Estudo para revisão da ABNT/NBR-15575 coube ao Eng^o Fabio Villas Bôas, também representante do segmento dos produtores, tendo a mesma sido publicada em fevereiro de 2013 ¹⁵, com início de sua exigibilidade estipulado para julho de 2013.

O adiamento da publicação da Norma de Desempenho, que pode ser visto como algo negativo por alguns, principalmente aqueles que não tomaram parte nos trabalhos, foi imprescindível para que o processo de revisão do texto fosse concluído e os atores envolvidos nesta tarefa pudessem, de fato, chegar a um consenso com respeito aos parâmetros técnicos que a orientam e, por certo, impactarão de forma positiva o mercado brasileiro da construção civil habitacional nas próximas décadas.

A Norma de Desempenho é hoje, reconhecidamente, um divisor de águas na construção civil brasileira, pois leva projetistas a conceberem e construtoras a executarem obras para um determinado nível de desempenho especificado, a ser atendido ao longo da vida útil da edificação. Trata-se de uma das maiores autorregulamentações técnicas, de um setor da atividade econômica, nas palavras de Carlos Pinto Del Mar (DEL MAR, 2013) ¹⁶.

¹⁵ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Edificações habitacionais – Desempenho. Rio de Janeiro: ABNT, 2013 (ABNT/NBR-15575)

¹⁶ Coluna da Fiabci/Brasil no jornal o Estado de São Paulo de 16/04/13, onde o Dr. Carlos Pinto Del Mar, consultor jurídico especializado, discorre sobre a importância técnica e jurídica da Norma de Desempenho.

Apesar disso, é importante destacar que a maior parte das normas técnicas hoje existentes para o setor da construção civil ainda segue, fundamentalmente, uma orientação objetual ou prescritiva, estabelecendo requisitos com base no uso consagrado de produtos ou procedimentos, buscando atender aos requisitos dos usuários de forma indireta (ABNT, 2013). Tal constatação leva à compreensão das dificuldades em introduzir inovações tecnológicas no setor da construção civil, tido, com razão, como extremamente conservador, avesso à inovação e entre os mais atrasados da economia brasileira.

A Norma de Desempenho (ABNT/NBR-15575) é o resultado de um trabalho intenso que contou com o apoio e participação de amplos setores da cadeia produtiva, incluindo fabricantes de materiais e componentes, construtores, profissionais técnicos, além de representantes de organismos oficiais e do aparato de ciência e tecnologia, constituído por universidades e institutos de pesquisa de todo o País.

A NBR-15575 institui parâmetros técnicos para vários requisitos importantes de uma edificação, como desempenho acústico, desempenho térmico, durabilidade e vida útil, e determina um nível mínimo obrigatório para cada um deles.

O maior diferencial da ABNT/NBR-15575, no entanto, consiste em estabelecer como metodologia o conceito de desempenho da edificação, alinhado com as tendências internacionais, no lugar das conhecidas normas prescritivas. A abordagem de desempenho está ligada ao comportamento que se espera de uma edificação quando em uso, dentro de determinadas condições, tendo como foco as necessidades de seus usuários ao longo do seu tempo de vida útil.

Portanto, a NBR-15575 traduz tecnicamente as necessidades dos consumidores brasileiros de imóveis residenciais, levando em conta o estágio técnico e socioeconômico do Brasil.

Afora isso, a norma também estabelece as responsabilidades de cada um dos atores ligados à produção da edificação, a exemplo de construtores, incorporadores, projetistas, fabricantes de materiais, administradores

condominiais e os próprios usuários, deixando clara a responsabilidade compartilhada sobre a edificação ao longo do tempo.

Finalmente, cabe aqui pontuar as reflexões que orientam o presente trabalho, a começar pela questão do histórico déficit quantitativo de habitações existente no País e a proposta do Programa “Minha Casa, Minha Vida” como forma para atenuá-lo significativamente.

Por um lado, pode-se dizer que parte das deficiências qualitativas que vêm sendo observadas no programa, desde o seu início, podem hoje ser equacionadas por meio da aplicação dos preceitos contidos na norma técnica NBR-15575:2013, que institui parâmetros técnicos para vários requisitos importantes de uma edificação e determina um nível mínimo obrigatório para cada um deles.

Ou seja, desde 2013 é possível realizar MEDIÇÕES QUANTITATIVAS do desempenho do edifício, as quais, de fato, são quantificáveis, tais como: segurança estrutural, proteção ao fogo, segurança ao uso, desempenho acústico, conforto higrotérmico, durabilidade e sustentabilidade, entre outros itens.

As normas de desempenho são estabelecidas buscando atender aos requisitos dos usuários, que, a exemplo da norma NBR-15575, referem-se aos sistemas construtivos que compõem as edificações habitacionais, independentemente dos seus materiais constituintes e do próprio sistema construtivo adotado.

Tal orientação se enquadra dentro do que aqui se chama de normativa exigencial, apoiada em uma abordagem aberta a qualquer solução tecnológica, abandonando o anterior enfoque, exclusivamente produtivista, e adotando um amplo conceito de usuário.

Figura 7 - Avaliação de desempenho

Portanto, tal e qual consta em sua parte introdutória, a NBR-15575 Edificações habitacionais – Desempenho tem como foco os requisitos dos usuários para o edifício habitacional e seus sistemas, quanto ao seu comportamento em uso, e não na prescrição de como os sistemas são construídos. Para tanto, nela estão definidos os requisitos (qualitativos), os critérios (quantitativos ou premissas) e os métodos de avaliação (ensaios), os quais permitem a mensuração clara de seu atendimento (Figura 7).

Por sua vez, as normas de desempenho, em geral, traduzem os requisitos dos usuários em requisitos e critérios, e são consideradas como complementares às normas prescritivas, no entanto, sem substituí-las. A utilização simultânea de ambas visa atender aos requisitos do usuário com soluções tecnicamente adequadas.

A qualidade, portanto, pode ser definida como o grau de integração e coerência alcançado entre os fins propostos e os meios empregados. Tal qualidade se mede por meio de uma normativa qualitativa, de caráter exigencial.

O desenvolvimento de uma metodologia de desempenho para edificações abre um caminho a partir do qual, e assim se espera, os projetistas transmitam de maneira clara suas decisões, contemplando as exigências dos usuários, à indústria e aos demais especialistas que intervêm na obra, de modo que se

desenvolvam as soluções técnicas adotadas, dentro das previsões econômicas, em termos de materiais e métodos de produção, os quais passam a ser controlados, testados e avaliados.

A Norma de Desempenho implica em uma nova metodologia para se projetar e construir edificações, a ser assimilada por empresas, profissionais de mercado, organismos governamentais e consumidores. Ao introduzir os requisitos mínimos de qualidade que devem ser atendidos pela edificação, a Norma de Desempenho envolve toda a cadeia produtiva, levando esta responsabilidade a ser compartilhada entre todos os atores que dela participam, inclusive o usuário final.

Como afirma o Dr. Eric Gibson, coordenador da Comissão W60 (W60 Commission, Report n.64, 1982) do International Council for Research and Innovation in Building and Construction (CIB): *“primeiramente e acima de tudo, a abordagem de desempenho é [...] a prática de pensar e trabalhar em termos de fins, mais do que meios.[...] Isso tem a ver com o que o edifício ou produto para a construção deve atender, e não com a prescrição de como este deve ser construído”* (GIBSON, 1982) ¹⁷.

Apesar disso, porém, DEFICIÊNCIAS QUALITATIVAS têm sido observadas também, com relação à arquitetura e ao urbanismo, porém mais difíceis de serem medidas, ainda que amplamente perceptíveis.

A presente reflexão busca restabelecer algumas das questões que cercam o tema da produção habitacional em larga escala, particularmente fazendo uso de sistemas construtivos industrializados, e sobre as carências qualitativas que vêm sendo observadas nos campos da arquitetura e do urbanismo em programas oficiais como o “Minha Casa, Minha Vida” (MCMV), do governo federal.

¹⁷ GIBSON, E. J. (Coordinator). Working with the performance approach in building. International Council for Research and Innovation in Building and Construction (CIB). Rotterdam, Netherlands, 1982. (CIB State of Art Report n°64, Working Commission W60).

Normas técnicas britânicas aplicáveis à habitação social

Conforme já mencionado, este texto reflexivo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado realizada entre 2014 e 2015 no Reino Unido, a qual teve como foco o estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos.

Na medida em que se buscava traçar um paralelo entre as realizações habitacionais nos contextos latino-americano e britânico, planejou-se dentro da pesquisa em referência um estudo a respeito das normas técnicas britânicas aplicáveis à habitação social, o qual se revelou, relativamente, mais simples do que o esperado inicialmente. Todas as referências a respeito do tema puderam, praticamente, ser encontradas no *site* de internet *Planning Portal*¹⁸, um portal único que concentra todas as informações essenciais para qualquer pessoa que queira saber mais sobre o sistema de planejamento de obras na Inglaterra e no País de Gales.

O *site* é mantido pelas autoridades britânicas, mais especificamente pelo Departamento para Comunidades e Governos Locais, e tem como objetivo fornecer, em um só portal da internet, resposta a tudo aquilo que possa interessar a qualquer pessoa envolvida no processo de planejamento de uma obra, desde proprietários de casas e empresas até profissionais e funcionários do governo.

A Diretiva Europeia para Produtos de Construção (89/106/CEE), a qual buscou eliminar as barreiras técnicas ao comércio de produtos de construção dentro da Comunidade Europeia, permaneceu em vigor até 1 de Julho de 2013, altura em que foi revogada e totalmente substituída pelo Regulamento para Produtos de Construção.

¹⁸ Web site *Planning Portal* visitado pela última vez em 11 de abril de 2015
<http://www.planningportal.gov.uk/buildingregulations/buildingpolicyandlegislation/cpr>

Exigências do Regulamento 305/2011 da UE¹⁹ para Produtos de Construção (o "CPR"), como explicado a seguir, aplicam-se a produtos colocados no mercado no Reino Unido depois de 1 de Julho de 2013.

Na página da web *Portal Planning* é possível encontrar também, de acordo com o Regulamento 764/2008 da UE²⁰, informações sobre produtos aos quais o princípio do “reconhecimento mútuo” se aplica, bem como as normas técnicas nacionais relacionadas a esses produtos. O reconhecimento mútuo é o princípio do direito da União Europeia (UE) ao abrigo do qual os Estados-Membros devem permitir que as mercadorias que são vendidas legalmente em outro Estado-Membro também possam ser vendidas no seu próprio território. O reconhecimento mútuo, por sua vez, aplica-se somente a bens e produtos cujas normas técnicas e regulamentos ainda não foram harmonizados, ou seja, aqueles que ainda não atendem à legislação da União Europeia, a exemplo dos CPR (*Construction Products Regulation*)- Regulamento 305/2011 da UE para Produtos de Construção, o qual define requisitos comuns a que todos os produtos desse tipo devem atender, antes de serem colocados no mercado da União Europeia.

De acordo com o CPR-Regulamento UE de Produtos para Construção, de 1 de Julho de 2013, um produto de construção terá que possuir a marca CE e ser acompanhado de uma declaração de desempenho para ser colocado na Área Econômica Europeia, além de estar coberto por uma norma europeia harmonizada de produto ou por uma Avaliação Técnica Europeia — utilizadas por fabricantes de produtos que não são abrangidos por uma norma europeia harmonizada, mas que ainda assim desejam que seus produtos tenham a marca CE.

O CPR tem como objetivo garantir a fiabilidade da informação sobre o desempenho de tais produtos, segundo as normas europeias de produto

¹⁹ *EU Construction Products Regulation 305/2011* ('the CPR') – acessado em 11/04/2015 <http://eurollex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2011:088:0005:0043:EN:PDF>

²⁰ *EU Regulation 764/2008* - acessado em 11/04/2015 pelo link <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2008:218:0021:0029:en:PDF>

harmonizadas e as avaliações técnicas europeias, utilizando-se para tanto uma linguagem técnica comum e métodos de avaliação uniformes entre todos os Estados-Membros.

Apesar disso, o escopo do CPR-Regulamento UE de Produtos para Construção, associado à marca CE, está condicionado às disposições técnicas nacionais relativas à utilização de tais produtos, segundo os seguintes requisitos gerais a que a edificação deve atender:

1. Resistência mecânica e estabilidade;
2. Segurança em caso de incêndio;
3. Higiene, saúde e meio ambiente;
4. Segurança e acessibilidade na utilização;
5. Proteção contra o ruído;
6. Economia de energia e retenção de calor;
7. Uso sustentável dos recursos naturais.

As disposições nacionais relativas a estes parâmetros variam entre Estados-Membros da UE e por isso, apesar de um produto poder ter a marca CE, pode não ser adequado para aplicações específicas ou para uso dentro de alguns países.

Ao se navegar pelas páginas web do *Planning Portal*, que contêm os regulamentos para construção de edificações (*Building Regulations*) e seu sistema de controle (*Building Control system*), foi possível ter acesso às últimas versões dos documentos aprovados que regulam as obras de construção e reforma de edificações.

A título de informação, os documentos aprovados são os seguintes:

1. *Approved Document A (Structure)* - Estruturas
2. *Approved Document B (Fire safety)* – Segurança ao fogo
3. *Approved Document C (Resistance to contaminants and moisture)* – Resistência a contaminantes e umidade
4. *Approved Document D (Toxic Substances)* – Substâncias tóxicas

5. *Approved Document E (Resistance to sound)* – Resistência ao som
6. *Approved Document F (Ventilation)* - Ventilação
7. *Approved Document G (Sanitation, Hot Water Safety and Water Efficiency)* – Condições sanitárias, segurança à água quente e eficiência no uso da água
8. *Approved Document H (Drainage and waste disposal)* – Drenagem e destinação de resíduos
9. *Approved Document J (Heat producing appliances)* – Dispositivos para calefação
10. *Approved Document K (Protection from falling)* – Proteção contra quedas
11. *Approved Document L (Conservation of fuel and power)* – Conservação de energia
12. *Approved Document M (Access to and Use of Buildings)* – Acessibilidade e uso das edificações
13. *Approved Document N (Glazing safety) From 6 April 2013 - Only relevant to Wales* – Vidros de segurança
14. *Approved Document P (Electrical Safety)* – Segurança das instalações elétricas
15. *Part Q (Security: Dwellings)* – Segurança: moradias (segurança patrimonial)
16. *Approved Document 7 (Workmanship and Materials)* – Acabamento e materiais

No mesmo portal *Planning Portal* podem ser encontrados os Guias de Boas Práticas, também produzidos pelo Departamento para Comunidades e Governos Locais, onde são apresentadas as melhores formas de se alcançar determinados resultados técnicos na construção.

Ao se analisar os Documentos Aprovados (*Approved Documents*), que podem ser baixados gratuitamente do *Planning Portal*, podem ser identificadas as normas técnicas britânicas e europeias que embasam cada um deles. Tais

normas técnicas, por sua vez, estão alinhadas com a visão integradora e os preceitos de normativa exigencial introduzidos pela norma brasileira NBR-15575 – Desempenho de Edificações, em vigor desde julho de 2013.

Tal alinhamento, o qual já era esperado, tendo em vista a matriz cultural europeia da qual provém a NBR-15575, facilitou enormemente a definição de parte dos parâmetros de projeto que foram tomados como base nos levantamentos de campo, já que há uma estrutura comum e já conhecida no Brasil de requisitos a serem atendidos pelas edificações habitacionais.

Finalmente, pode-se acrescentar ao estudo sobre normas técnicas britânicas aplicáveis à habitação social as *Parker Morris standards*.

A década de 1960 trouxe consigo uma nova ênfase, e na Inglaterra e País de Gales, o planejamento interior da casa parecia avançar para a vanguarda da discussão profissional. Em 1961 o Subcomitê de Normas para Habitação do Comitê Consultivo Central de Habitação, presidido por Sir Parker Morris, publicou o influente relatório sobre normas para espaço habitacional em moradias públicas (*Council Houses*²¹) no Reino Unido intitulado “Casas para hoje

²¹ A *council house*, também conhecida como “casa da autoridade local” ou “casa do conselho”, normalmente é parte de um conjunto habitacional do Conselho, equivalente à autoridade municipal no Brasil. Trata-se, portanto, de uma forma de habitação pública ou social. O termo *council house* é usado principalmente no Reino Unido e na Irlanda. As Casas de Conselho, em uma tradução literal do termo, foram construídas e operadas pelos conselhos locais para prover habitação em áreas menos habitadas, sob a forma de casas bem construídas para locação social, com aluguéis a valores compatíveis, principalmente, com a renda de famílias da classe trabalhadora. O desenvolvimento das *council houses* teve início no final do século 19, mas atingiu seu auge em meados do século 20, período em que esse padrão de habitação expandiu-se sob a forma de grandes conjuntos localizados em zonas suburbanas e de numerosas torres habitacionais construídas nos principais centros urbanos do Reino Unido, conforme já mencionado no presente trabalho.

A partir de 1979 o modelo fundamentado nas *council houses* passa a perder força devido à introdução da legislação do Direito de Comprar, que conferia ênfase ao desenvolvimento de novas habitações sociais por iniciativa de associações de habitação. No entanto, uma parte substancial da população do Reino Unido ainda vive em habitação social. Em 2010, cerca de 17% dos lares britânicos vivia em *council houses*, a exemplo do que ocorre no *Byker Estate* ou *Byker Wall*, localizado em Newcastle, tomado como principal estudo de caso na presente pesquisa. Cerca de 55% do parque habitacional social da Inglaterra é de propriedade de autoridades locais, sendo 15% deste total de habitações gerenciado por organizações privadas sem fins lucrativos denominadas *Arm's Length Management Organisations* (ALMOs) e 45% por associações de habitação.

e amanhã” - *Homes for Today and Tomorrow*. O relatório tratou da qualidade necessária para a habitação social melhor corresponder à elevação dos padrões de vida e fez uma série de recomendações a esse respeito.

Afora o relatório foram elaboradas as Normas *Parker Morris* ou *Parker Morris Standards*, estabelecidas no “Boletim de Projeto 6 - Espaço na Casa” do Ministério da Habitação. Isso possibilitou chegar a dimensões típicas para os itens habituais de mobiliário, segundo as quais o projetista da habitação deveria prever o espaço e fornecer os dados antropométricos sobre o espaço necessário para usar e mover a mobília.

Em 1967 esses padrões espaciais tornaram-se obrigatórios para todas as habitações construídas em novos centros urbanos, estendendo-se a todas habitações sociais em 1969, apesar de a esta altura os mesmos já estarem sendo adotados por muitos governos municipais. Estas normas deixaram de ser obrigatórias a partir da publicação do “Ato 1980 para Planejamento e Uso do Solo por Governos Locais”, como resposta ao crescimento dos custos de habitação e dos gastos públicos em geral.

Entre estas normas encontram-se alguns requisitos interessantes e até curiosos, tais como:

- Em moradias de um, dois e três quartos, um vaso sanitário é necessário e pode estar no banheiro.
- Uma casa geminada ou localizada na extremidade do renque de casas (*terrace houses*) para 4 pessoas deve ter uma área útil de 72 metros quadrados.
- Uma habitação para três ou mais pessoas deve ter um espaço fechado para armazenamento na cozinha, com capacidade de 2,3 metros cúbicos.
- As moradias devem ser equipadas com sistemas de aquecimento que mantenham os espaços da cozinha e de circulação a 13º Celsius e os espaços de estar e jantar, a 18º Celsius, quando a temperatura externa for de 1º Celsius negativo.

No setor privado as *Parker Morris Standards* influenciaram a normas de 1967, bem como as subsequentes, estabelecidas pelo *National House Builders' Registration Council*, atual Conselho Nacional de Habitação, apesar de não terem sido adotadas da mesma forma como estavam escritas. No entanto, percebe-se claramente que a maior parte da produção habitacional atual, tanto pública como privada, é construída ignorando o cumprimento das normas “Parker Morris” para área e espaço de armazenamento. Isso levou à decisão, em 2008, pela antiga agência governamental *English Partnerships*, de reintroduzir padrões mínimos, os quais consistem em espaços 10% mais generosos do que os previstos na *Parker Morris* para empreendimentos privados.

Posteriormente, o Gabinete do Presidente da Câmara de Londres também optou por adotar um Guia de Projetos para Habitação dentro da cidade, publicado em 19 de agosto de 2010, que passou a ser aplicado a partir de abril de 2011.

Lições sobre a construção habitacional na Grã-Bretanha

Particularmente na Grã-Bretanha, é possível observar que durante os anos 1960 e 1970 foi implantado um programa massivo de conjuntos de edifícios em altura, as chamadas torres habitacionais, utilizando sistemas de pré-fabricação pesada, majoritariamente à base de grandes painéis de concreto, para superar o déficit extremo de habitação social no período (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993).

Boa parte destes conjuntos habitacionais construídos na Grã-Bretanha mostrou-se problemática com o passar do tempo, alguns deles por sérias deficiências técnicas, mas outros por questões nitidamente sociais, nas palavras de Kellett (KELLETT, 1990) ²², tais como o descaso com a conservação e manutenção, o vandalismo e a intensificação de condutas antissociais entre parte dos moradores. A partir do final da década de 1990 deu-se início à

²² KELLETT, Peter. ¿Tecnología inapropiada? Experiencias de vivienda social en Gran Bretaña. In: Informes de la Construcción, Vol. 42 n ° 409, septiembre/octubre, 1990. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990

demolição de milhares destas habitações, a maioria das quais com apenas cerca de 20 anos de vida.

No decorrer da década de 1970 duas realizações singulares tiveram lugar na cidade inglesa de Newcastle upon Tyne, famosas por motivos diametralmente opostos. A primeira destas realizações, o conjunto habitacional “Killingworth Towers”, foi um projeto modernista premiado, com evidenciadas feições corbusianas, em estilo Brutalista, projetado pelo Killingworth Development Group e construído com o uso de grandes painéis pré-fabricados de concreto armado. O “Killingworth Towers”, devido às questões sociais já citadas, teve sua demolição iniciada em 1987 (Figura 8), não restando atualmente qualquer vestígio de sua breve existência. Na visão de Kellett, neste projeto “o arquiteto possuía a convicção romântica de que seu desenho criaria não só um ambiente agradável, seguro e saudável, senão também uma ‘comunidade’ contente... (KELLETT, 1990)”.

A segunda destas realizações, o conjunto “Byker Wall”, difere do “Killingworth Towers”, sobretudo, quanto ao papel desempenhado pelo usuário no processo de construção de sua proposta arquitetônica e urbanística. Projetado pelo notável arquiteto e urbanista modernista britânico-sueco Ralph Erskine (1914 –2005) (McCOMBIE, 2009) ²³, o “Byker Wall” contou com a participação ativa de parte de seus usuários nos processos de planejamento e de tomada de decisões, que envolveram a construção de suas próprias casas. Ralph Erskine facilitou este processo participativo, estabelecendo seu escritório no local da própria obra (COPUR, 2008) ²⁴ (Figura 9).

O “Byker Wall” é considerado, na atualidade, um dos mais importantes conjuntos habitacionais construídos por iniciativa pública no mundo, mais especificamente na década de 1970. Durante este período foram muitos os conjuntos habitacionais executados nesta mesma categoria, que enfrentaram problemas sociais, culturais, ambientais e econômicos.

²³ McCOMBIE, Grace. Newcastle and Gateshead (Pevsner Architectural Guides). New Haven: Yale University Press, 2009

²⁴ COPUR, Ulker. Towards sustainable regeneration initiatives for Byker Wall, New Castle upon Tyne. Bristol: School of Architecture - Roger Williams University, 2008

Populações operárias residentes em cidades industriais da Inglaterra (Figura 10), a exemplo de Newcastle upon Tyne na época em que se decidiu pela construção do “Byker Wall”, padeciam de condições de vida insalubres. Para melhorar seus padrões de vida era necessário realocar estas populações em assentamentos onde as condições habitacionais fossem substancialmente melhores.

Neste contexto o City Council de Newcastle nomeou Ralph Erskine para projetar o “Byker Estate” ou “Byker Wall”, para abrigar, aproximadamente, 9.500 moradores. Segundo Copur (COPUR, 2008), a visão de Erskine foi a de planejar um entorno físico diversificado, integrado a recursos ambientais e equipamentos sociais.

Figura 8 - Demolição do conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle) em 1987 – Ano Internacional das Pessoas Sem Moradia da ONU

Fonte: <http://fields.eca.ac.uk/gis/wp-content/uploads/2010/02/ne-55.jpg> (28/04/13)

Figura 9 - Crianças com Ralph Erskine em seu escritório localizado em Byker, Newcastle upon Tyne (ERSKINE, 1977), espaço atualmente ocupado pelo Byker Community Trust Office – fotógrafo desconhecido

Sirkka-Liisa Konttinen

Figura 10 - Kendal Street (1969) no antigo bairro operário de Byker, em Newcastle, na visão da legendaria fotógrafa Sirkka-Liisa Konttinen, uma das entrevistadas da pesquisa

Como muitos outros projetos de habitação, ao longo do tempo o “Byker Wall” teve também seus períodos de declínio e chegou a se desviar do caminho originalmente planejado para o seu funcionamento. Mais recentemente, no entanto, em um momento que já era propício para sua reabilitação, o “Byker Wall” foi incluído na lista oficial de edifícios de especial interesse histórico e arquitetônico, tendo alcançado o Grau II nesta classificação, como um dos exemplos mais significativos de habitação social na Grã-Bretanha (COPUR, 2008).

Hoje, passados 40 anos desde a sua construção, o “Byker Wall” ainda conserva suas características originais, mas assume uma dimensão icônica como reconhecido e bem-sucedido exemplo de incorporação do conceito de sustentabilidade em vários sentidos, seja do ponto de vista tecnológico seja do ponto de vista social.

Portanto, não por acaso, este texto reflexivo é fruto de uma pesquisa de pós-doutorado que tem como foco o usuário e seu papel como protagonista e agente de projeto em processos participativos.

A pesquisa tem como principal estudo de caso, precisamente, o conjunto habitacional “Byker Wall”, construído com a participação ativa de seus usuários nos processos de planejamento e de tomada de decisões, e busca estabelecer possíveis conexões entre aquela notável realização e projetos participativos realizados no Brasil a partir da década de 1980, sob uma clara influência das cooperativas habitacionais uruguaias de ajuda mútua.

A partir de levantamentos bibliográficos e de campo, foram analisadas as principais características físicas definidoras do “Byker Wall”, bem como as dimensões simbólico-afetivas alcançadas por este empreendimento social entre seus moradores.

Com isso acredita-se ser possível vislumbrar as possibilidades oferecidas pelos processos participativos na construção habitacional, que venham a superar uma visão puramente produtivista, à procura de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat.

Em busca de uma superação do paradigma produtivista

Finalmente, cabe aqui pontuar alguns dos tópicos principais que orientam a presente reflexão, a começar pela questão do histórico déficit quantitativo de habitações existente no País e a proposta do Programa “Minha Casa, Minha Vida” como forma para atenuá-lo significativamente.

Por um lado, pode-se dizer que parte das deficiências qualitativas que vêm sendo observadas no programa, desde o seu início, podem hoje ser equacionadas, parcialmente, por meio da aplicação dos preceitos contidos na norma brasileira de Desempenho de Edificações (NBR-15575:2013), que institui parâmetros técnicos para vários requisitos importantes de uma edificação e determina um nível mínimo obrigatório para cada um deles, com foco no usuário.

Ou seja, desde 2013 é possível realizar MEDIÇÕES do desempenho do edifício, segundo critérios quantificáveis.

Por sua vez, as normas de desempenho são estabelecidas buscando atender aos requisitos dos usuários, que, a exemplo da norma NBR-15575, referem-se aos sistemas construtivos que compõem as edificações habitacionais, independentemente dos seus materiais constituintes e do próprio sistema construtivo adotado.

Tal orientação se enquadra dentro do que aqui se chama de **NORMATIVA EXIGENCIAL**, apoiada em uma abordagem aberta a qualquer solução tecnológica, abandonando o enfoque anterior, exclusivamente produtivista, e adotando um conceito ampliado do que vem a ser **USUÁRIO**.

Por outro lado, porém, **DEFICIÊNCIAS QUALITATIVAS** têm sido observadas também com relação à arquitetura e ao urbanismo, porém mais difíceis de serem medidas, ainda que amplamente perceptíveis. Daí a proposição de aqui se fazer uma reflexão a respeito do tema: “Design Arquitetônico: Uma Abordagem Projetual com foco no usuário”.

Ao longo dos seis meses em que se teve a oportunidade de realizar a pesquisa de pós-doutorado em Newcastle, foi possível trabalhar na consolidação da pesquisa teórica a respeito dos programas habitacionais na Grã-Bretanha

após a 2ª Guerra Mundial e do estudo das normas técnicas britânicas aplicáveis à habitação social.

Além do excepcional inventário das realizações do Segundo Pós-Guerra, trabalho de Miles Glendinning e Stefan Muthesius (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993)²⁵ do qual já se tinha conhecimento, pôde-se ter acesso direto às várias pesquisas empreendidas pelo Dr. Peter Kellett —docente da School of Architecture, Planning and Landscape da University of Newcastle e colaborador no projeto de pesquisa em referência— durante os anos 1990, a exemplo daquela registrada no artigo “The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain” (KELLETT e TAVERNOR, 1995)²⁶.

Além disso, foi possível avançar no estudo comparativo entre projetos participativos na América Latina (Uruguai e Brasil) e na Grã-Bretanha (Newcastle upon Tyne), bem como entre as práticas das cooperativas habitacionais que atuam em cada um destes âmbitos.

A estes estudos comparativos, já previstos na proposta inicial de pesquisa, foi acrescido o SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal e resultante de um movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, à raiz da Revolução do 25 de Abril ou, como também é conhecida, Revolução dos Cravos, em 1974.

²⁵ GLENDINNING, Miles & MUTHESIUS, Stefan. Tower block; modern public housing in England, Scotland, Wales, and Northern Ireland. New Haven and London: The Paul Mellon Centre for Studies in British Art by Yale University Press, 1993.

²⁶ KELLETT, Peter and TAVERNOR, Bill. The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain. In: XXIII IAHS World Housing Conference: Excellence in Housing: Prospects and Challenges, Singapore, September 1995

Figura 11 - Evento “Ambulatório: conversas abertas nos bairros do SAAL-Norte”, com o Prof. José António Bandeirinha, o residente de São Vítor Sr. Alberto Villas-Boas e o Arq. Eduardo Souto de Moura, no Porto em 17/01/2015

Este pesquisador pôde conhecer em janeiro de 2015, de forma aprofundada, o que foi a experiência do SAAL, na oportunidade em que visitou a Exposição “O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976”²⁷, que

²⁷ SARDO, Delfim (curador). O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976. Exposição. Porto: Museu de Serralves em colaboração com o Canadian Center for Architecture, Montreal – Porto, de 01 nov 2014 a 01 fev 2015

Esta é a primeira grande exposição dedicada ao SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), um projeto arquitetônico e político criado poucos meses depois do 25 de Abril de 1974. Esta fusão entre arquitetura e participação direta, numa tentativa de atender às necessidades de populações desfavorecidas, foi um dos projetos mais pioneiros na Europa do seu tempo. A exposição apresenta 10 projetos exemplares do SAAL através de maquetes, fotografias históricas, gravações sonoras, documentários e filmes de 8 e 16mm. A mostra também promove uma reflexão contemporânea sobre as repercussões do SAAL, incluindo uma série de encomendas fotográficas realizadas pelos fotógrafos André Cepeda, José Pedro Cortes e Daniel Malhão que apresentam o estado atual de alguns dos projetos mais emblemáticos do SAAL e uma instalação da artista Ângela Ferreira, especialmente criada para a exposição e que lida com a memória histórica e política

teve lugar no Museu de Arte Contemporânea de Serralves na cidade do Porto, em Portugal. A exposição, bem como os diversos encontros a que esta deu ensejo (Figura 11), teve como objetivo envolver cidadãos de várias gerações em torno do legado material e imaterial decorrente do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), lançado durante o período revolucionário pós-25 de Abril de 1974, particularmente no Porto.

O SAAL constituiu um programa de habitação social promovido por associações de vizinhos, que em busca de uma solução de habitação digna e da garantia do direito à cidade, teve ao seu lado as Brigadas Técnicas, como foram denominadas as equipes técnicas do Serviço de Apoio Ambulatório Local. Em sua maioria as Brigadas Técnicas eram formadas por jovens arquitetos e estudantes, que elaboravam planos e projetos para áreas degradadas em zonas centrais e periféricas das cidades do Porto, Lisboa e Évora.

Entre outros protagonistas do SAAL encontram-se dois ilustres arquitetos portugueses laureados com o prémio Pritzker, reconhecido como a mais alta comenda mundial da arquitetura: Álvaro Siza (1992) e Eduardo Souto de Moura (2011).

Se por um lado o estudo comparativo em referência apoiou-se em uma abordagem mais ampla a respeito do habitat social e infraestrutura iniciado no Programa Ibero-americano de Cooperação CYTED-Ciencia y Tecnología para el Desarrollo ²⁸, ao qual este pesquisador já está vinculado há mais de 25 anos e

de um dos momentos mais marcantes para a sociedade e para a arquitetura portuguesas.

²⁸ O Programa CYTED foi criado em 1984 através de um Acordo Internacional assinado por 19 países da América Latina, Espanha e Portugal, perfazendo o total de 21 países participantes. O CYTED é definido como um programa internacional de cooperação científica e tecnológica multilateral, com carácter horizontal e de âmbito ibero-americano. Desde 1993, o CYTED vem organizando anualmente as conferências científicas preparatórias das Cúpulas Ibero-Americanas de Chefes de Estado e de Governo e em 1995 foi elevado à condição de programa de cooperação permanente. Os 21 países signatários do CYTED atuam no programa através dos Organismos Nacionais de Ciência e Tecnologia, caso do nosso CNPq- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O programa tem como objetivos principais fomentar a cooperação no campo da pesquisa científica aplicada e do desenvolvimento tecnológico, através da transferência de conhecimentos e da mobilidade de cientistas e especialistas; contribuir para a modernização dos equipamentos de produção e melhorar a qualidade de vida das

no qual teve a oportunidade de integrar quatro projetos, dois deles como coordenador internacional, por outro, os dados consolidados a respeito de projetos habitacionais participativos na América Latina, particularmente no Brasil e no Uruguai, advêm dos levantamentos a que se procedeu nestes projetos CYTED, além do fato deste pesquisador ter atuado como consultor do PNUD- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento junto ao MVOTMA- Ministerio de Vivienda, Ordenamiento Territorial y Medio Ambiente do Uruguai, durante todo o ano de 2006.

No que se refere aos projetos participativos no Brasil, considerou-se principalmente a conexão existente entre a experiência das cooperativas uruguaias e o primeiro mutirão habitacional levado a cabo na cidade de São Paulo (1979), pioneiro no Brasil, em Vila Nova Cachoeirinha - bairro da Freguesia do Ó, do qual este pesquisador participou entre os anos 1980 e 1990, tendo sido responsável pela implantação da tecnologia de pré-fabricação leve utilizada na última etapa de construção deste conjunto habitacional da cidade de São Paulo.

Portanto, os estudos comparativos entre projetos participativos que tiveram lugar na América Latina e na Grã-Bretanha, depois acrescidos da notável experiência do SAAL em Portugal, conformaram a base fundamental a partir da qual se projetaram os levantamentos de campo e as entrevistas contextuais executadas no conjunto habitacional “Byker Wall”, em colaboração com a School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University, na pessoa do Dr. Peter Kellett e outros colaboradores indicados mais adiante.

Os parâmetros de projeto, tomados como fio condutor dos levantamentos de campo empreendidos no “Byker Wall”, converteram-se em uma abordagem

sociedades ibero-americanas. O CYTED é considerado na atualidade o maior e mais importante programa internacional multilateral em Ibero América, mobilizando mais de 10.000 técnicos e científicos neste âmbito. Constitui um instrumento adequado para o fomento da cooperação no campo da investigação aplicada, do desenvolvimento tecnológico e da inovação, propiciando a obtenção de resultados científicos e tecnológicos transferíveis para os sistemas de produção e as políticas sociais dos países ibero-americanos, incidindo, assim, na modernização da produção e na melhoria da qualidade de vida.

tanto mais relevante na medida em que este pesquisador passou a residir no conjunto habitacional.

Após algumas gestões bem-sucedidas e contando com o apoio inestimável de uma pequena rede social que o pesquisador pôde construir gradativamente, dentro e fora da Universidade, em 1º de dezembro de 2014 passou-se a residir no “Byker Wall”, onde se permaneceu até 13 de março de 2015. Portanto, a busca insistente de uma aproximação entre a arquitetura e a pesquisa etnográfica, dentro da visão aqui adotada para realização de uma “etnografia espacializada”, foi amplamente favorecida pela decisão de residir dentro do *Byker Estate*, constituindo a partir daí o principal produto da pesquisa de campo.

Os parâmetros de projeto considerados nas inspeções de campo e entrevistas contextuais, os quais incluem a implantação, o nível de adensamento, o conforto ambiental e, especialmente, a satisfação do usuário, passaram a fazer parte da vivência cotidiana do próprio pesquisador.

Outros aspectos da base empírica do trabalho, a exemplo da inserção urbana do “Byker Wall”, entre outras questões relevantes, tais como as dimensões simbólicas e afetivas alcançadas por este empreendimento social ao longo de mais de 40 anos, puderam ser averiguadas e aferidas por meio de entrevistas qualitativas com residentes e não residentes no conjunto habitacional.

Ou seja, ainda que o trabalho pudesse lançar mão de instrumentos tais como as metodologias de certificação ambiental, atualmente tão em voga na construção civil, fazendo uso de uma das duas certificações ambientais mais utilizadas na construção civil brasileira, caso do LEED (Leadership in Energy and Environmental Design) e o Processo AQUA (Alta Qualidade Ambiental), optou-se por uma leitura mais humanizada do espaço urbano, que aproxima a arquitetura e o urbanismo, de fato, da grande área das ciências sociais aplicadas.

CAPÍTULO 2

A participação do morador no projeto

Conforme já comentado, os estudos comparativos entre projetos participativos que tiveram lugar na América Latina e na Grã-Bretanha, acrescidos da notável experiência do SAAL em Portugal, conformaram a base fundamental a partir da qual se projetaram os levantamentos de campo e as entrevistas contextuais executadas no conjunto habitacional “Byker Wall”, em colaboração com a School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University.

A partir deste estudo exploratório, baseado no exercício de espacialização dos dados, mediante os registros fotográficos das informações, considerando-se a escala local e as cenas da vida cotidiana, buscou-se colocar em prática aquilo que Lansky denominou como forma etno-gráfica espacializada (LANSKY, 2012).

Algumas premissas para o estudo do papel do usuário

Tomando o tema aqui proposto, qual seja, o estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos, buscou-se na pesquisa entender o conjunto das possíveis convergências entre o notável exemplo do conjunto habitacional Byker Wall, localizado naquela cidade inglesa e as experiências de natureza similar ocorridas no Brasil, sob inspiração das cooperativas uruguaias de habitação por ajuda mútua. A elas ainda foi acrescido, no decorrer da pesquisa, o caso do SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal, em meio ao movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, após a Revolução do 25 de Abril, em 1974.

Procurou-se explorar, acima de tudo, quais os possíveis nexos em termos tecnológicos, econômicos, sociais e ambiental, a partir de um estudo comparativo que tomou o conjunto Byker Wall não como uma referência a ser replicada nas distantes realidades brasileira e latino-americana, mas como uma descoberta inesperada, ocorrida há três anos, quando se conheceu este exemplo eloquente de uma produção habitacional pública, que alcançou uma reconhecida qualidade arquitetônica e urbanística. Importante recordar que o

Byker Wall é, desde 2007, um conjunto habitacional listado como patrimônio Histórico e Arquitetônico da Inglaterra, classificado como Grau II, em função de sua reconhecida importância.

Para poder estudar, de fato, o papel do usuário como protagonista e agente de projeto no caso do Byker Wall era necessário, inicialmente, conhecer com mais detalhes o que foi a experiência participativa de projeto promovida por Erskine e sua equipe no final dos anos 1960 e no decorrer dos anos 1970.

Para tanto, a estratégia adotada por este pesquisador incluiu, por um lado, o levantamento da bibliografia que descrevia o processo participativo adotado à época, além de entrevistas contextuais com antigos moradores e arquitetos que fizeram parte da equipe de Erskine.

Em seguida, era fundamental identificar quaisquer sinais ou ecos do processo original de projeto participativo em Byker, nos dias de hoje. Para esta última aproximação foi fundamental a abordagem etnográfica proposta na pesquisa, favorecida decisivamente pela imersão na vida do conjunto habitacional, onde o pesquisador morou por quase quatro meses e teve a oportunidade de ser, de fato, um residente. Tal imersão facilitou o acesso direto a moradores, líderes comunitários e às autoridades locais, ali representadas pelo Byker Community Trust ²⁹.

Portanto, a tão desejada aproximação entre a arquitetura e a pesquisa etnográfica, dentro da visão adotada para realização de uma “etnografia espacializada”, foi amplamente favorecida pela decisão de residir dentro do *Byker Estate*, constituindo a partir daí o principal produto da pesquisa de campo.

²⁹ Criado em setembro de 2011, o *Byker Community Trust* (BCT) foi constituído ao abrigo do *Industrial and Provident Society Act 1965*, com o apoio da autoridade local de Newcastle, para cuidar dos interesses do *Byker Estate* e de seus moradores. BCT é também um provedor autorizado de habitação social. Em julho de 2012 foi concluída a transferência de 1.800 unidades habitacionais do *City Council* de Newcastle para o BCT, que se tornou proprietário deste patrimônio. A criação de BCT teve o completo apoio do governo local de Newcastle, por meio da *Homes and Communities Agency* and *English Heritage*. A proposta para a transferência deste imenso patrimônio também contou com o apoio dos inquilinos residentes nas casas pertencentes à municipalidade, que foram consultados e votaram a favor da medida em Junho/Julho de 2011 - <http://www.bykercommunitytrust.org/byker-trust> (acessado pela última vez em 14/04/2015)

As cooperativas habitacionais uruguaias, a produção por ajuda mútua em São Paulo e o projeto SAAL após a revolução do 25 de abril em Portugal

Algumas conexões possíveis podem ser criadas, de imediato, entre o paradigmático “Byker Wall” e as realidades latino-americana e brasileira, caso recordemos o conhecido modelo das cooperativas uruguaias de ajuda mútua, disseminado no continente ao longo dos anos 1980. A estas podemos acrescentar também o caso do SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal e resultante de um movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, após a Revolução do 25 de Abril, em 1974.

Benjamín Nahoum, docente e pesquisador da Universidad de la República del Uruguay e assessor da FUCVAM-Federación Uruguay de Cooperativas de Vivienda por Ayuda Mutua, em seu artigo “Cuatro décadas de cooperativas de vivienda en Uruguay: Cambios y permanencias” (NAHOUM, 2010) ³⁰ faz um balanço da atuação das cooperativas de habitação por ajuda mútua, nascidas entre o final dos anos 1960 e o início da década de 1970, gerando um modelo posteriormente replicado em vários programas habitacionais brasileiros, os quais resultaram na construção de milhares de unidades habitacionais no início dos anos 1990, tanto por iniciativa do governo municipal de São Paulo como, posteriormente, da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) do Estado de São Paulo.

Nestas realizações, cuja qualidade arquitetônica e urbanística é amplamente reconhecida e se converteu em objeto de estudo de vários trabalhos acadêmicos, tem como uma de suas marcas principais a participação dos usuários no planejamento e nos projetos das edificações (WHITAKER, 2012)

³¹ .

³⁰ NAHOUM, Benjamín. Cuatro décadas de cooperativas de vivienda en Uruguay: Cambios y permanencias. In: Revista OSERA, número 3. Buenos Aires: Instituto de investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales - Universidad de Buenos Aires, 2010.

³¹ WHITAKER, João Sette (org.). Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil. São Paulo: LABHAB, FUPAM, 2012.

Por outro lado, é Nahoum também quem afirma que não é possível pensar em autogestão a cargo dos usuários (*pobladores*) sem o preparo necessário para desempenhar tarefas administrativas e tomar decisões, sem uma assessoria multidisciplinar e que ao mesmo tempo forme e capacite. Esse foi o papel que a lei — Lei Nacional de Habitação do Uruguai (Nº 13.728 de 1968) — atribuiu aos institutos técnicos, constituídos por arquitetos, engenheiros, advogados, entre outros profissionais, sem o que o cooperativismo por ajuda mútua não haveria alcançado o grau de desenvolvimento a que chegou (NAHOUM, 2010).

No presente texto reflexivo busca-se estabelecer possíveis conexões e análises comparativas entre projetos participativos executados no Brasil, sob uma clara influência das cooperativas autogestionárias uruguaias, e o modelo suscitado pelo conjunto habitacional “Byker Wall”, construído em Newcastle upon Tyne, na Inglaterra, analisando-se, basicamente, o papel ocupado pelo usuário no processo de construção das propostas arquitetônicas e urbanísticas, em cada caso.

Já o SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local (1975 a 1976) foi conhecido em maior detalhe por este pesquisador em janeiro de 2015, na oportunidade em que visitou a Exposição “O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976”³², que teve lugar no Museu de Arte Contemporânea de Serralves na cidade do Porto, em Portugal. A exposição, bem como os diversos

³² SARDO, Delfim (curador). O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976. Exposição. Porto: Museu de Serralves em colaboração com o Canadian Center for Architecture, Montreal – Porto, de 01 nov 2014 a 01 fev 2015

Esta é a primeira grande exposição dedicada ao SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local), um projeto arquitetônico e político criado poucos meses depois do 25 de Abril de 1974. Esta fusão entre arquitetura e participação direta, numa tentativa de atender às necessidades de populações desfavorecidas, foi um dos projetos mais pioneiros na Europa do seu tempo. A exposição apresenta 10 projetos exemplares do SAAL através de maquetes, fotografias históricas, gravações sonoras, documentários e filmes de 8 e 16mm. A mostra também promove uma reflexão contemporânea sobre as repercussões do SAAL, incluindo uma série de encomendas fotográficas realizadas pelos fotógrafos André Cepeda, José Pedro Cortes e Daniel Malhão que apresentam o estado atual de alguns dos projetos mais emblemáticos do SAAL e uma instalação da artista Ângela Ferreira, especialmente criada para a exposição e que lida com a memória histórica e política de um dos momentos mais marcantes para a sociedade e para a arquitetura portuguesas.

encontros a que esta deu ensejo, teve como objetivo envolver cidadãos de várias gerações em torno do legado material e imaterial decorrente do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), lançado durante o período revolucionário pós-25 de Abril de 1974, particularmente no Porto.

O principal caso estudado na pesquisa comentada, no entanto, foi de fato o conjunto habitacional “Byker Wall”, considerado, atualmente, um exemplo notável de boa prática, tanto no contexto inglês como europeu, e que contou com a participação ativa de parte de seus usuários nos processos de planejamento, projeto e tomada de decisões que envolveram a construção de suas casas.

O “Byker Wall” de Newcastle upon Tyne

A reflexão aqui apresentada está fundamentada nos levantamentos de campo e nas entrevistas contextuais a que se procedeu no conjunto habitacional “Byker Wall”, principal estudo de caso da pesquisa de pós-doutorado realizada em Newcastle (UK) entre setembro de 2014 e março de 2015.

Devido às dimensões do conjunto, que conta com mais de 1.800 unidades habitacionais, mas principalmente em função da diversidade tipológica de tais unidades, o que tornava complexo, até mesmo, o ato de descrever o “Byker Wall”, desde o início se optou pela realização de entrevistas contextuais e semiestruturadas, por meio de diálogos informais e presenciais com moradores do conjunto, preferencialmente residentes em diferentes tipos de casas e apartamentos.

Os parâmetros de projeto, tomados como fio condutor dos levantamentos de campo empreendidos no “Byker Wall”, baseiam-se nas inspeções de campo e entrevistas contextuais, e incluem a implantação, o nível de adensamento, o conforto ambiental e, especialmente, a satisfação do morador, caso do próprio pesquisador, que passou a residir no conjunto habitacional.

A despeito de instrumentos que o trabalho pudesse lançar mão, como, por exemplo, as metodologias de certificação ambiental LEED (Leadership in Energy and Environmental Design) ou Processo AQUA (Alta Qualidade Ambiental), optou-se por uma leitura mais humanizada do espaço urbano, buscando

aproximar a arquitetura e o urbanismo da grande área das ciências sociais aplicadas.

Baseando-se no exercício de espacialização dos dados, mediante o cruzamento de registros fotográficos com as informações levantadas, consideradas a escala local e as cenas da vida cotidiana, buscou-se colocar em prática aquilo que se poderia chamar de uma etnografia espacializada.

A bem da verdade, surpreendeu a este pesquisador a quantidade e a qualidade do material coletado em Newcastle, seja na etapa de levantamentos bibliográficos seja na pesquisa de campo e entrevistas. Algumas aspirações que haviam sido projetadas quanto aos levantamentos de campo e entrevistas, no entanto, foram frustradas por questões climáticas locais. Devido às baixas temperaturas externas no período em que foram realizados os estudos de campo, que chegavam a cinco graus Celsius negativos (-5°C), com sensação térmica de dez graus Celsius negativos (-10°C) ao meio-dia, combinadas com o vento dominante vindo do Mar do Norte, ficaram inviabilizadas as entrevistas contextuais e os registros gráficos (croquis) ao ar livre, seja pelo frio inclemente, que desaconselhava a permanência em ambientes externos, seja pelo ruído do vento nas gravações de entrevistas, que as tornavam ininteligíveis na etapa de transcrição.

Apesar de tais limitações, que poderiam representar um revés importante, no contexto de uma complexidade que não havia sido prevista, ainda assim, foi possível manter os objetivos propostos na pesquisa.

Buscou-se com isso restabelecer as condições para realização da leitura humanizada do espaço urbano, aqui considerada indispensável, onde se verificou em que medida espaços projetados para usuários reais, e não hipotéticos, correspondem de fato às aspirações da comunidade que neles passou a viver.

Por meio das pesquisas de campo e das entrevistas realizadas durante seu período de residência em Byker, este pesquisador pôde lançar mão e, ao mesmo tempo, melhor captar os sentimentos de pertencimento e de ligação com o local que unem a atual população residente no conjunto habitacional, na

medida em que o processo de apropriação permanece vivo e afeta aos espaços locais da requalificação em curso atualmente.

A opção deliberada pelo uso de técnicas etnográficas, por outro lado, procura superar certa tendência a uma pseudo-objetividade que parece animar alguns pesquisadores que, mesmo inseridos no campo das ciências sociais aplicadas, casos da arquitetura e do design, permanecem empregando técnicas e métodos mais adequados às ciências exatas e biológicas, talvez almejando conferir um verniz tecnicista que lhes proteja a produção intelectual.

Neste movimento de reaproximação entre o pesquisador-arquiteto e o morador, foram tomadas mais de 500 imagens e registradas mais de 25 entrevistas, perfazendo um total de quase 30 horas de gravação. As questões formuladas individualmente nas entrevistas contextuais serviram como ponto de partida aos diálogos informais pretendidos, quase um pretexto para que os respondentes desenvolvessem a sua narrativa pessoal a respeito do objeto de estudo.

Por fim, é necessário destacar o apoio do Dr. Peter Kellett³³, supervisor do projeto de pesquisa executado em Newcastle, cuja formação inclui um doutorado em Arquitetura e Antropologia Social, e o sólido respaldo conferido às pesquisas pelos recentes estudos da Dra. Sophie Yarker³⁴ sobre o “Byker Wall”, disponibilizados pessoalmente pela pesquisadora e que muito colaboraram também para se alcançar o nível de aproximação entre a arquitetura e a pesquisa etnográfica que se aspirava.

A abordagem empírica baseada no uso dos métodos qualitativos apontados mostrou-se adequada ao cumprimento dos objetivos preconizados no projeto de pesquisa, na medida em que isso significou, em sua essência, romper com a visão de se projetar espaços para usuários hipotéticos.

³³ Docente e pesquisador da *Global Urban Research Unit (GURU)* da School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University

³⁴ Docente e pesquisadora do *Centre for Urban and Regional Development Studies (CURDS)* da School of Geography, Politics and Sociology da Faculty of Humanities and Social Sciences, da Newcastle University

Com isso foi possível realizar a reaproximação entre o pesquisador-arquiteto e o sujeito (usuário), prática aqui considerada como um valor indispensável no exercício de espacialização dos dados, mediante os registros das informações, considerando-se a escala local e as cenas da vida cotidiana, buscando-se com isso uma leitura mais humanizada do espaço urbano.

Além das entrevistas qualitativas com residentes do “Byker Wall”, foi possível também realizar entrevistas com dois dos arquitetos da equipe original de Ralph Erskine, Roger Tillotson e Michael Drage, envolvidos diretamente com o uso de metodologias participativas no desenvolvimento inicial deste projeto habitacional. Por sua vez, foram entrevistados também membros de cooperativas habitacionais em atividade na cidade de Newcastle, com as quais este pesquisador já mantinha contato desde 2012.

O alcance da pesquisa com relação aos objetivos preestabelecidos

O objetivo geral da pesquisa, aqui apresentada sob a forma de um texto reflexivo, foi o estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto. Tal pesquisa teve como foco o estudo circunstanciado do papel do usuário no projeto do conjunto habitacional “Byker Wall”, em Newcastle upon Tyne, no Reino Unido.

Entre os objetivos específicos preestabelecidos para a pesquisa em referência, encontravam-se:

- a. Tomando como estudo de caso o conjunto habitacional “Byker Wall”, projetado pelo arquiteto e urbanista Ralph Erskine, e considerado atualmente um exemplo notável de boa prática nos contextos inglês e europeu, analisar suas principais características definidoras, tais como: implantação, nível de adensamento, conforto ambiental, satisfação do usuário, inserção urbana, entre outras, mas, principalmente, as dimensões simbólicas e afetivas alcançadas por este empreendimento social ao longo de quase 40 anos.
- b. Identificar e classificar as questões pertinentes ao tema dos projetos participativos aplicados à produção habitat, segundo uma visão que

melhor represente sua contribuição para um ganho de qualidade na arquitetura e no urbanismo.

- c. Contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de indicadores de projeto que qualifiquem a produção habitacional de interesse social no Brasil, através da avaliação de aspectos tais como: proximidade de equipamentos urbanos (escolas, saúde, lazer e comércio), acessibilidade e mobilidade, adequação à topografia, oferta de equipamentos coletivos e espaços de convivência como parte dos empreendimentos, conforto ambiental, diversidade tipológica e de usos, e possibilidade de ampliação e/ou alteração das configurações espaciais da unidade habitacional, dentre outros.

Etnografia aplicada à arquitetura

Para a análise das dimensões simbólicas e afetivas alcançadas pelo “Byker Wall” ao longo de seus mais de 40 anos era fundamental compreender o papel do usuário como protagonista e agente de projeto. Buscou-se inicialmente, como já comentado, conhecer com mais detalhes o que foi esta experiência participativa de projeto promovida por Erskine e sua equipe no final dos anos 1960 e no decorrer dos anos 1970, procedendo-se, para tanto, a um levantamento da bibliografia específica que descrevia o processo participativo adotado à época.

Além disso, por meio das entrevistas contextuais programadas com antigos moradores —a exemplo de Ken Millor (Figura 12), nascido e criado em Byker, e com arquitetos que fizeram parte da equipe de Erskine, caso de Roger Tillotson (Figura 35) e Michael Drage (Figura 36)— foi possível identificar, nos dias atuais, os sinais indelévels ou os ecos do processo original do projeto participativo ocorrido em Byker à época da construção do *Byker Estate* ou *Byker Wall*.

Para isso, reafirma-se, foi fundamental a abordagem etnográfica proposta na pesquisa e possibilitada pela imersão no conjunto habitacional, onde o pesquisador teve a oportunidade de ser, de fato, um residente.

Particularmente a tese de doutorado da Dra. Yarker (YARKER, 2014)³⁵, chama a atenção para a visão mais sutil e detalhada do cotidiano da experiência de reabilitação urbana pela qual vem passando o “Byker Wall”. Mais especificamente, ela analisa a forma como os moradores locais se apropriam, interpretam e dão significado à requalificação física no contexto das representações divergentes e muitas vezes concorrentes do espaço (LEFEBVRE, 1991 citado por YARKER, 2014), por parte de planejadores, arquitetos e profissionais responsáveis pela reabilitação.

As pesquisas de campo e entrevistas realizadas durante o período de residência em Byker permitiram melhor compreender o trabalho da Dra. Yarker, captando os sentimentos de pertencimento e de ligação com o local que unem a atual população residente no conjunto habitacional, na medida em que o processo de apropriação permanece vivo e afeta os espaços locais da requalificação em curso atualmente.

A quase totalidade dos dados levantados, a partir de entrevistas semiestruturadas e contextuais — considerando-se as influências do espaço e do lugar sobre os respondentes, foi utilizada dentro da perspectiva de se explorar a forma como o uso de táticas espaciais (DE CERTEAU, 1984)³⁶, ambientes afetivos (ANDERSON, 2009)³⁷, bem como o papel da memória, podem levar a um maior conhecimento sobre a experiência complexa de reabilitação para as comunidades locais, dentro da qual se esteve imerso durante o período de quase quatro meses.

³⁵ YARKER, Sophie K. Belonging in Byker: The nature of local belonging and attachment in contemporary cities. Newcastle: School of Geography, Politics and Sociology at Newcastle University, 2014 (PhD Thesis)

³⁶ DE CERTEAU, Michel. The Practice of Everyday Life, trans. Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

³⁷ ANDERSON, Ben. Emotion, Space and Society. Durham: Department of Geography, Durham University, 2009.

Figura 12 - Entrevista com Ken Millor, líder comunitário residente em Byker desde a sua infância (local: Byker Community Centre)

Por meio de diálogos informais e presenciais com os residentes do “Byker Wall”, fazendo uso de técnicas etnográficas combinadas com inspeções visuais e levantamentos de campo, procurou-se superar uma pseudo-objetividade, para além de “posições empiristas ou construtivistas, bem como de posições universalistas totalizadoras e posições relativistas”, como afirma Rodrigues (RODRIGUES, 2014) ³⁸.

Em tal abordagem não há espaço para uma visão cientificista ou para por em prática os “truques de deus”, tomando a expressão utilizada por Donna Haraway (citada por RODRIGUES, 2014), admitindo-se que:

“a objetividade só é atingida reconhecendo a nossa situação, a localização onde nos encontramos e partimos, a nossa perspectiva

³⁸ RODRIGUES, Nuno. Entre conhecimentos situados, perspetivas parciais, posicionalidades e localizações - contributos de Donna Haraway para outra(s) geografia(s). In: XIV Colóquio Ibérico de Geografia. Guimarães: Departamento de Geografia, Universidade do Minho, 2014.

sempre parcial, e nunca de um ‘lugar nenhum’ transcendente e capaz de ‘visão infinita’ - algo que Haraway toma como ilusório e denomina de ‘god trick’, e que igualmente remete para uma falsa ‘separação sujeito-objeto’ — um olhar que reclama ‘o poder de ver e de não ser visto’, de ‘representar ao mesmo tempo que pretende escapar a ser representado’” (citada por RODRIGUES, 2014).

Acredita-se que a posta em prática desta abordagem, até certo ponto, pouco usual no campo da arquitetura, contribua para romper com a visão de se projetar espaços para usuários hipotéticos, reaproximando o pesquisador-arquiteto do sujeito, por meio de uma etnografia dos espaços. Para tanto, reafirma-se aqui o exercício de espacialização dos dados, mediante registros iconográficos das informações, considerando-se a escala local e as cenas da vida cotidiana, explorando uma leitura humanizada do espaço urbano, com alternância de posicionamentos, de perspectivas e de registros gráficos especializados, denominados por Lansky como “forma etno-gráfica espacializada” (LANSKY, 2012).

CAPÍTULO 3

Habitação na Grã-Bretanha

Conforme já antecipado, a pesquisa bibliográfica a respeito dos programas habitacionais na Grã-Bretanha após a 2ª Guerra Mundial tomou como referência documental principal o excepcional inventário promovido por Miles Glendinning e Stefan Muthesius (GLENDDINNING & MUTHESIUS, 1993), do qual já se tinha conhecimento.

Afora isso, contou-se com a experiência teórica e prática dos trabalhos em Antropologia Urbana desenvolvidos pelo Dr. Peter Kellett, colaborador direto do presente projeto de pesquisa, durante os anos 1990, a exemplo daquele que trata o artigo “The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain” (KELLETT e TAVERNOR, 1995).

A concepção moderna da habitação social na Grã-Bretanha: as “*Tower Blocks*”

Na reconstrução da Europa após a 2ª Guerra Mundial, particularmente no período entre os anos 1950 e 1970, as *Tower Blocks* ou, simplesmente, Torres —edifícios pré-fabricados em altura que se tornaram ícones da arquitetura moderna pública para habitação na Inglaterra, Escócia e País de Gales, além da Irlanda do Norte, para não falar de todo o continente europeu— foram vistas como um dos maiores triunfos do Estado de Bem-Estar Social do pós-guerra e do funcionalismo social da arquitetura moderna.

As críticas a este modelo inicial, que levaram Schmid e Testa a cunharem a expressão “projeto invertido”, vieram tardiamente, quando centenas de Torres pré-fabricadas já estavam em uso. Elas definiam um caminho através do qual um sistema construtivo era desenvolvido ou especificado sem pensar nas características intrínsecas do projeto e sua relação com as exigências do usuário (SCHMID e TESTA, 1969) ³⁹.

³⁹ SCHMID, Thomas. e TESTA, Carlo. Systems Building. Zürich: Verlag für Architektur, 1969

Glendinning e Muthesius (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993), relatam que os edifícios em altura ou torres, além de outros padrões de adensamento habitacional associados ao Modernismo, tornaram-se objeto de uma generalizada e violenta condenação. Os mesmos autores buscam romper com esta retórica polarizada, acreditando que ela mesma tenha alimentado o problema dos edifícios em altura. Ao invés disso, empreenderam uma cautelosa e abrangente análise histórica dos edifícios, na esperança de que isso pudesse ajudar a promover uma visão mais objetiva e equilibrada com relação a estas realizações.

Apesar disso, é importante que se esclareça que a realidade acabou por ser muito diferente dos sonhos e visões associados ao Modernismo. Em 1995, muitos desses projetos habitacionais concebidos com tanto entusiasmo e confiança na modernidade e no progresso tecnológico, tornaram-se símbolos de uma grande e trágica experiência, nas palavras de Kellett e Tavernor (KELLETT e TAVERNOR, 1995). O problema acabou por ser muito mais complexo do que se imaginava e as soluções, muito longe de serem racionais e simples. Boa parte do imenso parque habitacional construído no pós-guerra converteu-se em edifícios desvalorizados, que foram demolidos antes de completar 21 anos, como no caso do conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Figura 8), construído em Newcastle durante os anos 1970, conforme já mencionado no capítulo 1.

Entre 1980 e 1988, mais de 149 mil habitações foram demolidas no Reino Unido. Muitas eram casas antigas construídas no século XIX, mas uma proporção significativa era de habitações construídas após a Segunda Guerra Mundial. Até 1984, o número oficial de habitações do pós-guerra demolidas ultrapassava 10.000 e o custo da sua demolição superava os 300 milhões de libras esterlinas (KELLETT e TAVERNOR, 1995).

As demolições continuaram durante toda a década de 1990, mas, no entanto, eram apenas a parte mais visível e dramática do problema. Ainda havia mais de um milhão de habitações com características e defeitos semelhantes. Uma estimativa oficial estabeleceu nos anos 1980 um custo de 20 bilhões de libras esterlinas para resolver estes problemas (Comissão de Auditoria, 1986 – citado por Kellett e Tavernor, 1995). Estimava-se à época que o número de

moradores diretamente afetados seria de aproximadamente seis milhões, a maioria deles residente nos maiores centros urbanos.

Duas perguntas fundamentais são colocadas por Glendinning e Muthesius (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993). Em primeiro lugar: por que foram construídas tantas torres no Reino Unido, realizadas com o objetivo de proporcionar boas habitações — mais do que qualquer forma anterior de adensamento habitacional urbano? Aqui cabe explorar as crenças de arquitetos e teóricos em questões tais como adensamento, tipologias projetuais, construção e serviços, bem como algo que pode ser definido menos facilmente, mas que é igualmente importante: o senso de "comunidade" nos novos conjuntos habitacionais.

A segunda questão assume uma forma diferente. Por que houve essa rápida e massiva construção de blocos multipavimentos —cujo pico ocorreu em meados dos anos 1960— nas áreas urbanas da Escócia, Inglaterra e País de Gales? Uma ampla pesquisa, fazendo uso de fontes centrais e locais, incluindo inúmeras entrevistas, permitiu aos autores concluir que a força motriz principal era o orgulho municipal —a ousadia idealista do vereador, que no sistema político inglês ocupa o cargo de chefe do executivo local, determinado a dar novas casas a 'seu povo', tantas e tão rápido quanto fosse possível, tal como em uma 'cruzada' em favor da habitação.

Newcastle: “a Brasília do Norte”

A mesma resposta a esta segunda questão pode ser encontrada em Newcastle também, particularmente quando se estuda a figura pública de Thomas Daniel Smith ou T. Dan Smith (1915-1993), político britânico e Líder do *City Council* de Newcastle no período de 1960 a 1965⁴⁰. T. Dan Smith foi uma figura proeminente do Partido Trabalhista no nordeste da Inglaterra, de tal forma que foi apelidado como “Sr. Newcastle” — embora seus adversários o chamassem pejorativamente de *The Mouth of the Tyne* ou "A Boca do Tyne".

⁴⁰ FAULKNER, Thomas et al. Newcastle and Gateshead; Architecture and Heritage. Newcastle: Tyne Bridge Publishing; 2nd Revised edition edition, 2014

Smith, a seu tempo, buscou erradicar os antigos e precários bairros operários de Newcastle, empreendendo um grande esforço em planos de reabilitação. É dele a expressão que designaria Newcastle como "A Brasília do Norte", fazendo referência à moderna capital do Brasil, a Brasília do hemisfério sul. O Prof. John Pendlebury (PENDLEBURY, 2001), atual diretor da School of Architecture Planning and Landscape da Newcastle University e estudioso do tema, aborda este período da história em seu texto intitulado "Alas Smith and Burns? Conservation in Newcastle upon Tyne city centre 1959–68". O nome de Smith é lembrado, frequentemente, em termos negativos, tanto pela demolição que promoveu de importantes edifícios históricos localizados no centro de Newcastle, como pelos edifícios “Modernos” e de gosto duvidoso que os substituíram.

Enquanto conduzia o processo de reabilitação de sua cidade, Smith criou laços comerciais com o arquiteto John Poulson, laços estes que o levaram, em abril de 1974, a ser julgado e condenado a seis anos de prisão por corrupção (PENDLEBURY, 2001) ⁴¹. T. Dan Smith, em pessoa, atuaria mais tarde em um filme a respeito de sua vida lançado em 1987 ⁴², pela Amber Films, produtora sediada em Newcastle.

De uma maneira geral acredita-se que a abordagem teórica definida para a pesquisa não só contribuiu de forma significativa para um melhor entendimento a respeito dos programas habitacionais na Grã-Bretanha após a 2ª Guerra Mundial, mas também para a compreensão da própria história da arquitetura moderna no Reino Unido e na Europa, bem como de suas relações com as políticas sociais e a administração pública naquele período, como no caso de Newcastle durante o governo trabalhista de T. Dan Smith.

⁴¹ PENDLEBURY, John (2001). Alas Smith and Burns? Conservation in Newcastle upon Tyne city centre 1959–68. Planning Perspectives (16): 115–141.

⁴² AMBER Film (1987). T. Dan Smith; A funny thing happened on the way to Utopia. Newcastle: Amber, 1987 – 85 min., color

“Killingworth Towers” e a queda da utopia moderna

Conforme relata Kellett ⁴³ (KELLETT, 1990), um dos estudiosos que mais se dedicou a analisar o declínio da arquitetura industrializada no período do pós-guerra na Grã-Bretanha, durante os anos 1970 a situação habitacional melhorou no Reino Unido e o déficit já não era tão agudo quanto no período imediatamente anterior. As aspirações da população eram crescentes e os bairros residenciais "modernos" já não guardavam qualquer semelhança com as precárias casas geminadas ou em renque (*terraced house*) em estilo Vitoriano, que constituíam extensos bairros operários originados na Revolução Industrial, a exemplo do *Old Byker* ou o antigo bairro de Byker.

As novas habitações construídas pelo setor público no Reino Unido, também conhecidas como *Council Houses* ⁴⁴, e mesmo aquelas oferecidas no setor privado, utilizavam processos de execução tradicionais, mas incorporavam todos os serviços modernos.

⁴³ KELLETT, Peter. ¿Tecnología inapropiada? Experiencias de vivienda social en Gran Bretaña. In: Informes de la Construcción, Vol. 42 n ° 409, septiembre/octubre, 1990. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990.

⁴⁴ A *council house*, também conhecida como “casa da autoridade local” ou “casa do conselho”, normalmente é parte de um conjunto habitacional do Conselho, equivalente à autoridade municipal no Brasil. Trata-se, portanto, de uma forma de habitação pública ou social. O termo *council house* é usado principalmente no Reino Unido e na Irlanda. As Casas de Conselho, em uma tradução literal do termo, foram construídas e operadas pelos conselhos locais para prover habitação em áreas menos habitadas, sob a forma de casas bem construídas para locação social, com aluguéis a valores compatíveis, principalmente, com a renda de famílias da classe trabalhadora. O desenvolvimento das *council houses* teve início no final do século 19, mas atingiu seu auge em meados do século 20, período em que esse padrão de habitação expandiu-se sob a forma de grandes conjuntos localizados em zonas suburbanas e de numerosas torres habitacionais construídas nos principais centros urbanos do Reino Unido, conforme já mencionado neste trabalho.

A partir de 1979 o modelo fundamentado nas *council houses* passa a perder força devido à introdução da legislação do Direito de Comprar, que conferia ênfase ao desenvolvimento de novas habitações sociais por iniciativa de associações de habitação. No entanto, uma parte substancial da população do Reino Unido ainda vive em habitação social. Em 2010, cerca de 17% dos lares britânicos vivia em *council houses*, a exemplo do que ocorre no *Byker Estate* ou *Byker Wall*, localizado em Newcastle, tomado como principal estudo de caso na presente pesquisa. Cerca de 55% do parque habitacional social da Inglaterra é de propriedade de autoridades locais, sendo 15% deste total de habitações gerenciado por organizações privadas sem fins lucrativos denominadas Arm's Length Management Organisations (ALMOs) e 45% por associações de habitação.

Na medida em que a população pôde optar entre permanecer vivendo nos conjuntos "modernos", as *Tower Blocks* ou mudar-se para habitações unifamiliares tradicionais, a preferência recaiu sobre esta última alternativa. Com isso o perfil socioeconômico das populações residentes nos conjuntos habitacionais do pós-guerra passa a ser, majoritariamente, de pessoas com menos recursos econômicos, muitas vezes desempregados, fenômeno que leva à concentração de famílias e indivíduos marginalizados socialmente. A deterioração das condições de vida nestes conjuntos acabou por reforçar um estigma e uma má reputação de alguns deles, em pior situação.

Portanto, os indícios levam a crer que o declínio dos conjuntos de arquitetura modernista do pós-guerra, em que pesem as deficiências de qualidade construtivas observadas em alguns deles, teve origem em questões sociais. Os sinais evidentes deste declínio manifestam-se de diversas maneiras, como vandalismo, comportamento antissocial e criminal, que acabam por gerar um ambiente de abandono e temor, nas palavras de Kellett (KELLETT, 1990).

Conforme já comentado no capítulo inicial, o conjunto habitacional "Killingworth Towers", um projeto modernista premiado, com evidenciadas feições corbusianas, em estilo Brutalista, foi projetado pelo Killingworth Development Group e construído em Newcastle a partir de 1967 (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993), fazendo uso de uma tecnologia sueca à base de grandes painéis pré-fabricados de concreto armado —sistema construtivo industrializado Skarne (Figura 13). O "Killingworth Towers", devido às questões sociais já citadas, teve sua demolição iniciada em 1987 (Figura 14), não restando atualmente qualquer vestígio de sua breve existência de menos de 20 anos. Kellett ressalta que neste projeto predominava a visão romântica do arquiteto, que com seu desenho cria uma "nova comunidade" (KELLETT, 1990).

Assim como outros projetos semelhantes de inspiração modernista construídos à época, o "Killingworth Towers" e suas formas experimentais de ocupação tiveram um efeito inesperado nas relações sociais, mas no sentido negativo. Nas palavras de Kellett (KELLETT, 1990), não se criou uma identidade entre os membros da comunidade e tampouco os corredores suspensos se tornaram pontos de encontro e permanência dos moradores. Ao contrário, os espaços de convívio imaginado por projetistas, converteram-se em locais de

insegurança e medo, em função do comportamento antissocial que passa a marcar o conjunto habitacional em sua decadência acelerada, a qual se faz sentir, particularmente, na década de 1980.

Ironicamente, durante a pesquisa desenvolvida por Kellett (KELLETT, 1990) entre os moradores nesta mesma época, os residentes expressaram “satisfação com relação às suas casas”. Os problemas identificados tinham relação com o desenho e a forma dos conjuntos de prédios. Além disso, segundo o mesmo autor, a imagem do “lugar” é um fator de muita importância.

“Killingworth Towers” foi demolido em 1987 e em seu lugar foram construídas casas mais caras e confortáveis, os tradicionais sobrados ingleses, com telhados inclinados. Ou seja, a cultura construtiva dos britânicos parece ter falado mais alto e caminhado na direção oposta aos projetos das *Tower Blocks* pré-fabricadas. O contexto socioeconômico, por sua vez, também era outro, com o aumento da renda familiar acima dos níveis observados no pós-guerra.

A cuidadosa pesquisa desenvolvida por Kellett (KELLETT, 1990) no “Killingworth Towers” parece apontar para algumas questões que poderiam ser estendidas às demais realizações do pós-guerra na Grã-Bretanha, indicando possíveis caminhos para análise da construção habitacional em escala massiva naqueles países e na Europa.

Por um lado, a alta densidade, a grande escala, as entradas coletivas, entre outros fatores, conclui a pesquisa, não necessariamente contribuíram para criar as condições de rechaço entre os habitantes do conjunto. Conforme afirma Kellett (KELLETT, 1990), admitir isso equivaleria a aceitar os argumentos de um determinismo simplista entre o projeto arquitetônico e comportamento social.

No entanto, é Coleman (COLEMAN, 1985 citado por KELLETT, 1990) ⁴⁵ quem afirma que há uma relação direta que se pode medir e identifica variáveis no desenho que conduzem a comportamentos negativos.

⁴⁵ COLEMAN, A. Utopia on Trial: Vision and Reality in Planned Housing. London: Hilary Shipman, 1985.

Figura 13 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)

Fonte: <http://fields.eca.ac.uk/gis/wp-content/uploads/2010/02/ne-57.jpg> (28/04/13)

Figura 14 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)

Fonte: <http://fields.eca.ac.uk/gis/wp-content/uploads/2010/02/ne-56.jpg> (28/04/13)

Essa visão e as políticas que dela provêm despertaram, segundo Kellett (KELLETT, 1990), uma controvérsia. Apesar de terem sido refutadas devido a falhas teóricas e metodológicas (HILLIER, 1986 citado por KELLETT, 1990) ⁴⁶ as teses de Coleman prosperaram à época junto ao governo central da Grã-Bretanha.

Como consequência o Ministério do Interior financiou projetos de remodelação em zonas residenciais, de acordo com as teorias de Coleman, visando tentar controlar os índices de delinquência e atividades criminosas. Sobre isso, Kellett afirma: “Não pode ser coincidência que ambos, Coleman e o Governo, não queiram reconhecer a influência do contexto socioeconômico e prefiram ignorar fatores como o alto índice de desemprego e pobreza relativa”.

Kellett conclui dizendo que o argumento mais forte contra a análise simplista de Coleman talvez sejam os vários exemplos de conjuntos residenciais convencionais que sofrem os mesmos sérios problemas de vandalismo e de insatisfação de seus habitantes, ao passo que outros conjuntos de arquitetura de escala massiva e alta densidade que não demonstram os mesmos sintomas de deterioração classificados por Coleman.

Para tanto, o mesmo autor cita as pesquisas realizadas no campo da psicologia ambiental (*environmental psychology*) e o trabalho de Canter (1977) ⁴⁷, que reconhece que não existe uma só relação causal entre o homem e seu entorno, enfatizando a maneira como as pessoas atribuem valores ao seu entorno. Além disso, há que se levar em conta as interpretações que se alteram com o tempo, entre as culturas e entre indivíduos.

Em tempos mais recentes, a mesma visão é compartilhada, de certa forma, por Cardoso (CARDOSO, 2012) ⁴⁸ em seu “Design para um mundo complexo”, onde o autor fala sobre a efetividade do design sobre a complexidade

⁴⁶ HILLIER, B. City of Alice's Dreams. In: Architects Journal, 9 July; 39-41, 1986.

⁴⁷ CANTER, C. The Psychology of Place. London: Architectural Press, 1977.

⁴⁸ CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: COSAC & Naify, 2012.

da realidade, apoiando-se sobre exemplos na escala urbana e ponderando a respeito de “um sistema composto de muitos elementos, camadas e estruturas, cujas inter-relações condicionam e redefinem continuamente o funcionamento do todo”.

No mesmo livro o autor abre o debate a respeito dos níveis de ambiguidade e complexidade presentes no mundo atual, inimagináveis para o repertório modernista e suas interpretações. E conclui dizendo que os significados, anteriormente estáveis, passam a ser substituídos pela noção mais ampla de significação. “Trata-se de uma nova dimensão do pensamento projetivo, maleável, muito mais adequada para o mundo complexo em que vivemos” (CARDOSO, 2012).

Sendo assim, é preciso encarar lições como aquelas da Grã-Bretanha, entre as quais a de “Killingworth Towers” adquire uma importância singular, não a interpretando como um sinal de como as soluções habitacionais em altura fracassaram, e por isso devem ser descartadas, mesmo naquele contexto. As alternativas de habitação verticalizada continuam sendo uma solução adequada, principalmente para as moradias localizadas nos grandes centros urbanos.

Estudiosos do tema, como Glendinning e Muthesius (GLENDINNING & MUTHESIUS, 1993), relatam como os edifícios em altura ou torres, além de outros padrões de adensamento habitacional associados ao Modernismo, tornaram-se, indistintamente, objeto de uma generalizada e violenta condenação no período de “questionamento tardio”, como classifica Salas (SALAS, 1981) esse período de revisionismo da construção pré-fabricada europeia, de 1970 a 1980.

Os mesmos autores buscam romper com esta retórica polarizada, admitindo que ela mesma possa ter alimentado o problema dos edifícios em altura na Grã-Bretanha. Em seu inventário extremamente relevante, conforme já comentado anteriormente, os autores promovem uma cautelosa e abrangente análise histórica dos edifícios pré-fabricados em altura (*Tower Blocks*), na esperança de que isso possa ajudar a promover uma visão mais objetiva e equilibrada com relação a estas realizações.

Por sua vez, retomando Kellett, é preciso esclarecer que os problemas que cercam a habitação pré-fabricada em larga escala na Grã-Bretanha não são “simplesmente um problema de projeto ou de tecnologia, senão que há uma confluência de vários fatores”.

Ao se tomar contato com os problemas ocorridos na Grã-Bretanha e a solução das demolições, adotada de forma generalizada, é de se questionar, por um lado, o descarte promovido em tão pouco tempo, para edifícios com menos de 20 anos de existência.

Portanto, ao se promover um programa da magnitude do “Minha Casa, Minha Vida”, que projeta uma meta de 6,7 milhões de unidades, apontando para um uso desejável de técnicas construtivas industrializadas, é preciso refletir profundamente a respeito da natureza das demandas envolvidas e não convertê-las em um futuro passivo, seja pela sua falta de qualidade material seja pelas carências mal atendidas no campo da arquitetura e do urbanismo.

“Byker Wall” e o dissenso modernista de Ralph Erskine

Nas décadas de 1950 e 1960 o governo britânico liderou um esforço em escala nacional para reconstruir a Inglaterra, não apenas fisicamente, mas como parte de uma releitura do país e de uma ação de resgate do orgulho nacional. Os planejadores tiveram um papel preponderante neste período do Pós-Guerra, definindo diretrizes para a expansão urbana e a implantação de novos conjuntos habitacionais ⁴⁹.

Em termos de planejamento urbano, esse foi também um período de modernização, em que se alterou radicalmente a paisagem das cidades no Reino Unido e onde as arquiteturas vitoriana e georgiana preexistentes, dramaticamente destruídas em bombardeios, mal conservadas ou desprovidas de saneamento e aquecimento modernos, foram em grande parte demolidas em nome do progresso.

⁴⁹ No filme documentário “The Spirit of ‘45” (2013) o diretor britânico Ken Loach focaliza muito bem as mudanças radicais ocorridas no pós-guerra na Grã-Bretanha, sob o governo trabalhista de Clement Attlee, que chegou ao poder em 1945.

Parte dos edifícios históricos foi salva e restaurada, mas havia um consenso entre os planejadores de que estes estilos arquitetônicos não eram mais estética e simbolicamente apropriados para as cidades do Reino Unido. Em poucos lugares isso ficou tão evidente como em Newcastle upon Tyne, onde T. Dan Smith, Líder da Câmara Municipal pelo Partido Trabalhista entre 1960 e 1965, tomou para si a missão de transformar a cidade na “Brasília do Norte”, realizando uma série de intervenções urbanas controvertidas, que envolveram demolições de edifícios de reconhecido valor histórico e arquitetônico, que foram substituídos por obras modernistas de gosto, no mínimo, duvidoso.

Neste período a municipalidade de Newcastle já planejava a substituição massiva das tradicionais casas geminadas ou em renque (*terraced house*) em estilo Vitoriano, que cobriam vastas áreas de antigos bairros operários como Byker e Walker, no lado leste da cidade, e de Scotswood, Benwell e Elswick, a oeste. Mas foi somente em 1968, quando o Partido Trabalhista de T. Dan Smith perde o controle político da cidade para os Conservadores, que passa a ser colocada em prática uma nova política habitacional, fundamentada na participação da população nos processos de planejamento urbano. Como já comentado nesse trabalho e como descreve Yarker: “Embora o *Skeffington Report* já existisse desde 1969, e o *Town and Country Planning Act* de 1968 existisse antes disso, ambos enfatizando a necessidade de participação da população, os levantamentos de Davies na comunidade de *Rye Hill* em Newcastle, confirmaram que apesar dos moradores poderem apresentar reclamações, eles não eram capazes de influenciar as decisões de planejamento de qualquer maneira significativa” ⁵⁰ (DAVIES citado por YARKER, 2014, p. 116).

Portanto, por mais estranho que isso possa parecer, foi no contexto do governo Conservador de Arthur Grey, eleito Líder da Câmara Municipal de Newcastle upon Tyne em 1967, que emerge a proposta participativa de projeto do “Byker Wall”. Em termos políticos, Grey visava, certamente, conquistar maior popularidade para o seu governo com os processos participativos de

⁵⁰ YARKER, Sophie K. Belonging in Byker: The nature of local belonging and attachment in contemporary cities. Newcastle: School of Geography, Politics and Sociology at Newcastle University, 2014 (PhD Thesis)

planejamento urbano. Sendo assim, em 1968 ele encarrega Ralph Erskine de realizar o projeto de reconstrução do bairro de Byker, considerando, particularmente, o histórico profissional do arquiteto, vinculado às práticas participativas em obras de habitação na Suécia e na Inglaterra, inclusive em Newcastle. Erskine tinha atraído a atenção do Líder Conservador em função do bem-sucedido projeto habitacional que havia executado na vizinha Killingworth Township, entre 1967 e 1969 ⁵¹.

A reconstrução do bairro de Byker foi definida, inicialmente, em função dos danos provocados por bombardeios durante a guerra, da falta de instalações sanitárias domiciliares e da inexistência de aquecimento central, além dos relatos existentes sobre superlotação de casas.

Os remanejamentos habitacionais da época previam, geralmente, a construção de conjuntos de torres de apartamentos, as denominadas *Tower Blocks*. Segundo esta dinâmica, famílias eram realocadas nas novas urbanizações situadas nos subúrbios ou nos novos conjuntos habitacionais construídos na periferia da cidade, separando-se, portanto, comunidades já estabelecidas, como no caso específico de Byker (FAULKNER et al., 2014) ⁵².

No caso de Byker, segundo Yarker, os esforços concentraram-se no sentido de que a comunidade já residente no antigo bairro fosse mantida, utilizando-se para tanto um programa controlado de demolições, no qual estava previsto que os moradores permaneceriam em suas casas antigas até suas novas habitações estarem concluídas. Tal procedimento destacava-se, no caso de Byker, devido a ser esta uma abordagem bastante distinta daquelas utilizadas em outros projetos habitacionais à época. Ademais, como também relata Yarker, quando os moradores foram transferidos, houve novamente um esforço para que fossem mantidos os laços sociais mais importantes, ou seja, as redes sociais existentes no *Old Byker*. Havia também uma tentativa de definir o projeto de cada habitação com seis meses de antecedência em relação à mudança de seus

⁵¹ Hallington Mews, Killingworth Township, Newcastle (1967 - 1969)

⁵² FAULKNER, Thomas et al. Newcastle and Gateshead; Architecture and Heritage. Newcastle: Tyne Bridge Publishing; 2nd Revised edition edition, 2014

futuros ocupantes, de modo a aliviar a ansiedade e dar às pessoas a oportunidade de alterar seus planos se quisessem (YARKER, 2014, p. 119).

Em 1968, o Conselho ou *City Council* de Newcastle deu início à erradicação habitacional da população no envelhecido bairro de Byker, inicialmente para abrir caminho para uma autoestrada urbana proposta naquela altura, a qual, no entanto, nunca veio a ser construída.

Erskine, já era conhecido por sua defesa em favor de projetos com consulta à comunidade, os quais resultavam em intervenções mais humanizadas em termos de escala, seja com relação à paisagem seja com respeito à própria habitação em si.

Figura 15 - O escritório de Ralph Erskine e sua equipe de projeto localizado em Byker no espaço atualmente ocupado pelo Byker Community Trust

Vernon Gracie, um dos arquitetos que tomou parte na equipe de projeto do *Byker Estate*, explica que foi a partir desta visão e, sobretudo, desta prática, que o escritório de Erskine e sua equipe foi instalado na sobreloja da agência funerária existente na via *Raby Street*, eixo central do conjunto (Figura 15).

Figura 16 - “Byker Wall” em 1972

Fotografia por Elmar Eye tomada em agosto de 1972 (site visitado em 22/07/2015)
<https://www.flickr.com/photos/seadipper/7844196666/in/album-72157594430589045/>

Figura 17 - Vista parcial da fachada norte do conjunto habitacional “Byker Wall” (Newcastle, 1970) – foto tomada pelo pesquisador em 2015

Os moradores, a partir da iniciativa do chamado *Pilot Scheme* (Projeto Piloto) do *Byker Estate*, construído em *Janet Square*, na extremidade sudeste da área do conjunto habitacional, foram consultados em todas as fases do processo inicial.

As principais diretrizes adotadas pelos arquitetos sob direção de Ralph Erskine (FAULKNER et al., 2014 - p. 296) foram:

- Manter os laços de vizinhança existentes na comunidade do antigo bairro de Byker, incluindo até mesmo grupos mais específicos de residentes;
- Construir os novos prédios do conjunto habitacional em etapas, demolindo gradativamente as casas do antigo bairro operário, em ritmo equivalente ao surgimento dos edifícios, de modo a minimizar o período de transição entre estas duas situações.

Uma terceira diretriz de projeto, também incomum para a época, foi a decisão de manter uma série de edifícios existentes no antigo bairro de Byker, incluindo uma igreja vitoriana, e colocar as famílias com crianças somente em habitações localizadas no piso térreo, dotadas de jardins.

Ao desenvolvimento bem sucedido do projeto piloto, em *Janet Square*, conformado por casas agrupadas em torno de pátios, seguiu-se a construção daquela que viria a ser a mais notável característica física e simbólica do novo conjunto habitacional: a Muralha ou *Wall* (Figura 16/Figura 17), que veio a ocupar a porção norte da enorme área, a qual já estava desimpedida.

A “Muralha de Byker” ou o “Byker Wall”, como se tornou mundialmente conhecido o conjunto, caracteriza-se por grandes blocos de edifícios habitacionais, contíguos e interligados, localizados no perímetro norte da área. A altura destes blocos varia de três a oito andares, sendo sua implantação sinuosa e também resultante das condições do sítio e do entorno. As fachadas interiores principais dos edifícios são orientadas, em sua maior parte, para o sul e as unidades habitacionais são sobrepostas e dotadas de balcões, também orientados para o sul. O espaço foi projetado, sobretudo, para isolar ou reduzir ao máximo o ruído vindo da via principal lindeira à face norte do conjunto e das vias de acesso ao local, o que resultou em um partido arquitetônico e urbanístico

linear e tão proeminente, que a expressão “muralha” foi incorporada ao nome do conjunto.

O conjunto habitacional de Byker é constituído por casas de 1, 2, 3 e 4 dormitórios, “maisonettes”, flats e um pequeno número de “bungalows”. As casas de dois andares, em alvenaria estrutural com estrutura interna de madeira, predominam e perfazem 80% do total de residências.

Apesar disso, é a “muralha” de Byker que proporciona a visão mais espetacular do conjunto residencial. Sua existência também tem a função de proteger o núcleo habitacional do vento dominante, proveniente do Mar do Norte. As pequenas janelas são uma característica evidente da face norte do conjunto, cuja escala vertical é quebrada apenas pelos diferentes padrões das alvenarias de tijolos coloridos (Figura 18). Os balcões das fachadas sul, por sua vez, dominam a paisagem urbana interior e também servem de acesso às habitações (Figura 19).

Voltadas para a face norte, as únicas aberturas dos apartamentos são pequenas janelas e dutos de ventilação, concentrando-se deste lado as cozinhas e banheiros. As salas de estar e os quartos dos apartamentos estão virados para a face sul, onde se avista ao longe o rio Tyne. O acesso aos apartamentos se dá também pela fachada sul, por meio de balcões contíguos, os quais são dotados de bancos em vários pontos e adornados por flores plantadas em jardineiras, sob a forma de caixas.

Do ponto de vista cromático, se por um lado a face norte da “muralha” possui uma diversidade de padrões determinada pelos desenhos das alvenarias de blocos coloridos, ao mesmo tempo o lado sul tem grandes janelas, emolduradas por grandes painéis de revestimento —originalmente de fibrocimento, mas que hoje estão sendo substituídos por painéis cimentícios sem asbestos em sua composição, por questões de saúde pública. A madeira pintada com cores vivas, as quais caracterizam os guarda-corpos dos balcões, além do azul intenso da pintura das telhas corrugadas das coberturas, fazem da face sul do “Byker Wall” um cenário incomum para os padrões urbanos britânicos.

Figura 18 - Vista parcial da fachada norte do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 19 - Vista parcial da fachada sul do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 20 - Foto aérea do “Byker Wall” onde os telhados na cor azul dos edifícios mais altos dominam a paisagem (vide foto colorida nos ANEXOS)

Fonte: <http://www.webbaviation.co.uk/gallery/d/33465-1/BykerWallAerial-cb12412-Byker.jpg> (20/07/15)

Figura 21 - Vista de uma das áreas verdes do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

O simbolismo de um muro de proteção, por sua vez, é uma imagem extremamente poderosa em Newcastle, devido aos legados históricos tanto da “Muralha de Adriano”, que demarcava o fim do território do Império Romano do Ocidente nesta região, bem como da muralha medieval da cidade, *The Town Wall*. A “Muralha de Adriano” passava, até mesmo, muito próximo ao local onde se encontra o “Byker Wall” e uma pequena seção de suas fundações — escavadas por arqueólogos em 2000— pode ser vista na *Hadrian Square* (FAULKNER et al., 2014 - p. 296).

O conjunto como um todo foi, em sua maior parte, concluído em 1981. A imensa área que ocupa, cobrindo uma superfície de cerca de um quilômetro quadrado, a leste do vale do rio Ouseburn, desce em direção ao rio Tyne e oferece uma vista panorâmica sobre a cidade de Newcastle, para o sul e oeste (Figura 20).

Segundo Mats Egelius⁵³ (EGELIUS, 1980 – p. 3), um dos principais biógrafos de Erskine, entre os objetivos que nortearam o projeto do “Byker Wall” estavam:

- Preparar um projeto para o planejamento e construção de um ambiente completo e integrado para a vida em seu sentido mais amplo, com o menor custo possível para os moradores, e em contato íntimo e colaboração com eles.
- Manter, na medida do possível, as tradições e características do próprio bairro de Byker e sua relação com as áreas valorizadas circundantes.
- Realocar aqueles que já residiam em Byker, sem quebrar os laços familiares e outras associações de valores ou padrões de vida.
- Explorar as características físicas do local, mais particularmente da encosta em direção ao sul, com sua vista e sua insolação.

⁵³ EGELIUS, Mats. *Ralph Erskine. Byker Redevelopment, Byker area of Newcastle upon Tyne, England, 1969-82*. In: *Global Architecture – number 55*. Tokyo: A.D.A. EDITA Tokyo Co., 1980.

- Dar uma identidade e fornecer um sistema completo de percursos aos pedestres, a cada etapa.
- Proporcionar uma forma física reconhecível, ou seja, uma identidade 'local' para cada grupo de casas, e tornar mais fácil para os moradores encontrar o seu caminho a cada fase.

As áreas verdes e os espaços de recreação para as crianças predominam no “Byker Wall” (Figura 21). As zonas para circulação de veículos estão, cuidadosamente, segregadas das áreas de pedestres (Figura 23/Figura 24). As cercas originais que delimitam os quintais existentes nos fundos das casas, por onde também é possível acedê-las, são baixas e de madeira na cor natural, embora muitas cercas irregulares tenham sido construídas ao longo dos anos fora desse padrão por alguns moradores.

Figura 22 - Implantação do conjunto habitacional “Byker Wall” incluindo a extensão a noroeste (canto superior esquerdo) - setor Dunn Terrace

“Byker Wall”: da decadência ao renascimento como patrimônio arquitetônico da Inglaterra

Apesar de suas qualidades arquitetônicas e urbanísticas, no entanto, problemas foram surgindo ao longo dos anos no “Byker Wall”. A composição social original de moradores mudou, tendo a maioria da população original do conjunto mudado ou morrido (FAULKNER et al., 2014 - p. 271). A proporção de jovens e crianças vivendo no conjunto passou a ser muito maior, assim como aumentou o número de delinquentes ou moradores cujo comportamento poderia ser considerado como antissocial.

Ao mesmo tempo, um fato notável ocorre no início dos anos 2000, devido à designação de Newcastle como local para recepção de asilados no Reino Unido (*Asylum Seeker Dispersal point*), durante o governo do Primeiro-Ministro Tony Blair. Naquele ano foram oferecidas no “Byker Wall” 70 unidades de habitação para os imigrantes que buscavam asilo no Reino Unido (Byker Community Trust, 2012 citado por YARKER, 2014).

Figura 23 - Vista interior do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 24 - Vista interior do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Nas entrevistas contextuais —considerando-se as influências do espaço e do lugar sobre os respondentes— realizadas com vários imigrantes de origem africana que passaram a residir no “Byker Wall” nesta época, a exemplo de Gaby Kitoko ⁵⁴ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015), gerente da organização não governamental *ACANE-African Community Advice North East*, localizada no setor comercial do conjunto, foram narrados vários episódios de intolerância racial e agressão moral e, até mesmo, física contra membros deste segmento social. Nos depoimentos de líderes de diversas associações comunitárias que atuam no conjunto habitacional fica evidente também que os conflitos raciais ocorridos neste período podem ter sido fruto de

⁵⁴ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Gaby Kitoko [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (80 min.).

uma pouco cuidadosa política de recepção a asilados pelo Reino Unido durante o governo de Tony Blair. Os imigrantes africanos eram introduzidos em comunidades de população predominantemente branca, as quais já possuíam graves problemas de natureza social, sem qualquer preparação ou trabalho comunitário que pudesse atenuar os previsíveis conflitos.

Byker, na primeira metade dos anos 2000, já desfrutava de uma má reputação, que ainda persiste nos dias de hoje, em que pesem as mudanças positivas ocorridas a partir da segunda metade desta mesma década, a exemplo de seu tombamento como patrimônio arquitetônico da Inglaterra em 2007.

Apesar disso, o “Byker Wall” resistiu e continua a ser um excelente exemplo de uma tentativa mais humanizada para resolver o problema da habitação social, oferecendo espaços privativos e coletivos de grande qualidade. O conjunto é descrito como “o ato mais importante de concentração e coragem na área habitacional na Grã-Bretanha após Roehampton” (Saint Andrew citado por FAULKNER et al., 2014 - p. 271) ⁵⁵. O conjunto também chegou a ser saudado por alguns como um dos principais exemplos da arquitetura ‘pós-moderna’, ainda que Erskine, muito provavelmente, tivesse desaprovado tal qualificação. O “Byker Wall” é visitado nos dias atuais por profissionais e estudantes de todo o mundo, não só arquitetos e urbanistas, mas geógrafos, sociólogos, antropólogos e todos aqueles que têm interesse em conhecer essa experiência projetual e social inovadora.

Felizmente, o *City Council* reconsiderou as propostas de demolição e o “Byker Wall” está hoje listado como bem arquitetônico. O conceituado escritório Ryder Architecture foi nomeado para o projeto de renovação dos blocos habitacionais deteriorados pela falta de manutenção e pelo vandalismo, atualizando-os dentro de padrões contemporâneos de habitabilidade, porém mantendo a filosofia das propostas arquitetônicas originais de Erskine. Em 2012 o setor do “Byker Wall” conhecido como *Bolam Coyne*, que esteve abandonado

⁵⁵ “the foremost act of concentration and courage in British housing after Roehampton” — Prof. Andrew Saint comentando sobre o “Byker Wall” e comparando-o a Roehampton House, conjunto habitacional em Londres, listado como patrimônio histórico Grau I, construído entre 1710-12 pelo arquiteto Thomas Archer.

por dez anos, foi reaberto como símbolo da primeira fase da reabilitação do conjunto. Também houve alterações no setor comercial do conjunto habitacional e melhorias no seu paisagismo, trazendo como resultado o aumento da demanda para se viver no “Byker Wall”, que vem se tornando, novamente, um bom lugar para morar, conforme relato de Steve Howells, assistente de administração do Byker Community Trust e residente do “Byker Wall” ⁵⁶ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

Concluídas as entrevistas e o trabalho de campo no âmbito da presente pesquisa, pode-se afirmar que nos dias atuais os sinais indelévels ou os ecos de Ralph Erskine, ou do processo original de projeto participativo ocorrido em Byker à época da construção do *Byker Estate* ou *Byker Wall*, permanecem vivos, ainda que transformados.

A abordagem etnográfica adotada no Projeto de Pesquisa e possibilitada pela imersão na vida do conjunto habitacional, onde o pesquisador pôde residir e ter acesso direto a moradores, líderes comunitários e às autoridades locais, mostra que novos laços de vizinhança e solidariedade foram construídos entre antigos e novos moradores, particularmente, os imigrantes de origem africana. Foram estes laços, precisamente, que alteraram radicalmente o cenário de crise em que o conjunto residencial estava mergulhado na primeira metade dos anos 2000.

Tal como Yarker (YARKER, 2014), cabia perguntar o que acontece quando muitos dos elementos materiais e sociais, que converteram um lugar em uma espécie de “lar” ou “Paraíso”, não estão mais lá e este espaço é transformado fisicamente, bem como reimaginado por alguém? Da mesma forma, como podem imigrantes que passam a viver em um bairro, caso da fotógrafa finlandesa, Sirkka-Liisa Konttinen, interpretar e adotar estes significados locais?

⁵⁶ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Steve Howells no escritório do Byker Community Trust [mar. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (50 min.)

Mais recentemente, estes imigrantes, personificados pela comunidade africana residente no “Byker Wall”, continuam a preservar a identidade construída no antigo bairro de Byker, em torno dos mesmos valores compartilhados por seus antigos moradores, suas raízes familiares e as gerações de “mulheres em pé nas portas de entrada” (Figura 25), como se refere Yarker (YARKER, 2014), talvez em função de algumas das imagens marcantes captadas pela lente de Sirkka-Liisa Konttinen. Se as pessoas mudam ou migram para novos lugares, ou se os lugares ao redor delas se alteram, cabe entender, parafraseando Yarker (YARKER, 2014 – p.2): — Como as pessoas dão sentido às mudanças que ocorrem em nossas cidades? Como vivem em meio às transformações do lugar? E como conciliam as mudanças ao seu redor, com a estabilidade relativa de sua vida cotidiana? Em suma, qual é a natureza do sentido de pertencimento local e o significado das cidades em termos afetivos, nos dias atuais?

No caso particular de Byker, comunidade sobre a qual Sirkka-Liisa Konttinen escreveu e fotografou na década de 1970 (KONTTINEN, 1970)⁵⁷, e posteriormente em 2008 (KONTTINEN, 2009)⁵⁸, tratava-se de um bairro passando por uma grande transformação.

O desejo de planejadores urbanos, bem como de governos, central e locais, para modernizar e demonstrar uma “visão de progresso” levou várias cidades do Reino Unido a se transformarem fisicamente, em termos do ambiente construído. Bairros deteriorados, comparáveis a ‘favelas’ no período pré-Segunda Guerra (YARKER, 2014 – p.2), foram derrubados e, em seu lugar, materializaram-se as visões do Modernismo com respeito à habitação e à cidade.

⁵⁷ KONTTINEN, Sirkka-Liisa. Byker Revisited: Portrait of a Community. Newcastle: Northumbria University Press, 2009

⁵⁸ KONTTINEN, Sirkka-Liisa. Byker. Hexham: Bloodaxe Books Ltd, 1985

Sirkka-Liisa Konttinen

Figura 25 - Clydesdale Road, Byker (1971) na visão da fotógrafa Sirkka-Liisa Konttinen, uma das entrevistadas da pesquisa

Cidades, como Newcastle, e comunidades locais, como Byker, continuam a enfrentar mudanças significativas em meio às reestruturações da economia regional e local, às mudanças nos padrões de migração, sobretudo no momento atual, bem como frente à transformação física da paisagem urbana, segundo aquilo que se busca imaginar para os novos cenários futuros.

É dentro desse contexto que esta pesquisa procurou abordar e trazer uma compreensão teórica e empírica da natureza contemporânea do sentido de habitar e pertencer a um lugar.

CAPÍTULO 4

A vida no “Byker Wall” de Newcastle upon Tyne

Conforme já comentado anteriormente, a busca de uma aproximação entre a arquitetura e a pesquisa etnográfica acabou por se mostrar uma alternativa viável e inestimável, particularmente após a decisão do pesquisador em residir no *Byker Estate*, constituindo-se esta iniciativa, a partir daí, em uma questão-chave para a realização da pesquisa de campo.

Para tanto o pesquisador recorreu a uma pequena rede social, constituída gradativamente ao longo de dois meses iniciais, dentro e fora do meio acadêmico, o que tornou possível residir no “Byker Wall” do início de dezembro de 2014 a meados de março de 2015.

A estrutura da pesquisa de campo, em suas diferentes etapas, é apresentada a seguir, segundo os parâmetros preestabelecidos no tópico que trata do alcance da pesquisa com relação aos objetivos preestabelecidos, no Capítulo 2 deste trabalho.

Linguagem arquitetônica e realidade

O contexto atual do “Byker Wall” é, obviamente, bastante diverso daquele observado no antigo bairro operário do período Vitoriano, o *Old Byker*. Sua posição define um eixo desde o lado leste em direção ao centro de Newcastle upon Tyne e sua paisagem é pitoresca e contrastante (Figura 26), se comparada à linha do horizonte naquela direção, com suas várias torres de igrejas e catedrais, além das cinco pontes situadas sobre o rio Tyne, que podem ser observadas desde o conjunto na direção sudoeste.

Durante a década de 1960, a municipalidade de Newcastle optou por uma política de substituição massiva de suas tradicionais casas geminadas ou em renque (*terraced house*) em estilo Vitoriano, que cobriam vastas áreas de antigos bairros operários como Byker e Walker, no lado leste da cidade, e de Scotswood, Benwell e Elswick, a oeste. Os remanejamentos habitacionais geralmente previam a construção de conjuntos de torres de apartamentos, as denominadas *Tower*

Blocks . Segundo esta dinâmica, famílias eram realocadas nas novas urbanizações situadas nos subúrbios ou nos novos conjuntos habitacionais construídos na periferia da cidade, separando-se, portanto, comunidades já estabelecidas, como no caso específico de Byker (FAULKNER et al., 2014) ⁵⁹.

Figura 26 - Imagem de satélite do “Byker Wall” capturada no Google Earth indicando sua posição com relação ao centro de Newcastle – ao sul é possível identificar o Rio Tyne e suas cinco pontes à esquerda

Em novembro de 1966, o diretor de planejamento da cidade, Wilfred Burns, apresentou um relatório descrevendo os problemas estruturais de Byker, o qual incluía ao final, orientações para a reconstrução. Um importante ponto-chave que definiu a área de Byker foram as quatro principais rotas de tráfego que foram planejadas na região: Shields Road (ao norte), Union Road/Allendale Road (a leste), Walker Road (ao sul) e Byker Bank (a oeste). A área ocupava 90 hectares e tinha uma população total à época de 17.450 habitantes. Seguindo-se ao plano

⁵⁹ FAULKNER, Thomas et al. Newcastle and Gateshead; Architecture and Heritage. Newcastle: Tyne Bridge Publishing; 2nd Revised edition edition, 2014

de remanejamento dos residentes, uma pesquisa foi feita e oitenta por cento das pessoas eram a favor de que o *Old Byker* fosse demolido.

Em 1968, o Conselho ou City Council de Newcastle deu início à erradicação habitacional da população no envelhecido bairro de Byker, inicialmente para abrir caminho para uma autoestrada urbana proposta naquela altura, a qual, no entanto, nunca veio a ser construída.

Figura 27 - Plano original do “Byker Wall”

Fonte: <http://20thcenturynewcastlearchitecture.wikifoundry.com/page/Byker+Wall> (13/12/ 2015)

Um ano mais tarde, no entanto, ao perceber que a área era particularmente coesa do ponto de vista social, as autoridades adotaram uma abordagem completamente diferente, nomeando de forma até certo ponto inesperada o arquiteto Ralph Erskine (FAULKNER et al., 2014 - p. 271) para planejar a

requalificação de Byker e a construção do conjunto habitacional que viria a abrigar sua antiga população. Erskine tinha atraído, por mais estranho que possa parecer, a atenção do Líder Conservador do Conselho de Newcastle à época, em função do bem-sucedido projeto habitacional que havia executado na vizinha Killingworth Township, entre 1967 e 1969 ⁶⁰.

O plano urbanístico de Erskine dividiu o “Byker Wall” em doze localidades ou bairros (ver Figuras 28 - b), definidos por seus diferentes traçados urbanísticos e tipologias arquitetônicas. Isso contribuiu para criar zonas com uma identidade visual própria e uma escala mais amigável, apesar das dimensões do conjunto como um todo.

Para permitir mais espaço para os remanejamentos necessários durante a reconstrução do bairro, durante a transição do *Old Byker* para o Byker Estate, o plano de Erskine definiu uma densidade residencial líquida global de 250 habitantes por hectare, distribuída em quatro unidades ambientais da seguinte maneira:

- a. Byker Central - população estimada em 250 hab./ha = 4250 pessoas
- b. Byker Nordeste - população estimada em 250 hab./ha = 1890 pessoas
- c. Byker Sul - população estimada em 250 hab./ha = 3680 pessoas
- d. Dunn Terrace - população estimada 250 hab./ha = 460 pessoas

População total líquida após a remodelação = 10280 pessoas

O plano habitacional, de maneira geral, contemplava, predominantemente, edificações de pouca altura e uma densidade de aproximadamente 247 habitantes por hectare (100 pessoas por acre). A única exceção seriam os blocos perimetrais que conformariam a fachada norte do conjunto, com o aspecto de um único edifício formando uma barreira contra o ruído da autoestrada proposta.

⁶⁰ Hallington Mews, Killingworth Township, Newcastle (1967 - 1969)

Figuras 28 -Imagem de satélite do “Byker Wall” capturada no Google Earth (a) e planta dos diferentes setores do conjunto (b), conforme legendas a seguir

1	Dunn Terrace	4	Grace Lee	7	Avondale	10	Ayton
2	Kendal	5	Chirton	8	Clydesdale	11	Janet Croft
3	Carville	6	Gordon	9	Bolam Coyne	12	Harbottle

Erskine, um arquiteto conhecido por sua defesa em favor da prática de consulta à comunidade e por sua abordagem mais humanizada em termos de escala, com relação à paisagem e à habitação, é também reconhecido por sua abordagem "orgânica". Segundo sua crença, um arquiteto tinha que ser um construtor, um técnico, um engenheiro social e também "um pouco de poeta" (FAULKNER et al., 2014 - p. 271).

O “Byker Wall” é constituído em sua maioria, como já comentado, por casas, “maisonettes”, flats e um pequeno número de “bungalows”. As casas de

alvenaria estrutural, com estrutura interna de madeira, estão dispostas em renques e localizadas em blocos de três e quatro andares, agrupadas em "zonas". A zona de "Raby Street", por exemplo, nome de uma das ruas originais orientada na direção norte-sul de Byker, foi mantida como uma espécie de eixo estruturante central (Figura 29).

Figura 29 - Vista aérea do “Byker Wall” capturada no Google Earth onde é possível identificar as vias perimetrais que ligam a região aos eixos viários locais e regionais (linhas escuras); a Commercial Road (eixo horizontal - linha clara), única via principal a penetrar no conjunto; a Raby Street (eixo vertical - linha clara), que conforma historicamente seu eixo estruturante (somente tráfego local)

A altura das estruturas que descem em direção ao sul diminui gradativamente, como uma forma de transição entre os blocos de apartamentos (a muralha) de oito pavimentos e as casas que predominam no conjunto. Além do predomínio absoluto das alvenarias de blocos estruturais combinadas com o uso da madeira pintada em cores vivas, novamente se destacam as coberturas com

telhas metálicas corrugadas, pintadas com o mesmo tom de azul presente nos edifícios de apartamentos.

O transporte público é outro fator essencial para a sobrevivência do “Byker Wall”, já que as vagas de estacionamento são limitadas e não comportariam automóveis particulares de toda a comunidade residente. A estação Byker do Metrô localiza-se ao norte do conjunto, na parte externa da “muralha”, conforme pode se identificar na (Figura 30), assinalado por um quadrado na cor vermelha. Apesar disso, o centro de Newcastle dista apenas a 30 minutos caminhando na direção oeste.

Figura 30 - Vista aérea do “Byker Wall” capturada no Google Earth onde é possível identificar a estação Byker do Metrô localizada junto à fachada norte do conjunto, na parte externa da “muralha”

Há também uma boa oferta de linhas de ônibus que conectam Byker às estações de metrô e outras partes de Newcastle upon Tyne.

O “Byker Wall” está cercado por tráfego pesado nas vias que o circundam, indicadas pelas linhas vermelhas que podem ser identificadas na Figura 29. A

única via principal que chega a penetrar no conjunto é a Commercial Road (assinalada pela linha clara horizontal na Figura 29), correndo de leste para oeste através do centro do complexo habitacional. O eixo físico estruturante do conjunto é a Raby Street, que divide o conjunto de norte a sul (linha clara vertical assinalada na Figura 29) e onde o traçado original do antigo bairro de Byker foi conservado.

De uma maneira geral, pode-se afirmar que o projeto original de Ralph Erskine e sua equipe para o “Byker Wall” qualificaram a habitação de interesse social no cenário inglês e mundial, por meio de uma concepção que contempla um ambiente amigável à escala humana e a proximidade de equipamentos urbanos (escolas, saúde, lazer e comércio), adequação à topografia, oferta de equipamentos coletivos e espaços de convivência.

O conforto ambiental e o microclima local, favorecidos amplamente pela barreira que provê a “muralha” de edifícios de apartamentos de Byker, além das áreas verdes abundantes e a diversidade tipológica das edificações, convertem o conjunto em uma experiência exemplar de arquitetura e urbanismo, em vários sentidos.

Apesar do encantamento que o conjunto habitacional exerce sobre os arquitetos e urbanistas, locais e de todo o mundo, Byker ainda é visto com reservas pela população de Newcastle, apesar das mudanças positivas que vêm ocorrendo no conjunto desde meados dos anos 2000, principalmente após o seu tombamento como patrimônio arquitetônico da Inglaterra em 2007.

A investigação de que trata o presente trabalho, por meio da etnografia aplicada à pesquisa em arquitetura, procurou entender esse processo e descobrir em que medida os atuais moradores ainda são afetados ou não por essa percepção negativa a respeito do “Byker Wall”, que quase lhe custou uma demolição parcial do setor conhecido como *Bolam Coyne*, que esteve abandonado por dez anos e foi reaberto em 2012 como símbolo da primeira fase da reabilitação do conjunto.

Viver no “Byker Wall” representou para este arquiteto-pesquisador, sem dúvida, um avanço em sua percepção a respeito do empreendimento e um

aprofundamento a respeito das reais demandas dos usuários, para além da visão superficial que por vezes seduz, mas engana.

Figura 31 - Uma das muitas placas que sinalizam a atual requalificação do “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Nas palavras de Schön (SCHÖN, 1991 citado por SAILER et al., 2007)^{61 62} em contraste com a tradicional e mecanicista relação profissional-cliente, é possível uma "prática reflexiva" como alternativa, onde a relação com o cliente deve se tornar uma conversa reflexiva. O processo de projeto poderia se tornar uma forma de negociação, levando a uma superação dos diferentes conjuntos de

⁶¹ SCHÖN, Donald A. The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 1991.

⁶² SAILER, Kerstin, BUDGEN, Andrew, LONSDALE, Nathan, and PENN, Alan, Changing the Architectural Profession – Evidence-Based Design, the New Role of the User and a Process-Based Approach. In: Symposium 'Ethics and the Professional Culture'. Cluj, Romania: 2007.

significados e compreensões, transformando-se assim em um processo de comunicação.

Por dentro do “Byker Wall” como observador participante

A abordagem adotada para os levantamentos de campo basearam-se, em grande parte, nos métodos apontados pela geógrafa Dra. Sophie Yarker em sua tese intitulada “Belonging in Byker: the nature of local belonging and attachment in contemporary cities” (YARKER, 2014). Nela a pesquisadora descreve suas experiências durante o recente processo de reabilitação urbana pela qual vem passando o “Byker Wall” desde 2012 e chama a atenção do leitor para uma visão mais sutil e detalhada do cotidiano, ressaltando as questões relativas à apropriação e ao afeto dos moradores atuais para com aquele lugar. Analisa-se, especificamente, a forma como os moradores locais apropriam-se, interpretam e dão significado à requalificação física no contexto das representações divergentes, e muitas vezes concorrentes do espaço, por parte de planejadores, arquitetos e profissionais responsáveis pela reabilitação (LEFEBVRE, 1991 citado por YARKER, 2014).

Por meio de pesquisas de campo realizadas na comunidade de Byker, em Newcastle upon Tyne, Yarker procura demonstrar como os sentimentos de pertencimento e de ligação com o local se articulam por meio da apropriação e afetam os espaços locais de requalificação (YARKER, 2014).

Tomando-se essa mesma linha de abordagem, a qual se reveste de um significado ulterior para este pesquisador, na medida em que reaproxima, de fato, a arquitetura do campo das ciências sociais aplicadas, foram preparadas e realizadas entrevistas semiestruturadas e contextuais, onde por meio de diálogos informais e presenciais com os usuários do “Byker Wall”, além de participantes de cooperativas habitacionais hoje em atividade na cidade de Newcastle, puderam ser aplicadas algumas técnicas etnográficas combinadas com as inspeções visuais e os levantamentos de campo previstos.

Dados de entrevistas estruturadas e contextuais (considerando-se as influências do espaço e do lugar sobre os respondentes) são usados para explorar a forma como o uso de táticas espaciais (DE CERTEAU, 1984),

ambientes afetivos (ANDERSON, 2009), bem como o papel da memória, podem levar a um maior conhecimento sobre a experiência complexa de reabilitação para as comunidades locais, e dentro das quais vivemos imersos nas cidades atualmente.

Buscou-se com isso restabelecer uma leitura humanizada do espaço urbano, aqui considerada indispensável, na medida em que espaços são projetados para usuários reais, e não hipotéticos. Neste movimento de reaproximação entre o pesquisador-arquiteto e o morador, por meio de uma etnografia dos espaços, adotaram-se como exercício de espacialização dos dados os registros fotográficos das informações, considerando-se a escala local e as cenas da vida cotidiana, com alternância de posicionamentos e de perspectivas.

Como já comentado no Capítulo 2, algumas das aspirações que havia quanto aos levantamentos de campo e entrevistas foram frustradas devido às questões climáticas locais.

O apoio do Dr. Peter Kellett⁶³, colaborador do projeto de pesquisa executado em Newcastle, e os estudos recentes da Dra. Sophie Yarker⁶⁴ sobre o “Byker Wall” foram fundamentais para se alcançar o nível de aproximação que se aspirava entre a arquitetura e a pesquisa etnográfica.

As pesquisas de campo e as entrevistas realizadas durante o período de residência do pesquisador em Byker, por sua vez, tornaram possível um melhor entendimento do trabalho da Dra. Yarker, visando captar os sentimentos de pertencimento e a ligação com o local que unem os atuais moradores do conjunto habitacional, visto que o processo de apropriação permanece vivo e afeta diretamente aos espaços locais da requalificação em curso atualmente (Figura 31/ Figura 32).

⁶³ Docente e pesquisador da *Global Urban Research Unit (GURU)* da School of Architecture, Planning and Landscape da Newcastle University

⁶⁴ Docente e pesquisadora do *Centre for Urban and Regional Development Studies (CURDS)* da School of Geography, Politics and Sociology da Faculty of Humanities and Social Sciences, da Newcastle University

Para além das “posições empiristas ou construtivistas, bem como de posições universalistas totalizadoras e posições relativistas”, como afirma Rodrigues (RODRIGUES, 2014), na abordagem adotada nesta pesquisa não havia espaço para uma visão cientificista ou para por em prática os “truques de deus”, tomando emprestada a expressão utilizada por Donna Haraway (citada por RODRIGUES, 2014), quando afirma que a nossa perspectiva sempre é parcial e nunca de um ‘lugar nenhum’, transcendente e capaz de ‘visão infinita’, algo que a autora define como ilusório e denomina de “god trick” (truque de deus).

Figura 32 - Obras de requalificação em curso atualmente no “Byker Wall” (2015)

Como havia interesse em captar também o olhar externo a respeito do conjunto habitacional, foram entrevistados também alguns membros externos à comunidade local, tais como trabalhadores sociais, acadêmicos, membros de cooperativas e organizações sociais.

Durante todo período de permanência no “Byker Wall” foi mantido um diário de campo, que servia tanto para anotações como para esboços, que juntamente com o gravador e uma pequena câmera fotográfica, completava o conjunto de meios essenciais utilizados para os registros cotidianos.

Dentre os métodos de pesquisa etnográfica optou-se, conforme já dito, pelas entrevistas contextuais, considerando-se as influências do espaço e do lugar sobre os respondentes. Conversar com os vizinhos, moradores e trabalhadores de Byker foi uma forma de tentar compreender, qualitativamente e no curto espaço de tempo de que se dispunha — aspecto agravado pela estação do ano em que a pesquisa de campo foi realizada o rigoroso inverno do norte da Inglaterra, suas motivações e expectativas para ali residir.

Uma reaproximação entre o arquiteto-pesquisador e o morador: uma narrativa em primeira pessoa do singular

A partir deste ponto, visando adequar forma e conteúdo do texto deste capítulo, buscando harmonizá-lo com a abordagem etnográfica que se buscou de forma persistente no trabalho de campo desenvolvido em Byker, passo a uma narrativa em primeira pessoa do singular.

Foram cinco as pessoas decisivas para que eu pudesse cumprir esse desígnio útil e prazeroso de vir a residir no endereço 6 Kendal House do “Byker Wall”, a saber:

1. James Longfield, arquiteto e doutorando da School of Architecture, Planning and Landscape da University of Newcastle, residente em Byker desde 2011, onde desenvolve pesquisa a respeito da prática de projeto do “arquiteto-cidadão”, influenciada pelo entorno onde vive ou o processo de projeto *in situ*, algo que a meu ver traz de volta a questão da antropologia e da pesquisa etnográfica, na medida em que reintroduz a questão da “posicionalidade”^{65 66} na prática de projeto.

⁶⁵ Donna Haraway (1991) critica o ponto de vista científico, a partir do qual são elaboradas afirmações de verdades, sem, no entanto, localizar as ferramentas que

James apresentou-me a Robert Ward, que viria a ser meu *landlord*, proprietário de duas das poucas casas privadas existentes em Byker. James vive com a esposa, Jennie Webb, e a filha recém-nascida, em 3 Brinkburn Place, Byker.

2. Silvie Fisch, produtora cultural e ativista social de origem alemã, MA em Cultural Anthropology / European Ethnology, passou a residir em uma casa em 99 Cheviot Mount, Byker, em 2014, quase no mesmo período em que mudei para lá. Silvie, durante a entrevista que fiz com ela, ao ser perguntada sobre o que buscava quando resolveu viver ali, simplesmente e laconicamente me disse: “— Paz”. Tal aspiração contrasta com a má reputação que Byker carrega até hoje, mas eu a compreendo e tendo a concordar com ela.
3. Robert Ward, meu *landlord*, apresentado por James Longfield, é um ex-advogado que se tornou pastor anglicano e hoje é vigário da St. Lukes' Church, igreja localizada muito próximo ao campus da Newcastle University. Robert e Alice Ward, sua esposa, facilitaram-me vários contatos com trabalhadores sociais e residentes em Byker. A casa de 6 Kendal House, onde residi, foi sua antiga moradia no conjunto habitacional, onde criaram seus filhos e raízes com a comunidade ali residente. Robert foi vigário de uma das igrejas existentes em Byker, a St. Michael's Church, situada no topo da colina onde se localiza a parte mais alta do conjunto, que tem uma das mais belas vistas de Newcastle.
4. Lucia e Mark Bagott, um casal de trabalhadores sociais ligado à Igreja Batista e que vive com seu jovem filho Rafael em High Heaton, bairro próximo a Byker. Lucia é brasileira e foi integrante do “Common Ground”, uma instituição filantrópica fundada em 2001, que deu apoio

determinam esse olhar e as várias posicionalidades do cientista. Seu argumento constitui uma crítica da objetividade que reivindica a neutralidade, desconsiderando o fato de estarem os cientistas implicados na produção do conhecimento.

⁶⁶ HARAWAY, Donna. Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature. London: Free Association Books, 1991.

aos asilados que passaram a chegar ao Reino Unido no início dos anos 2000, mais especificamente a Newcastle ⁶⁷, cidade designada como local para recepção de asilados no Reino Unido (*Asylum Seeker Dispersal point*), durante o governo do Primeiro-Ministro Tony Blair. Mark é médico pediatra e trabalha no sistema público de saúde (*Northumbria Healthcare NHS Foundation Trust*), em hospitais e clínicas localizados em regiões mais carentes da região. O casal me foi apresentado por Robert Ward.

Dando início à pesquisa etnográfica espacializada sobre o “Byker Wall” é importante destacar que os dados foram coletados, em sua maioria, dentro do conjunto habitacional, ou seja, no campo, com a observação participante do pesquisador-morador. A interação com os entrevistados, por sua vez, se deu na própria casa onde residi, no endereço 6 Kendal House - NE6 2HT (Figura 33), ou nas respectivas casas/locais de trabalho dos respondentes.

Apesar das limitações provocadas pelas questões climáticas locais, que poderiam representar um revés importante, no contexto de uma complexidade que não havia sido prevista, foi possível manter os objetivos que defini para a pesquisa, na medida em que tomei a decisão de residir no “Byker Wall” durante quase quatro meses.

Procurei com isso restabelecer as condições para realização da leitura humanizada do espaço urbano, onde pudesse verificar em que medida espaços projetados para aqueles usuários reais, e não hipotéticos, correspondiam de fato às suas aspirações.

⁶⁷ No ano 2000 foram oferecidas no “Byker Wall” 70 unidades de habitação para os imigrantes que buscavam asilo no Reino Unido (Byker Community Trust, 2012 citado por YARKER, 2014).

Figura 33 – Casa onde o pesquisador residiu de dezembro de 2014 a março de 2015, no número 6 de Kendal House do Byker Wall

Neste movimento de reaproximação entre o pesquisador-arquiteto e o morador, por meio de uma etnografia dos espaços, adotei como exercício de espacialização dos dados os registros fotográficos das informações, considerando a escala local e as cenas da vida cotidiana, com alternância de posicionamentos e de perspectivas.

Minha escolha quanto ao universo de moradores do “Byker Wall” a serem entrevistados orientou-se, por um lado, por aspectos práticos vinculados à arquitetura do lugar em que as pessoas habitam. Para tanto, devido às dimensões do conjunto e à diversidade tipológica das mais de 1.800 unidades habitacionais, optei desde o início pela realização de entrevistas com moradores, preferencialmente, residentes em diferentes tipos de casas e apartamentos.

Além das entrevistas qualitativas com residentes do “Byker Wall”, foi possível também realizar entrevistas com dois dos arquitetos da equipe original de Ralph Erskine, Roger Tillotson e Michael Drage, envolvidos diretamente com o

uso de metodologias participativas no desenvolvimento inicial deste projeto habitacional. Por sua vez, foram entrevistados também membros de cooperativas habitacionais em atividade na cidade de Newcastle, com as quais já mantinha contato desde 2012, quando de minha primeira ida a Newcastle para conhecer o *Byker Wall*.

No Quadro 3 estão relacionados os entrevistados (Figura 34) e é possível também observar por meio dos Quadros 1 e 2 os perfis dos respondentes. A duração aproximada de cada entrevista foi de uma hora e meia a duas horas, havendo alguns casos onde se atingiu o tempo limite de três horas. Os entrevistados, em sua totalidade, autorizaram o uso dos dados informados, bem como sua identificação, conforme o formulário padrão assinado previamente por cada um dos respondentes (vide ANEXOS).

Por outro lado, tomando como referência, uma vez mais, o trabalho recente realizado na mesma localidade por Yarker (YARKER, 2014), busquei tomar contato com a realidade local, sempre fazendo uso de entrevistas contextuais, por meio das narrativas de duas categorias gerais mais representativas de respondentes, as quais, por sua vez, foram subdivididas em duas subcategorias cada uma, conforme apresentado no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - CATEGORIAS DE HABITANTES ENTREVISTADOS

OLD BYKER	BYKER WALL
Residentes Originais (RO)	Refugiados e Asilados (RA)
Gerações Subsequentes (GS)	Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC)

Ao todo, foram realizadas 25 entrevistas, num total de aproximadamente 30 horas de gravação. Nos ANEXOS a este trabalho podem ser encontradas as questões formuladas individualmente nas entrevistas contextuais, as quais serviram como ponto de partida aos diálogos informais pretendidos, quase um pretexto para que os respondentes desenvolvessem a sua narrativa pessoal a respeito do objeto de estudo.

Quadro 2 - ENTREVISTADOS POR CATEGORIAS

OLD BYKER e 'LOCAIS'		BYKER WALL		OUTROS	
Habitantes Originais (HO)	4	Refugiados e Asilados (RA)	3	Pesquisadores (PE)	4
Habitantes Subsequentes (HS)	6	Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC)	5	Cooperativados (CO)	2
TOTAL DE ENTREVISTADOS 24 + entrevistas com trabalhadores do City Council					

No Quadro 2 são apresentados os entrevistados distribuídos segundo as categorias preestabelecidas no Quadro 1, acrescidas da categoria OUTROS, que contempla os acadêmicos e pesquisadores, além dos residentes em empreendimentos promovidos por cooperativas.

Dentro da categoria de habitantes originais (HO) —residentes ou não— de Byker, pode-se destacar Ken Millor, líder comunitário nascido e criado em Byker, bem como arquitetos que fizeram parte da equipe original de Ralph Erskine, e trabalharam no escritório estabelecido no local durante quase 10 anos, caso de Roger Tillotson (Figura 35) e Michael Drage (Figura 36). Além deles, Sirkka-Lisa Konttinen (Figura 37), a legendária personagem que escreveu e fotografou Byker na década de 1970 (KONTTINEN, 1970)⁶⁸, e posteriormente em 2008 (KONTTINEN, 2009)⁶⁹, residiu no *Old Byker* e foi testemunha da transformação radical pela qual passou o bairro.

Já os "novos" habitantes de Byker foram inicialmente categorizados, para fins de análise, em Habitantes Subsequentes (HS), Refugiados e Asilados (RA) e Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC), categorias identificadas na pesquisa de Yarker (YARKER, 2014) que puderam ser reconhecidos por sua relevância entre a comunidade local.

⁶⁸ KONTTINEN, Sirkka-Lisa. Byker Revisited: Portrait of a Community. Newcastle: Northumbria University Press, 2009

⁶⁹ KONTTINEN, Sirkka-Lisa. Byker. Hexham: Bloodaxe Books Ltd, 1985

Quadro 3 - ENTREVISTAS CONTEXTUAIS REALIZADAS

Entrevistado	Referência	Dia	Local
1. City Council	Trabalhadores das reformas	6/01/2015	Byker
2. Konrad Miciukiewicz	SAPL – Newcastle Univ (PE)	3/02/2015	SAPL
3. Robert Ward	Antigo residente (GS)	3/02/2015	Byker
4. Alice Ward	Antigo residente (GS)	3/02/2015	Byker
5. Silvie Fisch	Nova residente (AS/PC)	4/02/2015	Byker
6. Michael Drage	Arquiteto equipe Erskine (HO)	6/02/2015	Byker
7. Peter Kellett	SAPL – Newcastle Univ (PE)	9/02/2015	Byker
8. Colin Green	Residente (GS)	9/02/2015	Byker
9. Sirkka-Liisa Kontinen	Habitante Original (HO)	10/02/2015	Amber
10. Anna Spencer	Residente (GS)	11/02/2015	Byker
11. Dale Bolland	Trabalhador comunitário (AS)	12/02/2015	The Ship Inn Pub
12. Mark Bagott	Trabalhador comunitário (AS)	15/02/2015	Casa dos Bagott
13. Lucia Bagott	Trabalhador comunitário (AS)	15/02/2015	Casa dos Bagott
14. Moises Raimundo	Trabalhador comunitário (AS)	15/02/2015	Casa dos Bagott
15. James Longfield	Residente (GS/PE)	17/02/2015	Byker
16. Gaby Kitoko	Residente (GS/RA)	20/02/2015	ACANE
17. Jéssica da Graça	Residente (GS/RA)	23/02/2015	Byker
18. Roger Tillotson	Arquiteto equipe Erskine (HO)	23/02/2015	Byker
19. N. Mohamed Shaikh	(Ahmed) Brinkburn Store (GS)	25/02/2015	Byker
20. Ken Millor	Habitante Original (HO)	25/02/2015	Community Centre
21. Steve Howells	Residente (GS)	2/03/2015	Byker C T Office
22. Lito Sousa	Residente (GS/RA)	6/03/2015	Byker
23. Sophie Yarker	Newcastle University (PE)	9/03/2015	SAPL
24. Sally Pilkington	Summerhill Co-housing	9/03/2015	Summerhill Terrace
25. Harry Ramsdale	Summerhill Co-housing	9/03/2015	Summerhill Terrace

Figura 34 - Imagens numeradas dos entrevistados identificados na ordem em que aparecem no Quadro 3 – exceto trabalhadores do City Council

Os grupos indicados de "novos" habitantes de Byker não são, naturalmente, homogêneos e há casos em que participantes de uma categoria, como a dos Refugiados e Asilados (RA), podem igualmente ser classificados como Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC), devido ao seu nível de formação ou à sua profissão.

Portanto, a classificação aqui adotada, em que pesem estas eventuais sobreposições das características dos participantes das entrevistas, partiu de uma escolha consciente e foi utilizada como uma alternativa para categorizar os habitantes de Byker entrevistados, bem como para possibilitar a análise de suas motivações e aspirações, ferramenta indispensável para lidar com os resultados empíricos, como destaca Yarker (YARKER, 2014).

Daniella Yamana

Figura 35 - Entrevista com Roger Tillotson, um dos arquitetos da equipe de Ralph Erskine, na residência do pesquisador no “Byker Wall” (vide foto colorida nos ANEXOS)

Daniella Yamana

Figura 36 – Foto tomada após a entrevista de Michael Drage, um dos arquitetos da equipe de Ralph Erskine, na residência do pesquisador no “Byker Wall” (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 37 - Sirkka-Lisa Konttinen, a legendaria fotógrafa de Byker na década de 1970, durante entrevista concedida na sede da Amber Film & Photography Collective (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 38 - Planta da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015

Figura 39 - Pavimento térreo da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015

Figura 40 - Pavimento superior da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015

Figura 41 - Localização e acesso à Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015 – Google Earth + Street View

Registros da escala local e da vida cotidiana no “Byker Wall”

Tornar-me, de fato, observador participante no “Byker Wall”, ainda que residindo no conjunto habitacional, não foi tarefa fácil. Afinal, quantos de nós não experimentam a conhecida realidade de morar em um prédio de apartamentos e não conhecer os vizinhos de porta?

De que forma se daria a primeira aproximação das pessoas na observação no campo, considerando-se, principalmente, o fato de ser inverno — o rigoroso inverno do norte da Inglaterra? Isso me obrigava, obviamente, a ter a permissão para poder penetrar na intimidade da vida das pessoas e de suas famílias, em sua casa, para realizar minhas “entrevistas contextuais”. O tempo era escasso, mas eu estava lá e precisava rapidamente me integrar aos membros da comunidade que me interessava entrevistar e conhecer a casa.

Figura 42 - Rede de contatos que levou aos entrevistados – conforme Quadro 3

Foi então que a providência me deu uma mão e tanto! Em 08 de janeiro de 2015, devido ao corte acidental de minha linha telefônica, usada exclusivamente para a conexão de banda larga de Internet, tive a oportunidade de conhecer os

operários do *City Council* que trabalhavam na reforma da casa vizinha — fechada e abandonada há mais de cinco anos, na qual tive a oportunidade de entrar pela primeira vez. Foram várias as vezes que a visitei para acompanhar e entender o processo construtivo durante a reforma, até os últimos dias de minha permanência em Newcastle, em meados de março de 2015, quando fiz amizade com seu futuro morador, Esmeraldo, asilado angolano que trabalha na cozinha de um dos mais afamados bistrôs de Newcastle, o Café 21, em Quayside.

Após essa primeira incursão no número 5 da Kendal House, posso dizer que passei a me sentir, de fato, morador. Reclamando providências no Byker Community Trust Office e na BT - British Telecommunications, para que minha linha fosse religada, recorrendo a um dos *call centres* da BT, que se encontram na Índia — algo que descobri após o terceiro contato com a companhia, em função do sotaque inconfundível e invariável de meus interlocutores.

Juntamente com esse feliz incidente que me fez sair de casa e manter contato com outras pessoas, passou a funcionar também a minha pequena rede social, ilustrada na Figura 42.

Voltando ao dia 08 de janeiro de 2015, que marcou o meu primeiro encontro com o mundo exterior que me rodeava em Byker, além de conhecer e conversar com os trabalhadores, quando visitei a casa vizinha em reforma, passei a entender um pouco melhor o processo construtivo das casas do conjunto, ainda que eu estivesse vivendo em uma casa similar.

Algumas das descobertas iniciais feitas neste dia:

1. Todos os funcionários que trabalhavam nas reformas das casas e dos apartamentos são do *City Council*.
2. As residências do “Byker Wall”, em sua maioria (90%), são voltadas para locação social —são poucas as casas e apartamentos privados, a exemplo da casa onde vivi durante quatro meses (6 Kendal House).
3. O processo construtivo utilizado, especificamente, nas casas do “Byker Wall” é bem diferente do que estamos habituados no Brasil. As paredes perimetrais são de alvenaria estrutural de blocos cerâmicos, enquanto os pavimentos de entre pisos são executados em placas de OSB (*Oriented*

Strand Board) apoiadas sobre estrutura mista formada por vigas de madeira e vigas metálicas. As paredes divisórias internas, inclusive entre casas, são constituídas por um sanduíche de placas de gesso acartonado (*Plasterboard*), como miolo de poliestireno. Placas de cimento amianto eram utilizadas como acabamento inferior dos pavimentos de entre piso, mas as mesmas vêm sendo substituídas por gesso acartonado, uma vez que os materiais que utilizam asbesto em sua composição, caso do fibrocimento ou do cimento amianto, estão proibidos na Grã-Bretanha desde agosto de 1999.

4. Na “muralha” de Byker —ou na “grande parede” que contorna o conjunto habitacional, onde estão localizados os apartamentos, é interessante ver como foram utilizadas as placas de asbesto-cimento ou cimento amianto à época, na face sul. O asbesto-cimento é hoje proibido em vários países do mundo, a maioria, eu diria, devido aos efeitos cancerígenos das fibras de asbesto sobre a saúde humana. Ali as placas vão sendo retiradas nas obras de renovação do conjunto, substituídas por placas cimentícias reforçadas com outros tipos de fibra (celulose, p.e.), como também ocorre no Brasil.
5. Na conversa com um dos trabalhadores da obra, descobri que havia placas de asbesto-cimento também no interior das casas, porém revestidas. Na reforma da casa vizinha a retirada destas placas, por meio de corte, exigiu que o ambiente fosse totalmente isolado e que os operários utilizassem máscaras e roupas especiais, que eram descartadas após o trabalho.
6. O mesmo operário com quem conversei comentou que nas reformas de casas e apartamentos executadas pelo *City Council* eram geralmente utilizados os materiais originalmente especificados, à exceção das placas de asbesto-cimento. Parte destes componentes construtivos ele considerava, e com razão, materiais de qualidade inferior, a exemplo das placas de OSB (*Oriented Strand Board*) utilizadas nos pisos dos pavimentos superiores das casas. As paredes divisórias internas, de placas de gesso acartonado (*Plasterboard*) com poliestireno expandido entre elas, este último empregado como isolante acústico, são permeáveis ao som e

por certo não passariam nos critérios de desempenho atuais ⁷⁰. Entre uma casa e outra, no nível térreo, a parede divisória é feita com uma espécie de bloco cimentício na área do “shaft”, por onde sobem as prumadas da infraestrutura de instalações. Esse “shaft” é complementado, pelo lado interno de cada unidade, com placas cimentícias à prova de fogo, como forma de evitar a propagação de chamas em seu interior, em caso de incêndio.

7. Finalizando a conversa com os trabalhadores do City Council perguntei-lhes, genericamente, sobre o que achavam de Byker.

A crítica principal foi quanto à acessibilidade. Byker não privilegia a circulação de carros, o que é um fato evidente. No entanto, há dificuldades para circulação, inclusive de veículos utilitários leves, necessários para o transporte de materiais para as reformas, por exemplo.

Segundo o mesmo funcionário, o acesso aos blocos multipavimentos, na “muralha”, é pior ainda. A dificuldade para subir com móveis, por exemplo, é imensa, segundo ele.

Também no dia 08 de janeiro de 2015, no período da tarde, durante uma conversa com meu vizinho James Longfield, arquiteto e doutorando da School of Architecture, Planning and Landscape da University of Newcastle, surgiu-me a seguinte questão:

- Por que na conservação de um patrimônio arquitetônico como o *Byker Redevelopment*, como também é chamado o “Byker Wall”, devem ser repetidas as técnicas e tecnologias construtivas originais, com materiais inferiores e desrespeitando as normas de desempenho contemporâneas?
- Assim como placas de fibrocimento com asbesto vêm sendo substituídas, por que não dotar as casas e apartamentos de condições

⁷⁰ Importante lembrar que o projeto de Byker é dos anos 1970 e que nesta época as normas de desempenho de edificações estavam apenas em gestação, no CSTB-Centre Scientifique et Technique du Bâtiment da França

mínimas de conforto, tal como uma isolamento acústica aceitável entre casas de um mesmo renque (*terrace*)?

No total, foram 105 dias dedicados ao trabalho de campo, onde minhas ferramentas de trabalho consistiram basicamente de um diário, de um telefone celular —que fez as vezes de gravador, câmera e GPS— e uma discreta câmera fotográfica de pequenas dimensões, conforme já comentado.

Além dos percursos diários que percorria à pé no conjunto, resolvi dispensar o transporte público para chegar à universidade diariamente, visto que em apenas 35 minutos de caminhada eu chegava à minha sala. Por meio destas caminhadas passei a entender melhor a dinâmica de crescimento imobiliário entre Byker e o centro de Newcastle, voltada fortemente para a construção de novos edifícios para alojamentos de estudantes. Newcastle, que no século XIX foi um dos principais centros da Revolução Industrial no mundo, assistiu ao declínio de sua economia e ao fechamento de suas indústrias e estaleiros durante os anos 1980, no período de governo da Primeira-Ministra Margaret Thatcher, de quem não pude conhecer um só simpatizante que fosse.

A cidade tornou-se um centro de serviços, particularmente na área de educação, atividade inserida nos planos estratégicos nacionais, que consideram esse setor como vital para a economia britânica.

Após os registros fotográficos iniciais e a espacialização dos dados, feita por meio das caminhadas diárias, em diversos dias e horários diferentes, foi possível definir um recorte mais preciso e fixar as amostras representativas do universo a ser captado em minhas entrevistas contextuais, conforme descrito no tópico “Uma reaproximação entre o arquiteto-pesquisador e o morador: uma narrativa em primeira pessoa do singular” deste Capítulo 4.

Narrativas de lugar e memória

Apesar de ter algumas de minhas aspirações frustradas pelas condições climáticas adversas em Newcastle, entre os meses de dezembro e março, esse aparente revés na realização das entrevistas contextuais acabou se convertendo em uma grande oportunidade, já que o desafio colocado pelo clima obrigava-me

a, deliberadamente, buscar um meio de poder entrar nas casas de cada entrevistado.

Minha opção pelo uso de técnicas etnográficas, por sua vez, procurou superar uma pretensa objetividade de que insistimos em lançar mão em nossas pesquisas, mesmo sendo a arquitetura e o design disciplinas que tomam parte no campo das ciências sociais aplicadas.

As questões formuladas para as entrevistas contextuais, que podem ser encontradas nos ANEXOS, serviram apenas para introduzir os diálogos informais, que era, na verdade, o que eu desejava: o pretexto para que os respondentes desenvolvessem suas narrativas pessoais a respeito de sua relação com o “Byker Wall”.

Além das entrevistas qualitativas com residentes do “Byker Wall”, pude entrevistar dois dos arquitetos da equipe original de Ralph Erskine, Roger Tillotson e Michael Drage, envolvidos diretamente com o uso de metodologias participativas no desenvolvimento inicial deste projeto habitacional.

Por fim, mantive encontros também com alguns membros de cooperativas habitacionais (as *co-housing*) em atividade na cidade de Newcastle, com as quais já mantinha contato desde 2012.

De modo a melhor entender os sentimentos de pertencimento e de ligação com o local que unem a atual população residente no “Byker Wall”, assim como o processo de como se dá apropriação dos valores presentes no projeto original, que permanecem vivos e afetam aos espaços locais da requalificação em curso atualmente, realizei as primeiras aproximações das pessoas nas observações de campo, considerando, principalmente, o fato de ser inverno. Isso me obrigou, como já dito, a obter a permissão para poder penetrar na intimidade da vida das pessoas e de suas famílias, em sua casa, para realizar minhas “entrevistas contextuais”. O tempo era escasso, mas eu consegui, com a ajuda da rede social que fui construindo (Figura 42), rapidamente, integrar-me aos membros da comunidade que me interessava entrevistar e conhecer a casa.

Alguns dos entrevistados já não viviam ali, caso da antiga ilustre moradora do bairro de Byker, a legendária fotógrafa Sirkka-Lisa Konttinen (Figura 37), cuja

imagem figura no mural que domina o saguão de entrada da estação Byker do metrô de Newcastle, entre os “Filhos e Filhas de Byker”. Em 1969, a fotógrafa finlandesa mudou-se de Londres para Newcastle upon Tyne com o objetivo de documentar a vida da comunidade trabalhadora do norte da Inglaterra. Após sua chegada, Sirkka-Lisa passou a residir em uma casa geminada no antigo bairro de Byker, onde morou por sete anos antes da residência ser demolida para as obras do “Byker Wall”. Durante sua vivência no bairro de Byker, Sirkka-Lisa capturou em imagens o impacto da demolição e reconstrução física e social do conjunto de moradias, trabalho que resultou em seu primeiro livro intitulado “Byker”, publicado em 1985 ⁷¹ (KONTINNEN, 1985).

Sirkka-Lisa deu em seu relato uma visão muito pessoal do processo de demolição do *Old Byker* e descreveu a situação do bairro antes da reconstrução como “uma comunidade muito orgulhosa, muito autônoma, quase como uma vila. Todo mundo se conhecia” ⁷² (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015). Em seu depoimento, a fotógrafa relata que as condições das residências em Byker não eram tão precárias quanto se dizia, e que apenas após a divulgação da intenção de demoli-las é que os senhorios deixaram de cuidar da manutenção das moradias, resultando numa situação de abandono em certas partes do bairro. Além disso, afirma que uma melhor solução teria sido a renovação das casas já existentes, evitando-se sua demolição.

Sobre a manutenção do tecido social da comunidade existente, Sirkka-Lisa conta que tal abordagem “era muito valorizada pelas pessoas de Byker. Uma das aspirações dos planejadores era criar esse programa contínuo, onde as casas antigas fossem gradativamente demolidas e as novas, construídas em seu lugar. Contudo, as coisas não aconteceram dessa forma, pois o intervalo de tempo entre a demolição e a reconstrução tornou-se muito grande” ⁷³ (trecho transcrito de

⁷¹ KONTTINEN, Sirkka-Lisa. *Byker*. Hexham: Bloodaxe Books Ltd, 1985

⁷² FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. *O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle*. São Paulo: FAUUSP, 2015 (pesquisa de pós-doutorado) - Entrevista concedida por Sirkka-Lisa Kontinen [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (90 min.).

⁷³ Id.

entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015). Apesar de não possuir estatísticas, a fotógrafa menciona que vários moradores tiveram que se mudar para outras regiões da cidade, e que o tempo de espera para a casa nova era tão grande que não foi possível para eles retornarem.

Pelo relato de Sirkka-Lisa Konttinen ficou evidente a forma como foi se perdendo o compromisso da manutenção da antiga comunidade residente no bairro, à medida em que a construção do “Byker Wall” avançava. Recentemente, Anna Minton, jornalista, escritora e docente de arquitetura na University of East London, em sua interessante matéria intitulada “Byker Wall: nobre fracasso de um conjunto habitacional de Newcastle” para o “The Guardian” ⁷⁴, comprova que apesar dos consideráveis esforços para se manter a comunidade original do antigo bairro da classe trabalhadora no “Byker Wall”, menos de 20% dos moradores originais foram realojados no empreendimento (MINTON, 2015). A complexidade do processo de demolição controlada e as grandes dimensões do projeto foram fatores que contribuíram para a dispersão da rede social originalmente existente em Byker.

Por outro lado, apesar das críticas a esse respeito serem frequentes, a preocupação com a manutenção da memória do antigo bairro de Byker foi também um fator importante na concepção de Ralph Erskine e sua equipe para o “Byker Wall”, algo visível em sua configuração atual. Além dos edifícios tombados como patrimônio histórico e arquitetônico, havia aqueles relevantes para a antiga comunidade e que também foram mantidos, tais como pubs, a antiga casa de banhos, os centros comunitários. A própria preservação da via *Raby Street*, como eixo histórico estruturante do *Old Byker*, mantido na implantação do “Byker Wall” (Figura 29), bem a conservação dos nomes das ruas originais, denotam o esforço de se manter o vínculo com o passado da comunidade e de criar uma sensibilidade em relação ao patrimônio local. A manutenção dessa memória pode

⁷⁴ MINTON, Anna. Byker Wall: Newcastle's noble failure of an estate. Matéria publicada no jornal “The Guardian” em 21 de maio de 2015 - <http://www.theguardian.com/cities/2015/may/21/byker-wall-newcastles-noble-failure-of-an-estate-a-history-of-cities-in-50-buildings-day-41> (acessado em 20/07/15)

ser comprovada pela conservação de alguns destes edifícios mais representativos, como por exemplo:

- Figura 45 - Edifício *Shipley Road Baths* construído em 1907 e reaberto em 2008 (página 149);
- Figura 46 - Conjunto de casas remanescentes do *Old Byker* na Bothal Street, esquina com a Harriet Street (página 149);
- Figura 47 - St. Lawrence's Church (1898), igreja católica incrustada literalmente no "Byker Wall", remanescente do *Old Byker* (página 150);
- Figura 48 - Pub "Stags Head" localizado em edifício remanescente do *Old Byker*, (página 150);
- Figura 49 - St. Michael's Church (1862), igreja anglicana localizada no topo da colina a nordeste do "Byker Wall", com vista para o rio Tyne (página 151).

Figura 43 – “Relíquias” incrustadas nas alvenarias do “Byker Wall”, provenientes de antigos edifícios demolidos do *Old Byker*

Outro sinal indelével da memória que se desejava preservar são as “relíquias” da comunidade e de construções históricas, que foram preservadas e

que podem ser vistas hoje espalhadas por todo o conjunto habitacional (Figura 43).

Se por um lado a preservação da memória do *Old Byker*, sob a forma de patrimônio físico, possa ser destacada como um primeiro aspecto importante a ser considerado na concepção do “Byker Wall”, constituindo-se por meio da conservação de edifícios e “reliquias”, nomes e traçados originais de ruas em um patrimônio tangível, uma segunda memória a ser investigada nas entrevistas contextuais, certamente, referia-se aos ecos provenientes do processo participativo original proposto por Ralph Erskine na década de 1970, e se ainda existiam vestígios dele entre a população residente atualmente.

Erskine e sua equipe estavam particularmente interessados em desenvolver um processo onde a comunidade fosse capaz de expressar suas necessidades, aspirações e sentimentos, como parte de uma abordagem projetual com foco no usuário. Implantar o escritório de projeto dentro do canteiro de obras durante a construção do conjunto foi um marco simbólico fundamental para o estabelecimento desse objetivo. Dessa forma, a antiga funerária existente em Byker (Figura 15) foi transformada no escritório dos arquitetos e na residência de Vernon Gracie, um arquiteto local que colaborou com Erskine e passou a viver no andar superior da loja, com sua esposa e filhos. Neste pequeno edifício, também preservado como memória do *Old Byker* e do próprio processo participativo que teve lugar na construção do “Byker Wall”, funciona atualmente o *Byker Community Trust* (BCT), constituído em 2011, com o apoio da autoridade local de Newcastle, para cuidar dos interesses do *Byker Estate* e de seus moradores.

Outra questão a ser averiguada por meio das entrevistas era a real extensão da participação dos moradores no desenvolvimento do projeto do “Byker Wall”, tema que ainda é objeto de mitificação e debates. Se por um lado era inegável o esforço empreendido pelos arquitetos para dar ao planejamento um sentido mais prático e trazer o olhar experimental das ciências sociais ao projeto do “Byker Wall”, por outro, era preciso recorrer às testemunhas e observadores participantes deste processo, para que apresentassem seus relatos e desenvolvessem suas próprias narrativas a respeito.

Durante meu período de residência no “Byker Wall” pude ouvir os relatos de dois arquitetos que participaram da equipe original liderada por Ralph Erskine durante a década de 1970: Mike Drage, que entrou no projeto em 1974, e Roger Tillotson, que participou do processo desde seu início, em 1970. Ambos permaneceram no escritório em “Byker Wall” até o seu fechamento em 1985, quando este foi transferido para o centro de Newcastle upon Tyne.

São vários os mitos a respeito do processo participativo que teve lugar no “Byker Wall”, particularmente aqueles que idealizam a perfeita colaboração existente entre arquiteto e morador. Tudo levaria a crer que Erskine tivesse se reunido com todos os moradores, atendendo às aspirações individuais de cada um deles, o que na verdade não passa de um grande equívoco. Roger Tillotson afirmou em sua entrevista que muitas informações têm sido mal interpretadas sobre o processo participativo: “O que fizemos em Byker não foi perguntar para eles (os moradores) qual seria o projeto, mas envolvê-los de forma a extrair a experiência de morar em comunidade em Newcastle” ⁷⁵ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

De uma forma geral, os moradores não possuíam a palavra final no processo de tomada de decisões, mas isso não significava que não possuíam voz. Tillotson ressalta ainda em seu depoimento o fato de escolherem a Ralph Erskine, arquiteto renomado mundialmente pelo seu histórico bem-sucedido de projetos de habitações sociais, significar que a experiência desse profissional era requerida. O papel do arquiteto, naquele momento, era o de interpretar e incorporar os ideais dos moradores no projeto de habitação. A implantação do escritório dentro do canteiro de obras foi a forma que esses arquitetos encontraram de imergir na comunidade local e manter os residentes de Byker conectados ao projeto.

Tillotson confirma em sua narrativa, conforme já comentado no Capítulo 3, que o começo do processo se deu com o Projeto Piloto, construído em *Janet*

⁷⁵ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Roger Tillotson [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (117 min.).

Square, no extremo sudeste da área de intervenção. A iniciativa foi a única fase onde a participação dos futuros usuários foi intensa. Tillotson relembra as etapas iniciais com os moradores: “Nos encontrávamos com a comunidade a cada duas semanas em nosso escritório ou no centro comunitário e, após o início da construção, até mesmo em visitas ao canteiro de obras. (...) Nós discutíamos com eles (os moradores) se eles teriam uma casa para quatro pessoas com dois quartos duplos, ou um quarto duplo e dois individuais” ⁷⁶ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015). Os encontros iniciais eram de extrema importância, pois havia oportunidade naquela fase de fazer mudanças na planta.

De modo semelhante, quando se queria definir o layout das cozinhas, reuniões eram marcadas para apresentar o catálogo dos armários que seriam utilizados no projeto. Neste caso, os futuros residentes poderiam decidir em consenso qual seria o modelo e a cor a ser especificada. Essa era a grande diferença, os moradores tinham opiniões, e essas tinham sido consultadas. Apesar de não exercerem influência no tratamento das fachadas das casas, na escolha dos materiais de construção utilizados ou no paisagismo, cada residente do “Byker Wall” poderia fornecer informações sobre as suas necessidades individuais e assim elevar, indiretamente, a qualidade do projeto.

Após a ocupação de *Janet Square*, foi feito um acompanhamento para se obter respostas dos usuários e assim aplicar estes comentários no desenvolvimento do restante do conjunto habitacional, em um processo constante de retroalimentação do projeto. Na continuidade do processo, os arquitetos recebiam antecipadamente as informações de qual parte de “Old Byker” seria desocupada e transferida para o “Byker Wall”, assim o número de famílias e sua configuração já eram conhecidos e projetados de acordo.

O segundo arquiteto entrevistado, Mike Drage, reforçou em seu depoimento a importância do aviso prévio de seis meses antes da mudança e do contato entre os novos moradores e os planejadores durante esse período: “Nós tínhamos esses encontros às seis e meia da tarde. Depois de um dia de trabalho,

⁷⁶ Id.

as pessoas entravam, conversavam e apontavam o mapa perguntando onde suas casas seriam. Então, por seis meses, elas sentiam que podiam aparecer no escritório e nos perguntar ‘— Está tudo conforme planejado?’, ‘— O projeto vai atrasar?’ ou ‘— De qual cor vai ser?’, esse tipo de consulta. Não era uma participação minuciosa, contudo, nas palavras de Drage, era muito importante para a formação da comunidade”⁷⁷ (trecho transcrito de entrevista FONSECA DE CAMPOS, 2015).

No início do projeto, Ralph Erskine queria estar envolvido em todo o processo, mesmo residindo na Suécia, comentou Roger Tillotson. O grupo de arquitetos instalados em Byker recebia seus desenhos em grandes rolos de papel e Erskine tinha plena confiança em Vernon Gracie para interpretá-los. No primeiro estágio do projeto ele (Erskine) visitava o canteiro a cada mês e, conforme o tempo passava e sua confiança nos outros membros da equipe aumentava, suas visitas se tornaram menos frequentes. Ainda assim, todas as vezes em que visitava o “Byker Wall” ele se envolvia profundamente nos detalhes do projeto.

Um terceiro arquiteto que entrevistei, James Longfield, foi meu vizinho e um dos grandes responsáveis por minha mudança para o “Byker Wall”, visto que me apresentou a Robert Ward, o proprietário da casa aonde residi por quase quatro meses. Longfield, doutorando da School of Architecture, Planning and Landscape da University of Newcastle, residente em Byker desde 2011, desenvolve sua pesquisa a respeito da prática de projeto do “arquiteto-cidadão”, influenciada pelo entorno onde vive ou o processo de projeto *in situ*.

Em dois de seus artigos recentes Longfield narra as próprias descobertas que fez ao longo de sua pesquisa de doutorado a respeito do “Byker Wall” durante a reconstrução, ressaltando o papel do arquiteto-cidadão, aquele cuja prática de

⁷⁷ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Michael Drage [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (83 min.).

projeto é vinculada e influenciada por sua posicionalidade e localização^{78 79} (LONGFIELD, 2014).

Sobre o arquiteto-cidadão, Longfield explica que para os profissionais que trabalharam no projeto do “Byker Wall”, sua situação, quer como moradores quer como cidadãos de Byker, tornou-se inseparável de suas práticas profissionais. A inserção de seu trabalho na escala local e sua participação na vida social da comunidade influenciaram a própria expressão destas práticas. A abordagem de Erskine aponta para uma forma alternativa de prática profissional, onde o papel social do arquiteto sobrepõe-se à sua identidade profissional. O arquiteto passa a não ser apenas mais um provedor de serviços, já que ele mesmo é um indivíduo engajado na sociedade. O conceito de arquiteto-cidadão introduzido por Longfield oferece um contexto e um método de intervenção que aproxima a arquitetura da prática social, para além da profissional.

O escritório *in situ*, essencial para a imersão dos arquitetos na dimensão social do projeto, foi cada vez mais sendo reconhecido pela comunidade local, como se pode depreender do relato de Vernon Gracie, arquiteto da equipe de Erskine que morou sete anos em Byker durante a construção do conjunto habitacional. Segundo seu relato: “Nós exibíamos plantas, desenhos e maquetes na vitrine – mas também por meio de cartazes. ‘— Alguém perdeu um triciclo? Pergunte ao arquiteto’... e assim por diante” (GRACIE, citado por LONGFIELD, 2014). O senso de pertencimento e a identidade que provêm do fato de alguém se sentir cidadão, incentivam ações que contribuem para o desenvolvimento local, por meio do compromisso de agir em nome do interesse público.

James Longfield cita também o testemunho da esposa de Vernon Gracie sobre o processo participativo: “Caroline Gracie notou que a permanência dos arquitetos no local permitiu que eles adaptassem o programa para aliviar tensões

⁷⁸ LONGFIELD, James. Shop Drawings: the in-situ drawing practices of the citizen architect. In: TRACEY journal, February, 2014.

⁷⁹ LONGFIELD, James. Echoes of Erskine: reflections on the working life of a citizen architect in Byker. In: Architectural Research Quarterly, Volume 18, Issue 03, September 2014, pp 218 – 233. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

sociais, particularmente em casos de certos indivíduos que estavam tendo dificuldades com as remoções. Ela relembra também que a localização do escritório resultou numa sobreposição de funções que não são tradicionalmente associadas ao trabalho de um arquiteto”⁸⁰ (LONGFIELD, 2014). Por meio de seu relato é possível observar que a localização do escritório não apenas melhorou a capacidade dos arquitetos em responder às questões sociais decorrentes da reconstrução de Byker, como também os levou a estarem envolvidos em conflitos políticos e lutas por poder, que passaram a ocorrer na comunidade local.

Por meio de entrevistas com outros antigos moradores do “Byker Wall”, além de Sirkka-Lisa Konttinen (Figura 37) e de Ken Millor (Figura 12), líder comunitário nascido e criado em Byker, foi possível agregar outros testemunhos importantes sobre o estilo de vida dos residentes após a mudança para o conjunto e qual a percepção deles em relação ao projeto de Ralph Erskine e sua equipe.

Robert e Alice Ward, por exemplo, viveram em duas diferentes casas do “Byker Wall”, sendo a primeira delas um apartamento na “muralha” e a outra, o sobrado em 6 Kendal House onde residi, imóvel que atualmente alugam para inquilinos privados. Robert Ward mudou-se para o “Byker Wall” com sua esposa no início da década de 1980, para assumir a posição de vigário de uma das igrejas anglicanas existentes no conjunto, a St. Michael’s Church, e ali criar sua família.

Na entrevista que me concederam em sua residência atual, quando questionada sobre quais eram os aspectos positivos do “Byker Wall”, Alice Ward respondeu de imediato: “Esbarrar com os vizinhos. Quando eu vou limpar a casa (em 6 Kendal House), entre um aluguel e outro, muito frequentemente eu falo com as pessoas. Se eu estou no jardim, os moradores passam e conversam comigo. Eu posso facilmente pegar coisas emprestadas dos vizinhos, pois existe esse sentimento de vizinhança”⁸¹ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

⁸⁰ Id.

⁸¹ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo:

Figura 44 - Banco ao lado da porta de entrada da casa em 6 Kendal House

Robert Ward, por sua vez, chamou a atenção para o fato de todas as portas da vizinhança serem visíveis, o que traz uma sensação de segurança muito forte entre os moradores. Além disso, todas as casas possuem um banco junto à sua porta de entrada principal, símbolo que reforça a ideia de ocupar a rua e estar sempre em contato com a vizinhança. A articulação de áreas públicas e semipúblicas no “Byker Wall” proporciona uma variedade de espaços de encontro, onde reuniões não planejadas ocorrem regularmente entre os residentes, o que estimula um forte senso de sociabilidade dentro do conjunto, em contraste com a escassez de áreas públicas que habitualmente se observa em muitos empreendimentos suburbanos construídos na mesma época. Ainda assim, é importante recordar que a simples existência destes espaços de encontro não

garante a convivência pacífica dentro de um conjunto habitacional, a exemplo do que ocorreu no “Killingworth Towers”.

Apesar da iniciativa bem-sucedida de se conceber espaços públicos e semipúblicos que valorizam a vida em comunidade no “Byker Wall”, a implantação orgânica adotada por Erskine no planejamento do conjunto teve alguns resultados que podem ser considerados insatisfatórios quanto à acessibilidade. Em sua narrativa a respeito da vida no “Byker Wall”, Alice Ward conta que quando possuía filhos pequenos, levá-los até a escola era uma tarefa árdua, já que a escola localizava-se no topo de um monte: “Era difícil, pois com o carrinho de bebê não era possível subir os degraus da escadaria e seguir direto para o topo. Era necessário dar a volta no monte empurrando o carrinho. Então era uma caminhada mais longa” ⁸² (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

Jan Gehl, influente arquiteto e urbanista dinamarquês, autor de “Cidades para as pessoas”, admite o uso de escadas apenas quando extremamente necessário, visto que subir degraus é mais difícil do que andar em uma superfície plana ⁸³ (GEHL, 2013 – p.131). Os trajetos curvos, apesar de agradáveis quando se caminha por prazer, viram empecilhos quando se pretende ir direto a um ponto. Em uma realidade onde as pessoas possuem uma rotina a cumprir, caminhos retilíneos e mais curtos são mais rápidos e práticos para os moradores que os percorrem no dia a dia.

Em suma, pode-se dizer que as escadarias e trajetos alternativos longos fazem do “Byker Wall” um conjunto pouco amigável no aspecto da acessibilidade.

Outro ponto polêmico foi o paisagismo que, independentemente de ser de qualidade, foi questionado por moradores que se sentiam inseguros com a cobertura vegetal, como relata Alice: “Quando morávamos lá existia muito mais vegetação, pequenas árvores e arbustos, e naqueles dias os jovens cheiravam

⁸² FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Alice e Robert Ward [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (53 min.).

⁸³ GEHL, Jan. Cidade Para as Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

cola, ficavam alterados e costumavam se esconder atrás das moitas. Alguns dos moradores mais velhos se preocupavam com essa situação (...) e mais tarde acabaram cortando os arbustos”⁸⁴ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

Durante a reconstrução de Byker a população do bairro podia ser descrita como uma comunidade homogeneamente branca e de classe trabalhadora. Recentemente o perfil da população veio sofrendo mudanças que muito contribuíram para a formação do novo tipo de comunidade hoje residente conjunto. Embora 88% dos moradores se identifiquem atualmente como brancos nascidos no Reino Unido (YARKER, 2014), um número crescente de minorias étnicas vem se mudando para o “Byker Wall”, principalmente à partir da designação de Newcastle upon Tyne como um *Asylum Seeker Dispersal point* ou local para recepção de asilados no Reino Unido, no início dos anos 2000, já comentada no Capítulo 3. Inicialmente, foram oferecidas 70 unidades habitacionais do “Byker Wall” aos imigrantes que procuravam asilo no Reino Unido (YARKER, 2014), fato que teve um impacto especial no aumento da população de origem africana na região.

Tomando como base os números do Censo 2011 apresentados no trabalho de Yarker, a população de negros africanos, caribenhos e britânicos em Byker equivalia a 3,5% do total em 2011, um percentual consideravelmente mais elevado do que a média observada em Newcastle, de 1,7%. Com isso, a população afrodescendente consolidou-se como o maior grupo étnico minoritário do bairro. Apesar de representarem uma parcela significativa da população de Byker, vários casos de intolerância racial foram registrados contra essa minoria étnica, o que mostra um despreparo na política de recepção desses asilados pelo Reino Unido, principalmente durante o governo do Primeiro-Ministro Tony Blair (1997 a 2007).

⁸⁴ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Alice e Robert Ward [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (53 min.).

Nas entrevistas realizadas com imigrantes de origem africana, que passaram a residir no “Byker Wall” a partir dos anos 2000 —a exemplo de Gaby Kitoko, gerente da organização não governamental ACANE-*African Community Advice North East*, vindo da República Democrática do Congo; de Jéssica da Graça e Lito Sousa, imigrantes provenientes de Angola; entre outros— foram narrados episódios de intolerância racial e agressão moral e, até mesmo, física contra membros deste segmento social.

Nos depoimentos de líderes de associações comunitárias que atuam no conjunto habitacional —casos de Ken Millor, do *Byker Community Centre*, nascido e criado no bairro; Mark e Lucia Bagott, trabalhadores comunitários junto ao *St. Michael Church Centre*; Moises Raimundo, trabalhador comunitário e ex-integrante do “Common Ground”, uma instituição filantrópica fundada em 2001, que deu apoio aos asilados que passaram a chegar ao Reino Unido no início dos anos 2000— ficou evidente também que os imigrantes africanos eram introduzidos em comunidades de população predominantemente branca, as quais já possuíam problemas sociais graves, sem que para isso houvesse qualquer preparação ou trabalho comunitário que pudesse evitar os conflitos.

Não é por casualidade que Byker, na primeira metade dos anos 2000, desfrutava de uma má reputação, que ainda se mantém nos dias de hoje, apesar das mudanças positivas ocorridas recentemente, como seu tombamento como patrimônio arquitetônico da Inglaterra em 2007.

Sirkka-Lisa Konttinen já não vivia em Byker no início dos anos 2000, mas nunca deixou de manter contato com a comunidade ali residente. Em seu segundo trabalho sobre Byker (KONTTINEN, 2009) a fotógrafa esteve com várias famílias de origem africana que vivem no “Byker Wall” e denuncia a forma como os refugiados foram recebidos na localidade.

Em sua entrevista Sirkka-Lisa afirma: “As áreas problemáticas se encontravam nas partes de Byker construídas por último, quando restavam apenas os materiais de pior qualidade, a verba estava acabando, o mercado imobiliário começou a degradar rapidamente e essas moradias não podiam ser facilmente alugadas. Assim, elas foram usadas para abrigar os refugiados e

outros grupos socialmente renegados”⁸⁵ (trecho transcrito da entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015). Neste mesmo período a manutenção inadequada e o vandalismo levaram alguns blocos residenciais a se tornarem inabitáveis. O cenário de deterioração era tal que as autoridades consideraram, inclusive, a hipótese da demolição para as partes mais degradadas do “Byker Wall”, com a posterior venda dos terrenos liberados a empreendedores privados.

Recentemente, foi implantada uma política bastante rigorosa que pune os atos racistas e expulsa os moradores mais problemáticos do conjunto. Tal medida fez com que diminuíssem drasticamente as ocorrências e, gradualmente, a comunidade africana ganhou seu espaço dentro do “Byker Wall”.

Complementando as categorias de habitantes entrevistados que constam do Quadro 1, além dos Residentes Originais (RO) e de suas Gerações Subsequentes (GS), passando pelos Refugiados e Asilados (RA), pode-se acrescentar os Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC). Ou seja, a comunidade do “Byker Wall” conta hoje com uma diversidade social em sua composição.

Nesta última categoria de entrevistados pôde-se comprovar que alguns fatores de atração, tais como os aluguéis mais baratos, a boa infraestrutura de serviços e transportes e, particularmente, a proximidade com o centro e os bairros culturais, como o vizinho *Ouseburn Valley*, atraíram uma parcela da sociedade composta por artistas, músicos, estudantes universitários e profissionais criativos. Nesta categoria de entrevistados encontram-se James Longfield, arquiteto e doutorando que vive no conjunto desde 2011, e Silvie Fisch, produtora cultural e ativista social de origem alemã, que passou a residir em uma casa do “Byker Wall” em 2014, quase no mesmo período em que mudei para lá.

Não é possível determinar com precisão o tamanho do grupo de residentes pertencentes à categoria denominada neste trabalho como Ativistas Sociais e Profissionais Criativos (AS/PC), mas os dados apresentados por Yarker com base

⁸⁵ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Sirkka-Lisa Konttinen [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (90 min.).

no *Mosaic Public Sector Group Profiling*⁸⁶ de 2011, oferecem um perfil aproximado dos moradores do bairro de Byker como um todo. De acordo com Yarker, os dois principais grupos de cidadãos que vivem em Byker são descritos por aquele sistema de dados como:

1. Uma mescla de jovens adultos solteiros com baixo rendimento, com empregabilidade instável, e com substancial número de pessoas idosas.
2. Um grupo de pessoas em seus vinte e poucos anos, com boas qualificações educacionais e que tiveram um início bem-sucedido em suas carreiras profissionais.

Nas palavras de Yarker, tal composição, de certa forma, serve para demonstrar a diversidade social do conjunto (YARKER, 2014).

Tamanha diversidade étnica e social poderia ser encarada por alguns como uma ameaça que paira sobre o futuro do “Byker Wall”. No entanto, foi evidenciando-se no decorrer das entrevistas realizadas o vigor dos novos laços de vizinhança e solidariedade construídos entre antigos e novos moradores, particularmente os imigrantes de origem africana, que alteraram radicalmente o cenário de crise em que o conjunto residencial estava mergulhado na primeira metade dos anos 2000.

O discurso “Byker for Byker people” utilizado como lema à época em que era desenvolvida a proposta de Ralph Erskine, ainda ecoa no cotidiano do conjunto habitacional, fortalecendo a identidade local e o senso de pertencimento entre seus moradores. A partir de 2011 o conjunto habitacional passou a ter um órgão gestor e administrativo próprio, o *Byker Community Trust*, que atualmente mantém a posse de 91% das habitações, voltadas exclusivamente à locação social para famílias de baixa renda. Criado como uma organização social sem fins lucrativos, o *Byker Community Trust* é responsável pela gestão dos fundos alocados para o financiamento das melhorias no conjunto, a partir do aluguel recebido dos moradores.

⁸⁶ Mosaic Public Sector Group Profiling available at <http://www.experian.co.uk/business-strategies/mosaic-public-sector.html> (12/01/2016)

Contudo, o *Byker Community Trust* ainda precisa aperfeiçoar seus canais de comunicação com a população do “Byker Wall”, tal como manifestaram Ken Millor, da associação comunitária do *Byker Community Centre*, e Sophie Yarker, autora do mais recente trabalho a respeito do conjunto habitacional, intitulado “Belonging in Byker: The Nature of Local Belonging and Attachment in Contemporary Cities” (YARKER, 2014) ⁸⁷, em seus depoimentos.

Na visão de Yarker “o *Byker Community Trust* é muito condizente com o que Erskine desejava, em termos de comunidade que cuida de si mesma e que possui algum sentimento de orgulho em poder a ela pertencer. Acredito que não exista nenhum mecanismo pelo qual um morador possa se comunicar com o *Trust* e acrescentar suas opiniões. Eles parecem operar com boas intenções, mas ainda sem um canal direto de contato com a comunidade” ⁸⁸ (trecho transcrito de entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

A possibilidade de se colocar a administração do conjunto habitacional nas mãos da própria comunidade local é um processo gradativo que vem sendo construído dentro do “Byker Wall”. A partir dele é possível vislumbrar uma série de benefícios em termos de fortalecimento dos laços sociais e de preservação do patrimônio físico do conjunto. Durante o período em que residi no “Byker Wall”, o *Byker Community Trust* intensificou as obras de manutenção da infraestrutura do conjunto e iniciou a reforma das fachadas de vários edifícios, visando à sua conservação.

Apesar disso, questões muito importantes, como a situação atual dos *hobby rooms* criados por Ralph Erskine e sua equipe, e espalhados por todo o conjunto, têm sido deixadas de lado. Os com *hobby rooms* eram destinados no projeto original a abrigar atividades individuais ou em grupo. Estes espaços foram

⁸⁷ YARKER, Sophie K. Belonging in Byker: The nature of local belonging and attachment in contemporary cities. Newcastle: School of Geography, Politics and Sociology at Newcastle University, 2014 (PhD Thesis)

⁸⁸ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Sophie K. Yarker [fev. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (40 min.).

usados intensamente em seus primeiros anos de existência, principalmente por moradores que não tinham como praticar seus hobbies em suas casas.

O resgate dos *hobby rooms* tem sido uma batalha particular de James Longfield, como arquiteto e morador, que esclarece: “Inicialmente concebidos para serem administrados pelos moradores, a falta de um limite de propriedade claramente definido resultou na privatização dos *hobby rooms* pelo Conselho local. Consequentemente, apesar de seu passado frutífero, muitos deles encontram-se vazios, subutilizados ou simplesmente usados como depósito. Além disso, alguns moradores até se apropriaram destes espaços, quando contíguos às suas casas, transformando-os em quartos extras para suas residências”⁸⁹ (LONGFIELD, 2014). Seria papel do *Byker Community Trust* reativar esses 64 espaços de convivência e produção social, devolvendo-os à comunidade.

Efetivamente, o *Byker Community Trust* poderia se tornar a maior ferramenta social para a proteção e manutenção dos valores do “Old Byker”, tais como a solidariedade e a união. Para que isso venha a ocorrer, no entanto, será necessário resgatar a política de “portas abertas” de Erskine e a presença dos moradores no processo de tomada de decisões

Projeto participativo e a busca de uma leitura humanizada do espaço urbano

Ainda que o esquema-piloto de *Janet Square*, que deu início à primeira etapa de desenvolvimento do “Byker Wall” (1971-1972), tenha sido a única fase onde, de fato, a população teve participação ativa no projeto, é importante interpretar o seu significado dentro daquilo que aqui é chamado de uma busca de leitura humanizada do espaço urbano.

A leitura humanizada do espaço urbano e, em última instância, do habitat social, não é uma habilidade projetual especial de saber interpretar as aspirações da sociedade, mas, como argumenta Kellett, está fundamentada na percepção de

⁸⁹ LONGFIELD, James. Echoes of Erskine: reflections on the working life of a citizen architect in Byker. In: *Architectural Research Quarterly*, Volume 18, Issue 03, September 2014, pp 218 – 233. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

que a habitação social consiste em um processo democrático e participativo, no qual os usuários jogam um papel central (KELLETT, 1990).

No caso do “Byker Wall”, como relata Egelius (EGELIUS, 1980), a equipe de projeto liderada por Ralph Erskine, envolveu-se diretamente com o uso de metodologias participativas no desenvolvimento inicial deste projeto habitacional.

Roger Tillotson e Michael Drage, dois dos arquitetos da equipe original que projetou o “Byker Wall”, confirmaram nas entrevistas realizadas por este pesquisador as convicções de Erskine com relação às práticas de consulta à comunidade e por sua abordagem mais humanizada em termos de escala, com relação à paisagem e à habitação.

Em Byker os habitantes originais não queriam que a estrutura existente no antigo bairro operário, com suas casas e ruas, fosse meramente modernizada, como registrou Egelius (EGELIUS, 1980), considerado um dos biógrafos mais próximos a Erskine e sua obra. Ao contrário, desejava-se um bairro de Byker radicalmente novo.

Por outro lado, a mesma população aspirava manter as referências mais significativas do antigo Byker, tais como lojas, bares, lavanderias, e salvar, particularmente, o conjunto de edifícios conhecido como *Shipley Street Baths*, que abrigava as piscinas do bairro. A demolição dos edifícios estava prevista, mas foi revista por pressão da população, conforme comprova sua permanência até os dias de hoje (Figura 45), juntamente com outros antigos pontos de convivência social (Figura 46 a Figura 49).

Nos dias atuais, onde o projeto urbanístico inicia-se com escalas 1:10.000; a cidade é concebida a partir de uma perspectiva aérea macro, como afirma Jan Gehl, autor de “Cidades para as pessoas”⁹⁰, editado no Brasil em 2013 e onde influente arquiteto e urbanista dinamarquês sintetiza suas ideias.

Gehl dedica-se há mais de 50 anos a refletir sobre o espaço urbano, seja como teórico e professor seja projetista e consultor, e critica como são tomadas a longa distância decisões da maior importância e que afetam a vida das pessoas.

⁹⁰ GEHL, Jan. Cidade Para as Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Figura 45 - Edifício *Shipley Road Baths* construído em 1907 e reaberto em 2008

Figura 46 - Conjunto de casas remanescentes do Old Byker na Bothal Street, esquina com a Harriet Street (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 47 - St. Lawrence's Church (1898), igreja católica incrustada literalmente no "Byker Wall", remanescente do *Old Byker* (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 48 - Pub "Stags Head" localizado em edifício remanescente do *Old Byker* (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 49 - St. Michael's Church (1862), igreja anglicana localizada no topo da colina a nordeste do "Byker Wall", com vista para o rio Tyne (vide foto colorida nos ANEXOS)

Em entrevista recente para o jornal "The Guardian"⁹¹ Gehl relembra seu falecido amigo, o arquiteto Ralph Erskine, quando busca outras palavras para expressar suas convicções: "Ralph dizia que arquitetura não trata de escultura, mas sobre pessoas. Um bom arquiteto deve amar as pessoas ou não faz sentido".

A leitura humanizada do espaço urbano, como a fez Erskine e sua equipe ao projetar o "Byker Wall", exigiu conhecer quem morava no *Old Byker*, como viviam estas pessoas e quais os laços e valores simbólicos as uniam, a ponto de sensibilizar, por exemplo, o olhar da fotógrafa Sirkka-Liisa Konttinen, que interpretou e adotou para si estes significados locais, ao se tornar uma moradora do *Old Byker*, como deixou muito claro na entrevista que concedeu a este pesquisador.

⁹¹ Entrevista concedida ao jornalista Dave Hill, em 25 de janeiro de 2014 - <http://www.theguardian.com/uknews/davehillblog/2014/jan/25/jangehllondontalkandinterview> (acessado em 20/07/15)

O aspecto mais relevante do projeto-piloto de *Janet Square* por certo foi a oportunidade de concertação entre projetistas e moradores, aberta às críticas dos residentes após a ocupação das primeiras unidades habitacionais do conjunto. A partir do projeto-piloto em *Janet Square* e do trabalho iniciado com grupos de referência nas fases posteriores, como na região da *Kendal Street*, os projetos sofreram outras alterações.

Na matéria intitulada “Byker Wall: nobre fracasso de um conjunto habitacional de Newcastle”⁹², assinada por Anna Minton e já citada anteriormente, a escritora e docente de arquitetura da University of East London expõe suas conclusões negativas a respeito do “Byker Wall”, até certo ponto calcadas no preconceito que ainda persiste sobre o conjunto habitacional, apesar das mudanças evidentes pelas quais o mesmo vem passando nos últimos cinco anos.

A matéria expõe as justificativas do Patrimônio Arquitetônico Inglês (*English Heritage*) para que o “Byker Wall” fosse listado em 2007, destacando-se seu “projeto inovador ... influente em toda a Europa”, e sua “abordagem pioneira ... aberta à participação da população”. E não há dúvida, segue a matéria, de que Erskine, um socialista profundamente comprometido e Quaker, que foi fortemente influenciado pela socialdemocracia sueca, fez esforços consideráveis para envolver a comunidade original de Byker na concepção do novo conjunto habitacional. Apresentando sua visão para o Conselho da cidade de Newcastle em 1968, Erskine deixou claro que “a principal preocupação será para com aqueles que já são residentes em Byker, e da necessidade de realojá-los sem quebrar os laços familiares e outras associações relevantes ou padrões de vida”.

Atualmente o “Byker Wall” é um conjunto de 1.800 unidades onde residem 9.500 pessoas, e é considerado um dos melhores conjuntos habitacionais realizados por iniciativa pública no pós-guerra na Grã-Bretanha.

Apesar dos consideráveis esforços para se manter a comunidade original do antigo bairro da classe trabalhadora no “Byker Wall”, menos de 20% dos

⁹² MINTON, Anna. *Byker Wall: Newcastle's noble failure of an estate*. Matéria publicada no jornal “The Guardian” em 21 de maio de 2015 - <http://www.theguardian.com/cities/2015/may/21/byker-wall-newcastles-noble-failure-of-an-estate-a-history-of-cities-in-50-buildings-day-41> (acessado em 20/07/15)

moradores originais foram realojados no empreendimento, segundo Minton (MINTON, 2015). A jornalista baseia-se em dados de um estudo realizado por Peter Malpass sob encomenda do Departamento de Meio Ambiente da Inglaterra, onde se afirma que "mais de 17 mil pessoas viviam em Byker no início da reurbanização promovida nos anos 1970. Menos de 20% deles viviam no conjunto em 1976. Só resta especular o que teria acontecido se a política não fosse a de manter a comunidade original".

Em 2003, Sirkka-Liisa Konttinen voltou a fazer um novo filme, documentando as vidas dos residentes no "Byker Wall" ao longo de um período de seis anos. O contraste com seu filme anterior é visível, em um conjunto habitacional agora caracterizado por portas de segurança e interfonos, muito diferente das ruas estreitas e das casas em renque do *Old Byker*.

O filme original de Konttinen, realizado à época em que residia no *Old Byker*, não é uma mera memória sentimental de uma época passada, nem tenta esconder a pobreza que muitos moradores do antigo bairro tiveram que suportar. Porém, conforme ela mesma descreveu com suas fotografias em seu primeiro livro sobre Byker (KONTTINEN, 1970), são as imagens de crianças brincando nas ruas, de pessoas alegres cantando e dançando nos pubs locais, dos vizinhos conversando às portas de suas casas e dos comércios, uma comunidade que se orgulhava de viver no *Old Byker*.

A abordagem etnográfica adotada neste trabalho e possibilitada pela imersão do pesquisador na vida cotidiana do conjunto habitacional, mostra que novos laços de vizinhança e solidariedade foram construídos entre antigos e novos moradores, particularmente, os imigrantes de origem africana (Figura 50 e Figura 51). São estes laços que vêm alterando radicalmente o cenário de crise em que o conjunto residencial estava mergulhado até o início dos anos 2000.

Hoje, os imigrantes de origem africana residentes no "Byker Wall" continuam a preservar, embora de outra maneira, a identidade construída no antigo bairro de Byker, cultivando valores de solidariedade semelhantes aos dos antigos moradores, com suas próprias raízes culturais e familiares, e com outras gerações de "mulheres em pé nas portas de entrada", como se refere Yarker

(YARKER, 2014), em função de algumas das imagens mais marcantes captadas pela lente de Sirkka-Liisa Konttinen no *Old Byker*.

Em um contexto histórico de grandes transformações sociais, como foram as décadas de 1960 e 1970, o “Byker Wall” destaca-se como um das experiências pioneiras de habitação social com enfoque participativo e mais humanizado. Naquele cenário onde as *Tower Blocks* habitacionais representavam a tendência hegemônica no Reino Unido e na Europa, a utopia de Ralph Erskine tomou corpo no “Byker Wall” e resiste até os dias de hoje, como uma realização singular no campo da habitação social.

Jan Gehl, o autor do livro “Cidade para Pessoas”⁹³ e um amigo muito próximo de Ralph Erskine, divide as mesmas convicções que o arquiteto do “Byker Wall”, citando-o nas linhas finais de seu livro: “Em uma entrevista em 2000, perguntaram ao arquiteto Ralph Erskine o que era preciso para ser um bom arquiteto. Ele respondeu: ‘Para ser um bom arquiteto você tem que ter amor pelas pessoas, porque a arquitetura é uma arte aplicada e lida com a moldura da vida das pessoas’. Simples assim” (GEHL, 2014).

⁹³ GEHL, Jan. Cidade para Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2014.

Figura 50 - Esmeraldo, vizinho do 5 Kendal House, asilado angolano que trabalha na cozinha de um dos mais afamados bistrôs de Newcastle, o Café 21 (vide foto colorida nos ANEXOS)

Figura 51 – Lito, angolano residente em um flat da “muralha” do “Byker Wall”, amigo de Esmeraldo (Figura 50) e um dos entrevistados da pesquisa, com seu filho (vide foto colorida nos ANEXOS)

CAPÍTULO 5

Tecnologia e inovação: para quê e para quem?

Conforme bem definiram Kellett e Tavernor, ao estudar o crescimento e o declínio da construção habitacional pré-fabricada na Grã-Bretanha nos anos 1970 e 1980 (KELLETT e TAVERNOR, 1995), embora aquela seja uma realidade bem diferente da que se pode observar nos países em desenvolvimento, há “vários padrões que são comuns a esses dois contextos: a larga escala do problema em termos quantitativos; a necessidade de encontrar soluções rápidas; a esperança na capacidade da tecnologia em fornecer respostas; e a necessidade de maximizar os recursos disponíveis” ⁹⁴.

A visão produtivista, semelhante àquela que predomina em programas oficiais como o “Minha Casa, Minha Vida”, é também criticada por Kellett, quando afirma: “Um enfoque aritmético é demasiado simplista” ⁹⁵ (KELLETT, 1990).

Conforme já abordado no Capítulo 3 deste trabalho, foi principalmente durante as décadas de 1960 e 1970 que o Reino Unido buscou resolver seu enorme déficit habitacional, decorrente não só da destruição provocada pela Segunda Guerra, mas devido também à obsolescência dos numerosos bairros operários em estilo Vitoriano originados na Revolução Industrial.

A resposta a estas demandas, de modo semelhante ao que ocorreu no restante da Europa, foi a implantação em grande escala de conjuntos habitacionais com o uso de sistemas construtivos industrializados, particularmente à base de grandes painéis pré-fabricados em concreto. Se a pré-fabricação foi a resposta técnica e econômica à reconstrução do continente

⁹⁴ KELLETT, Peter and TAVERNOR, Bill. The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain. In: XXIII IAHS World Housing Conference: Excellence in Housing: Prospects and Challenges, Singapore, September 1995

⁹⁵ KELLETT, Peter. ¿Tecnología inapropiada? Experiencias de vivienda social en Gran Bretaña. In: Informes de la Construcción, Vol. 42 n ° 409, septiembre/octubre, 1990. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990

européu por um lado, pode-se dizer que o grande painel de concreto foi o seu ícone absoluto (SALAS, 1981) ⁹⁶.

Entretanto, ainda que técnicos e políticos estivessem de acordo com a solução adotada, a partir de 1970 cresce a controvérsia sobre as condições de conservação de alguns destes conjuntos, não só devido ao grave problema de colapso progressivo observado na ruína parcial do edifício “Ronan Point” em Londres (Figura 6), mas também em função do surgimento de outras patologias construtivas, como condensação interna, e do mau funcionamento de equipamentos de calefação, condições inaceitáveis no inverno europeu.

Durante a década de 1980, apenas 20 anos após sua construção, uma quantidade expressiva de *Tower Blocks* habitacionais veio abaixo, devido não só aos problemas técnicos já comentados, mas também por sua inadequação do ponto de vista social.

Neste trabalho são focalizados dois conjuntos localizados em Newcastle upon Tyne, ao norte da Inglaterra. O primeiro deles, o “Killingworth Towers”, construído em 1967, era um projeto de inspiração modernista constituído de torres habitacionais de até dez pavimentos, conectadas entre si por passarelas. Construído com o uso de grandes painéis pré-fabricados de concreto armado o “Killingworth Towers” teve sua demolição iniciada em 1987, em decorrência da situação de vandalismo e abandono na qual o conjunto se encontrava.

Cabe aqui ressaltar o conflito existente entre a dimensão utópica da arquitetura modernista de então, que em sua concepção romântica propunha a criação de uma comunidade dentro dos conjuntos habitacionais, mas que, todavia, excluía completamente os futuros moradores do processo de tomada de decisões na fase de projeto. Como observado no conjunto “Killingworth Towers”, os planejadores e arquitetos dessa época partilhavam uma visão que pretendia fazer de seus moradores “pessoas felizes”. Contudo, as decisões eram quase sempre implantadas de forma autoritária e sem consulta pública. Mesmo quando se esboçava qualquer tipo de processo participativo, esse era irrelevante, como

⁹⁶ SALAS S., Julián. Alojamiento y tecnología: ¿Industrialización abierta? Madrid: Instituto Eduardo Torroja, 1981

descreve Yarker quando se refere ao *Skeffington Report* (1969) e ao *Town and Country Planning Act* de 1968, ambos documentos oficiais que já enfatizavam a necessidade de participação popular nas decisões de planejamento ⁹⁷ (DAVIES citado por YARKER, 2014, p. 116).

O segundo conjunto habitacional construído em Newcastle upon Tyne, o “Byker Wall”, é aqui estudado como uma espécie de dissenso modernista. Isso porque em sua concepção buscou-se restabelecer as condições para realização de uma leitura humanizada do espaço urbano, considerada indispensável na visão deste pesquisador, onde se verificou em que medida espaços projetados para usuários reais, e não hipotéticos, correspondiam de fato às aspirações da comunidade que neles passou a viver.

Analogamente, ao se introduzir a questão da tecnologia para a construção em larga escala de habitações, de modo a responder às demandas em termos quantitativos e com soluções rápidas, dever-se-ia abandonar certa convicção de que as tecnologias são neutras e devem ser escolhidas mediante seu potencial de fornecer respostas técnicas capazes de maximizar os recursos disponíveis.

Ao se refletir sobre o tema da tecnologia torna-se fundamental introduzir duas questões iniciais: PARA QUÊ e PARA QUEM? É importante perceber neste processo de decisão do “o quê” e “para quem”, que as necessidades coletivas são expressas, geralmente, em função dos bens e serviços habitualmente oferecidos por empresas, os quais nem sempre correspondem às necessidades e aspirações reais da população a ser atendida.

Segundo Oliver (OLIVER, 1987), cada cultura tem um tipo de casa, a qual se configura como “uma clara resposta às necessidades físicas, sociais e psicológicas de uma sociedade,... moldadas tanto por crenças e conceitos de status, território e segurança, como por economia, recursos materiais, tecnologia e condições climáticas” ⁹⁸.

⁹⁷ YARKER, Sophie K. Belonging in Byker: The nature of local belonging and attachment in contemporary cities. Newcastle: School of Geography, Politics and Sociology at Newcastle University, 2014 (PhD Thesis)

⁹⁸ OLIVER, Paul. Dwellings: the House across the World. Oxford: Phaidon Press Ltd, 1987.

Por sua vez, é necessário distinguir casa de habitação, na medida em que a casa ou o lar é uma expressão da identidade, dos valores familiares e de um padrão de vida singular, enquanto que a habitação tem por significado a unidade habitacional em si, o receptáculo, a casca onde o lar se forma.

A identidade, além disso, é ao mesmo tempo individual e coletiva. A casa tanto cria como reflete o que somos (ou o que pensamos ser), ou seja, tanto para nós mesmos como para os outros: nós nos expressamos por meio de nossas casas ⁹⁹ (OLIVER et al, 1981).

As políticas e ações do poder público no Brasil e na América Latina, que realmente tendem a assegurar aos segmentos mais pobres o acesso a habitações adequadas, seguem sendo aquelas que oferecem alternativas concretas de financiamento e programas subsidiados, rompendo com a lógica predominante nas leis do mercado.

Independente disso, conforme relata Benevolo quando se refere à arquitetura moderna (BENEVOLO, 1985), a produção habitacional permanece vinculada à submissão histórica das alternativas propostas à “dimensão determinada pela repartição territorial urbana e dentro dos modelos de construção estereotipados que dela se derivam” ¹⁰⁰.

Partindo-se da hipótese de se criar uma alternativa de desenvolvimento tecnológico para a construção do habitat, mais próxima às necessidades da população a ser atendida, pode-se depreender que os padrões admissíveis a serem considerados nas normativas técnicas aplicáveis a estas novas tecnologias apropriadas, a princípio, poderiam e deveriam ter um caráter tão inovador e flexível quanto aquele dos produtos a que vão regulamentar. Ou seja, a rigidez das normas técnicas, caso isso signifique seguir modelos convencionais e conservadores, em nada contribui para a invenção e inovação, seja na arquitetura, seja no urbanismo, e tampouco dá a certeza de soluções adequadas tecnologicamente aos programas propostos.

⁹⁹ OLIVER, P., DAVIS, I. and BENTLEY, I. Dunroamin: the suburban semi and its enemies. London: Barrie and Jenkins, 1981.

¹⁰⁰ BENEVOLO, Leonardo. O último capítulo da arquitetura moderna. Livraria MARTINS FONTES, São Paulo, 1985.

Por outro lado, à pobreza e precariedade dos assentamentos humanos onde se pretenda intervir, não devem corresponder tecnologias precárias para atender a estas demandas, que são, via de regra, prioritárias.

A busca de um modelo tecnológico, aqui chamado “low tech”, pode ser definida como a busca de um novo paradigma em contraposição ao termo “high tech”, inventado por P. Buchanan em 1983, para designar uma corrente da arquitetura inglesa, a qual está associada também a nomes como Renzo Piano, Buckminster Fuller, Jean Prouvé e Frei Otto, entre outros (BENEVOLO, 1985).

Tomando uma vez mais a Benovolo (BENEVOLO, 1985), pode-se dizer que a busca de tecnologias apropriadas, é uma oportunidade para revalidar os métodos construtivos e, inclusive, os modelos de distribuição e consumo de produtos, além da transferência tecnológica, superados desde a industrialização convencional abordada no início deste trabalho, a qual, por sua vez, também já faz parte do passado.

As pesquisas e inovações tecnológicas no campo da habitação social seguem sendo desenvolvidas e aplicadas em vários países do Continente, ainda que em um ritmo aquém do esperado. São muitas vezes as universidades e os institutos de pesquisa os responsáveis por boa parte do conhecimento produzido, mas há que considerar também as expressivas contribuições de organizações não governamentais, de redes internacionais de cooperação e, inclusive, de algumas empresas privadas locais, dispostas a investir seu tempo e recursos no estudo e implementação de soluções, não somente para as habitações tão necessárias, senão que também para as cidades e para o habitat, em um sentido mais amplo.

Por outro lado, considerando que as condições do habitat e as realidades urbanas analisadas em diferentes cidades latino-americanas apresentam, sobretudo, problemas relacionados com as localizações fisicamente adversas dos assentamentos populares e a ocupação de áreas degradadas ambientalmente, há consenso entre vários estudiosos do tema quanto à necessidade de se dispor de tecnologias em condições de serem utilizadas de imediato para coadjuvar com as soluções para o problema da habitação.

Justifica-se, portanto, o desenvolvimento de novas soluções para a habitação, contando com uma rede de especialistas, laboratórios e instituições dedicadas ao tema.

Estes grupos profissionais, cuja trajetória é reconhecida em função de seus trabalhos realizados neste campo do conhecimento tecnológico, estão capacitados para assessorar instituições e programas governamentais no uso adequado das soluções desenvolvidas para a habitação.

Como possíveis linhas de pesquisa no campo dos sistemas pré-fabricados à base de concreto, para citar um dos exemplos mais próximos da realidade brasileira, pode-se destacar:

I. Tecnologias apropriadas para melhoria de assentamentos urbanos precários

- Componentes leves para obras de infraestrutura
- Componentes para pequenas contenções
- Galerias de águas pluviais e canalização de córregos de pequena seção
- Execução de caminhos (escadarias e rampas) para drenagem e circulação de pedestres

II. Desenvolvimento de tipologias construtivas habitacionais para o aproveitamento de encostas

- Soluções que não agredam a geomorfologia dos terrenos naturais
- Infraestrutura para áreas de encostas: esgotamento sanitário, fossas-filtro, etc.

III. Componentes auxiliares para racionalização dos processos construtivos convencionais empregados na autoconstrução (autoajuda e ajuda mútua)

- Componentes tais como molduras de janelas, escadas, blocos inteligentes
- "Shaft's" para embutir instalações hidráulico-sanitárias e elétricas, componentes estruturais, etc.

IV. Desenvolvimento de microconcretos de menor custo e alto desempenho (alta resistência e durabilidade)

- Dosagens experimentais visando uma melhor relação custo-benefício das misturas
- Cimentos com adições de escória de alto forno e pozolanas naturais
- Cimentos com adições de cinza de casca de arroz

V. Estudos a respeito da durabilidade de componentes de concreto com pequena espessura

- Determinação de uma expectativa de vida útil adequada, dentro de critérios de adequação tecnológica e visando a melhor relação custo-benefício,
- Estudo do comportamento e da durabilidade dos componentes em ambientes agressivos (contato com águas servidas de esgotos, p. e.)

VI. Tecnologias para conservação e reabilitação urbana

- Reciclagem ou retrofite de edifícios e centros históricos para fins habitacionais
- Tecnologias para intervenções físicas de reconversão de edifícios históricos para fins habitacionais

VII. Tecnologia do urbanismo

- Estudos para adensamento urbano em conjuntos habitacionais, a exemplo do adensamento horizontal presente nas tradicionais "vilas"
- Estudos urbanísticos visando à preservação e um melhor aproveitamento de áreas públicas (institucionais, circulação e áreas verdes) em loteamentos populares

A expectativa, com respeito aos profissionais, é que dediquem o melhor de seus conhecimentos à comunidade, que espera que os técnicos sejam os responsáveis pela segurança de edificações e obras que conformam o ambiente construído.

É necessário estabelecer uma linguagem comum entre os profissionais, e destes com a população, que leve a compreender os “porquês” das decisões que são tomadas em cada uma das especialidades, o que só vem a ser possível quando são constituídas, de fato, equipes interdisciplinares. Além disso, cabe reconhecer neste diálogo os diferentes saberes envolvidos, inclusive aqueles presentes entre os membros das comunidades beneficiárias.

O compromisso com a sociedade tem como marco de referência a responsabilidade compartilhada entre aqueles que elaboram as normas e regulamentos, as autoridades que as aprovam e lhes dão caráter legal, os usuários, arquitetos, engenheiros de solos, engenheiros estruturais, engenheiros inspetores e construtores, enfim, todos aqueles que contribuem, de uma forma ou de outra, para definir as características da edificação e, portanto, aquilo que determinará seu comportamento futuro (FONSECA DE CAMPOS et al., 2013)¹⁰¹.

É condição intrínseca da ciência e tecnologia alcançar o bem-estar dos seres humanos que integram a sociedade, o qual deve ser desfrutado em equilíbrio com o meio ambiente.

Nas palavras do engenheiro de estruturas venezuelano José Adolfo Peña, um dos coautores do livro “Microconcreto de alto desempeño: la tecnología del MicroCAD aplicada en la construcción del hábitat social” (FONSECA DE CAMPOS et al., 2013), cuja edição este pesquisador teve o privilégio de coordenar e ser também um de seus coautores, nos dias atuais, em que tanto se fala de globalização, qualidade total, reengenharia, “high-tech”, entre outros termos, é responsabilidade dos técnicos que lidam com ciência e tecnologia, definir qual é o compromisso social que, frente a estas tendências vindas de outras latitudes ou impostas por entes estranhos à nossa realidade, lhes corresponde assumir com a sociedade da qual fazem parte e na qual lhes cabe tomar decisões para buscar o desenvolvimento social que até o momento não se alcançou (PEÑA, 2013).

¹⁰¹ FONSECA DE CAMPOS (org.), P. E. et al. Microconcreto de alto desempeño: la tecnología del MicroCAD aplicada en la construcción del hábitat social. São Paulo: Editora Mandarim, 2013, v.1. p.187.

A busca de um modelo tecnológico diferenciado para o desenvolvimento da construção de habitações no Brasil e na América Latina, distinto dos processos tão somente importados, adaptados às suas estruturas econômicas, sociais e culturais, com suas realidades regionais, parece ser uma prática fundamental, e até certo ponto lógica, para que haja uma superação das enormes necessidades existentes.

Neste sentido, a proposta de uma arquitetura industrializada, como aquela concebida e construída ao longo de sua profícua vida profissional por João Filgueiras Lima, o Lelé (1932-2014), aparece como um caminho consolidado e possível para o Brasil e a América Latina.

Tecnologias para a construção do habitat social no Brasil e na América Latina

O problema da habitação social vem sendo resolvido historicamente com soluções onde os próprios moradores, mediante processos empíricos e utilizando materiais disponíveis no mercado ou provenientes do próprio lugar, constroem suas habitações nas zonas periféricas das cidades.

Entretanto, o aspecto mais crítico das ocupações de áreas precárias passou a ser o fato de se construir sobre terrenos instáveis, sem condições mínimas de segurança e em localidades não atendidas pelos serviços públicos. Ou seja, os riscos geológicos, os problemas de drenagem, a contaminação ambiental e a falta de soluções adequadas de saneamento acabam por afetar à habitação de tal maneira que não é possível dissociá-la de questões estruturais vinculadas ao seu entorno e ao meio ambiente circundante (YANES, 1997) ¹⁰².

O potencial de organização, gestão e cooperação das comunidades pobres que vivem nas periferias das cidades brasileiras e latino-americanas possibilitou a implementação de programas cujo objetivo principal é resolver

¹⁰² YANES M., Carmen. Tecnologías no convencionales aplicadas a la infraestructura física de los asentamientos urbanos en zonas precarias. In: Anales del I Seminario Internacional sobre Mejoramiento y Reordenamiento de Asentamientos Urbanos Precarios. (Pág. 157-174), Caracas, Venezuela, octubre 1997.

estes problemas locais básicos, os quais frequentemente também afetam a cidade formal.

O “Consortio Catuche”, por exemplo, projeto realizado em meados dos anos 1990 em Caracas, Venezuela, e qualificado na 2ª Conferência Mundial Sobre os Assentamentos Humanos - HABITAT II, em Istambul, como uma das melhores experiências para resolver os problemas do habitat executadas no mundo à época, teve uma participação decisiva dos beneficiários nas obras. Além disso, as realizações do projeto “Catuche” serviram de modelo a diversos países Ibero-americanos.

A partir da figura do Consórcio Social, comunidades, organizações governamentais e não governamentais, uniram-se e puseram em prática mecanismos de gestão, administração e execução de obras, nas quais participavam associados profissionais, técnicos e membros da comunidade.

O início da construção, em maio de 1997, de 33 apartamentos em dois edifícios, um de 6 e outro de 5 andares, no Setor Portillo do bairro Catuche, (Figura 52), foi a materialização de um grande projeto social executado em regime de autogestão pela comunidade e técnicos, juntos.

As obras iniciaram-se com a necessidade de sanear um córrego ao redor do qual se localiza o “Barrio Catuche” ou Favela Catuche. A antevisão de desastres que poderiam afetar boa parte do centro da cidade de Caracas trouxe como consequência imediata a urgência de remanejar um conjunto de casas precárias de madeira, localizadas junto ao córrego (YANES, 1997).

O levantamento físico da área ocupada pela população a remanejar, assim como a análise de seu perfil socioeconômico, evidenciou a necessidade de estudar alternativas para realojar este grupo de famílias no mesmo setor. A alta densidade populacional e a inexistência de terrenos para executar o projeto levaram o Consórcio a adquirir uma área junto ao assentamento e a uma proposta de 2 edifícios multifamiliares de 5 e 6 andares, para alojar a um total de 32 famílias.

A partir de uma consulta realizada à OTIP. C.A., empresa venezuelana com reconhecida trajetória no desenvolvimento e execução de sistemas

construtivos industrializados, chegou-se a uma solução tecnológica projetada especificamente para o tipo de intervenção, conforme exigia a situação.

As estruturas empregadas são compostas por componentes pré-fabricados mistos de aço-concreto e aço-microconcreto, montados na obra mediante uniões por solda.

Figura 52 - Projeto Catuche (Caracas, 1997) (vide foto colorida nos ANEXOS)

Em contraposição ao que foram as tecnologias industrializadas utilizadas na Europa no Segundo Pós-Guerra, o desenvolvimento de sistemas e componentes construtivos mais leves, buscando conferir maior valor agregado e “densidade tecnológica” aos produtos, parece ser uma tendência dominante para o futuro do segmento de pré-fabricados de concreto.

Não obstante, o estado da arte atual da pré-fabricação leve no cenário brasileiro, depois da magnífica experiência das grandes fábricas de sistemas e componentes construtivos pré-fabricados empregando a tecnologia do microconcreto ou argamassa armada, desenvolvida, entre outros, pelo arquiteto João Filgueiras Lima ao longo das décadas de 1980 e 1990, permite qualificá-la como muito adequada à arquitetura industrializada.

O microconcreto de alto desempenho ou argamassa armada, material que vem sendo estudado e aplicado por este pesquisador desde meados dos anos 1980, como material “stricto sensu”, apresenta entre suas propriedades potenciais um campo de aplicação associado às estruturas de elementos, não só relativa como absolutamente delgados, onde a tecnologia do concreto armado estende-se quase aos limites das estruturas metálicas ou de madeira (HANAI, 1981)¹⁰³.

O microconcreto armado pode ser definido como um ferrocimento industrializado, resultante da associação de um microconcreto estrutural (cimento, areia e água), com uma armadura de aço constituída por barras de pequeno diâmetro e pouco espaçadas entre si, com a eventual incorporação de fibras descontínuas. A concepção do material está intrinsecamente ligada ao problema de sua adequação tecnológica, ou seja, o microconcreto armado define-se muito mais por suas possibilidades práticas de aplicação do que como material diferenciado da família dos concretos.

A partir da observação de suas propriedades, enquanto membro da família dos concretos estruturais, o microconcreto armado desenvolvido no Brasil, ao longo de mais de cinco décadas, diferente da tecnologia assimilada e desenvolvida simultaneamente em outros países, tende a ser um ferrocimento de alto desempenho (High-Performance Ferrocement), seja pelas características de elevado desempenho estrutural e durabilidade que podem ser alcançadas, seja pela possibilidade econômica de sua aplicação, particularmente para a arquitetura industrializada.

Segundo já afirmava Malhotra em meados da década de 1990 (MALHOTRA, 1998), avanços nas pesquisas em tecnologia do concreto à época já possibilitavam o desenvolvimento de microconcretos especiais de alta resistência, resultantes da incorporação de fibras, adições de pós reativos (microssilica, escória de alto forno, cinzas volantes, cinzas de casca de arroz, etc.) e aditivos superplastificantes. Estes microconcretos podem chegar a uma resistência à compressão de mais de 200 MPa, possuindo consistência e

¹⁰³ HANAI, João B. Construções de argamassa armada: situação, perspectivas e pesquisas. Tese de Doutorado, Escola de Engenharia, São Carlos, 1981.

trabalhabilidade equivalentes às de um concreto convencional e possibilitando a produção de pré-fabricados de altíssima qualidade ¹⁰⁴.

No Brasil a utilização da tecnologia de pré-fabricação do microconcreto armado ou argamassa armada consolidou-se, sobretudo, na forma de:

- Obras de urbanização e saneamento básico, executadas em assentamentos populares precários.
- Construção de edifícios para uso social, como hospitais, escolas, creches etc.
- Equipamento e mobiliário urbano, como abrigos de ônibus, passarelas para pedestres e sanitários públicos.

Afora isso, vislumbra-se uma série de outros usos no campo das técnicas industrializadas leves, ou seja, à base de elementos com uma baixa massa unitária.

O uso de componentes de microconcreto armado para habitação, por exemplo, despertou o interesse de muitos técnicos da área, que veem nesta tecnologia uma possibilidade concreta para vencer parte da carência de aproximadamente 7 milhões de unidades habitacionais existente no Brasil.

Componentes pré-fabricados leves para infraestrutura foram projetados e empregados com êxito no passado, para obras de urbanização e saneamento em assentamentos ocupados por comunidades de baixa renda, vivendo em geral em lugares de difícil acesso e mal atendidos por serviços públicos.

Em 1980, na cidade de Salvador/BA, os sistemas construtivos projetados e produzidos pelo arquiteto João Filgueiras Lima foram capazes de responder às condições de trabalho mais difíceis, em lugares sem acesso, tanto por sua topografia como por sua alta densidade populacional. Na busca de uma alternativa tecnológica para viabilizar projetos de urbanização em favelas, Filgueiras Lima, com a cooperação nos projetos estruturais de Frederico Schiel,

¹⁰⁴ MALHOTRA, V. Mohan. Innovative applications of superplasticizers for producing high-performance concrete. In: 40º Congresso Brasileiro do Concreto, Rio de Janeiro, ago/1998. São Paulo, IBRACON, 1998.

professor da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, estabeleceu os primeiros parâmetros para a industrialização do microconcreto armado ou argamassa armada no Brasil (FONSECA DE CAMPOS, 1989) ¹⁰⁵.

João Filgueiras Lima

Figura 53 - Muros de contenção (Salvador, 1980)

A tecnologia à base de pré-fabricados de microconcreto armado foi a que melhor se adequou às necessidades do projeto, em função da leveza dos componentes construtivos, que se fazia necessária para o transporte e montagem manuais, indispensáveis devido às condições de acesso aos lugares. Na planta onde se produziam estes componentes utilizavam-se, predominantemente, dispositivos acionados manualmente, levando em conta que o peso máximo de uma peça era igual a 90 kg.

Cada um dos componentes construtivos para urbanizar as favelas foi detalhado de maneira a tornar rápida a operação de montagem manual dos

¹⁰⁵ FONSECA DE CAMPOS, P. E. Industrialização da construção e argamassa armada; perspectivas de desenvolvimento. Dissertação de Mestrado, EPUSP, São Paulo, 1989.

mesmos, por meio de operações de simples encaixe a seco dos elementos entre si, sem uniões úmidas ou solidarizações moldadas no lugar.

Paulo Fonseca de Campos

Figura 54 - “Lixodutos” (Salvador, 1987)

Posteriormente, em meados dos anos 1980, empregou-se no Rio de Janeiro um sistema construtivo para a construção de edifícios escolares. Da mesma forma que em Salvador, o modelo de fábrica de escolas apoiou-se no uso intensivo de mão de obra, devido às finalidades sociais inerentes ao programa. Ainda assim, os princípios fundamentais da produção industrial e da pré-fabricação estavam claramente presentes na totalidade da concepção da planta proposta. O sistema construtivo projetado é um típico exemplo de construção industrializada leve. Todos os elementos são de microconcreto armado ou argamassa armada e podem ser montados sem o uso de guindastes ou quaisquer aparatos mecânicos mais sofisticados.

Figura 55 - Sistema construtivo para escolas (Salvador, 1987)

A baixa inércia térmica do concreto armado ou do microconcreto armado, que torna seu desempenho térmico insatisfatório em climas quentes, foi compensada com recursos de projeto, que conferiram ao edifício um conforto permanente, principalmente durante o dia.

A experiência realizada na Fábrica de Escolas do Rio de Janeiro teve um efeito singular na difusão da tecnologia de pré-fabricação do microconcreto armado ou argamassa armada, como também é denominada a técnica construtiva. Posteriormente, com a autorização de Filgueiras Lima, projetos similares foram implantados em outras cidades, demonstrando como é possível a instalação de fábricas com um baixo investimento de capital, adequadas às realidades regionais.

Em São Paulo, em junho de 1990, teve início a operação do CEDEC - Centro de Desenvolvimento de Equipamentos Urbanos e Comunitários, um núcleo de pesquisa e produção de sistemas e componentes construtivos pré-fabricados da EMURB - Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo, à frente do qual estiveram este pesquisador e a arquiteta Mayumi Souza Lima, entre outros que vieram a integrar sua equipe dirigente. O CEDEC buscou

atender técnica e materialmente as demandas sociais do município. A opção pelo microconcreto armado, e, portanto, pela pré-fabricação leve, apoiou-se nas experiências já descritas anteriormente, onde as vantagens na utilização da tecnologia eram evidentes, desde a produção até a montagem das peças em obra.

No CEDEC, a exemplo de outras fábricas de componentes de microconcreto armado, não eram necessários equipamentos com grande capacidade de carga, permitindo desta maneira uma sensível redução no volume de investimentos para mecanização da unidade industrial. Na montagem das obras, pequenos equipamentos eram utilizados, exclusivamente, para içar peças de maiores dimensões, já que em sua maior parte os componentes podiam ser movimentados e montados manualmente. A leveza do microconcreto armado também significou uma substancial economia na execução das fundações dos edifícios.

Foram dois os sistemas construtivos desenvolvidos para a cidade de São Paulo. O primeiro, seguindo o projeto original do arquiteto João Filgueiras Lima, atendeu aos programas de escolas, creches e postos de saúde, conforme já descrito.

O segundo, destinado à pré-fabricação parcial de componentes para habitações populares, tinha a capacidade de incorporar a mão de obra nos processos de produção por autoconstrução, assim como assegurar um desempenho adequado, quanto à segurança estrutural, durabilidade e satisfação das necessidades da população.

Em síntese, buscou-se uma solução para habitação de baixo custo que levasse em conta, por um lado, o fato de que em São Paulo a população de baixa renda resolve suas carências habitacionais por meio da autoconstrução (autoajuda ou ajuda mútua) e por outro, a necessidade de racionalizar o processo produtivo deste tipo de habitação, a partir dos materiais e componentes disponíveis localmente, no mercado.

O sistema resultante é constituído por uma estrutura reticular onde os elementos pré-fabricados de microconcreto armado, quando justapostos, formam pré-formas para vigas, pilares e lajes de concreto armado. Cada uma das peças

projetadas pode ser montada com o auxílio de dispositivos manuais, já que a mais pesada delas não ultrapassa os 175 kg. O maior vão previsto para as vigas era de 4 m. A sobrecarga prevista para as lajes era de 300 kgf/m², de tal maneira a que se obtivesse um plano livre para o posicionamento das paredes divisórias interiores, segundo as necessidades dos moradores.

Paulo Fonseca de Campos

Figura 56 - Protótipo habitacional em Vila Nova Cachoeirinha (São Paulo, 1993)

Um protótipo do sistema, com dois andares, foi construído em Vila Nova Cachoeirinha (São Paulo) ao final de 1990 (Figura 56). A concepção original previa até 4 andares para futuras ampliações, o que acabou ocorrendo em várias residências, por iniciativa de seus moradores. O mesmo protótipo serviu de casa modelo para a construção das primeiras 55 unidades em regime de ajuda-mutua, que utilizaram este sistema construtivo.

O conhecimento, por certo, é um componente indispensável para empreender qualquer ação dirigida ao desenho de uma tecnologia, com a qual seja possível estabelecer um ou mais processos para produzir elementos e

incorporá-los ao habitat por meio de técnicas construtivas não convencionais e se obter uma maior produtividade com os recursos dos quais se dispõe.

As tecnologias desenvolvidas para esse fim, por sua vez, devem se mostrar aptas, sobretudo, a coadjuvar processos sociais de transformação e favorecer as formas participativas de gestão, que garantam ao máximo a continuidade dos espaços políticos abertos e democráticos, onde comunidades locais possam decidir sobre as prioridades quanto ao uso dos recursos orçamentários destinados à habitação popular no município.

O uso da pré-fabricação leve em projetos habitacionais participativos: a proposta habitacional deixada por Lelé para o “Minha Casa, Minha Vida”

“Ninguém pode desenhar aquilo que não sabe como se faz”

João Filgueiras Lima, Lelé (2012)

O arquiteto João Filgueiras Lima dedicou boa parte de sua vida profissional ao desenvolvimento de projetos de arquitetura voltados às grandes demandas sociais do País. Desde o início dos anos 1960 na construção de Brasília, passando por suas experiências em Abadiânia/GO em 1983, Salvador/BA (1980 e 1987), Rio de Janeiro/RJ (1985), até sua vasta obra recente voltada à arquitetura hospitalar da Rede Sarah de Hospitais de Reabilitação, a partir de 1992, Lelé, como era mais conhecido, foi um adepto da arquitetura industrializada, na qual reconhecia uma alternativa técnica e econômica importante, além de representar uma oportunidade concreta de ganhos de produção em larga escala, compatível com a magnitude das demandas dramáticas no campo do ambiente construído no Brasil, mas sem jamais abrir mão da qualidade em seus projetos.

Em 2011, conforme documenta uma das principais revistas brasileiras de arquitetura ¹⁰⁶, a notícia correu: “Lelé foi convidado pela presidenta Dilma

¹⁰⁶ PORTO, Cláudia E. Pré-fabricação e montagem manual caracterizam os projetos habitacionais criados por Lelé para o programa Minha Casa, Minha Vida. Matéria

Roussef para rever e apresentar uma solução ao programa habitacional Minha Casa, Minha Vida”.

Como um dos maiores especialistas em pré-fabricação no Brasil, Lelé desenvolveu uma proposta habitacional para o programa, adequada às condições físicas e topográficas da cidade de Salvador/BA. Seu projeto caracterizava-se, como de hábito, pela invenção tecnológica, funcionalidade, baixo custo e qualidade estética, além de apresentar soluções tipológicas que poderiam facilmente ser adaptadas a outras partes do país, considerando as particularidades locais. Segundo declaração do próprio Lelé à época: "O programa tem de levar em conta as diversas tipologias brasileiras, típicas de cada lugar, inclusive topográficas. No caso de Salvador, a topografia dificulta muito a implantação de um prédio convencional, conforme está sendo feito" ¹⁰⁷.

As principais críticas de Lelé ao programa “Minha Casa, Minha Vida”, criado em 2009 durante o governo Lula, referiam-se à maneira como os conjuntos habitacionais estavam e seguem sendo implantados até hoje, pela inviabilidade da sua adaptação às encostas, por sua baixa qualidade em termos de arquitetura e urbanismo e pelo seu alto custo de execução.

Apesar disso, os recursos públicos disponíveis para financiar a habitação social no Brasil, a exemplo de outros países latino-americanos, seguem sendo empregados na produção de bens e serviços executados através de técnicas convencionais. A forma de distribuição destes produtos para uso e consumo, dá-se, frequentemente, para não dizer quase exclusivamente, segundo os mecanismos do mercado convencional.

Para romper esse círculo vicioso, acredita-se que seja fundamental, em primeiro lugar, garantir que as intervenções a serem propostas no campo da habitação social procurem estabelecer um diálogo com a cidade e sua população, de modo a promover uma forma interativa de gestão e construção do ambiente urbano, integrando, particularmente, as populações marginalizadas na

publicada na Revista AU/Editora PINI em sua Edição 208 de Julho de 2011 - <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/208/nossa-casa-nossa-vida-224303-1.aspx> (acessado em 04/01/2016)

¹⁰⁷ Id.

discussão de propostas concretas para melhoria do habitat, suporte material da qualidade de vida, constituído pelo conjunto de bens e serviços que vai muito além da moradia.

Contemplando questões como essas Lelé propôs soluções específicas para projetos do programa “Minha Casa, Minha Vida” em Salvador. No bairro Pernambués (Figura 57), por exemplo, o projeto previa um conjunto misto de casas geminadas e edifícios, que seriam implantados nos próprios terrenos acidentados ocupados pela favela de mesmo nome. Segundo a proposta, seriam evitados na intervenção cortes e aterros, a fim de preservar a geomorfologia do terreno original e manter sua integridade estrutural com vistas a uma ocupação segura. Para isso o projeto foi desenvolvido segundo uma implantação orgânica, onde as edificações estão apoiadas sobre pilotis e distribuídas segundo patamares/passarelas de acesso em nível, interligadas verticalmente por escadarias e por um plano inclinado (sistema funicular), semelhante ao que Lelé já havia utilizado para interligar o próprio CTRS-Centro de Tecnologia Sarah Kubitschek ao Hospital Sarah Salvador, ambos localizados em áreas adjacentes do mesmo terreno no bairro Pernambués, em Salvador.

Figura 57 - Proposta de Lelé para a favela de Pernambués (Salvador, 2011)

Desiludido com as discontinuidades sofridas por seu trabalho na esfera pública, desde a implantação da fábrica da Renurb (Salvador, 1979), passando pela Fábrica de Escolas do Rio de Janeiro (1985) e pela FAEC (Salvador, 1987), além da fracassada experiência dos CIAC- Centros Integrados de Atendimento à Criança (1991), durante o governo do ex-presidente Fernando Collor, e do próprio declínio das atividades do CTRS de Salvador ao longo dos anos 2000, devido às crescentes pressões políticas provocadas pelos interesses de grandes empresas privadas do setor da construção civil, Lelé pretendia realizar os projetos para o programa “Minha Casa, Minha Vida” pelo Instituto Brasileiro de Tecnologia do Habitat, organização sem fins lucrativos que criara há dois anos em Salvador, em 2009.

Seu objetivo neste novo empreendimento, concebido e realizado inicialmente com recursos bancados pelo ele próprio, cinco anos antes de seu falecimento, ocorrido em 21 de maio de 2014, além da pesquisa em tecnologia da arquitetura, era a realização de obras públicas empregando a pré-fabricação. Segundo palavras de Lelé, um programa de abrangência nacional como o “Minha Casa, Minha Vida” exigia industrialização e qualidade, o que só se consegue com tecnologia ¹⁰⁸.

Em outra entrevista concedida ao CAU/BR – Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, em outubro de 2012, Lelé discorre a respeito do alcance social da profissão e reafirma que o arquiteto, antes de tudo, deve ser um construtor. Deve conhecer profundamente materiais, estruturas e técnicas construtivas. “Ninguém pode desenhar aquilo que não sabe como se faz”, diz, com a autoridade de quem inventou materiais e métodos inovadores para atender às necessidades específicas de cada projeto.

É também Lelé quem afirma:

¹⁰⁸ PORTO, Cláudia E. Op. cit

*“O arquiteto nunca deve deixar de ser o construtor, como o foi durante toda a Antiguidade. Se ele perder essa condição, nossa profissão vai entrar num declínio total, como já começa a ocorrer”*¹⁰⁹.

Nesta mesma entrevista Lelé revela outro lado importante de sua abordagem projetual, com foco na participação do usuário no design e na arquitetura, como prática social. Em resposta a Hugo Segawa, ele afirma durante a entrevista que a favela é um submundo, com suas regras e suas leis próprias, principalmente com relação ao tráfico de drogas que existe lá, e completa com palavras que muito lembram as práticas adotadas por Ralph Erskine e sua equipe de arquitetos, no projeto do “Byker Wall” de Newcastle, ou dos profissionais de arquitetura envolvidos com as Cooperativas Uruguaias, as quais inspiraram os mutirões de São Paulo nos anos 1990. Nas palavras de Lelé:

“Tive a oportunidade de implantar ações transitórias, como drenagem. Isso, convivendo com a população. É impossível atuar numa favela sem conviver com a população, mergulhar nos problemas do dia a dia deles, na sensibilidade, no problema de relacionamento entre eles, especialmente no problema do tráfico, uma coisa terrível, muito difícil de encarar”.

E prossegue dizendo:

“É possível reorganizar as favelas sem retirar os moradores do local. Isso porque é o lugar onde se relacionam, onde têm uma condição de vida melhor. Recursos como creches e escolas são vitais para a sobrevivência da família. Eles estruturam essa forma de viver e, então, é impossível de repente tirá-los para jogá-los noutro canto”.

Em outro trecho, Lelé revisa suas posições e afirma que anteriormente acreditava que a intervenção devia ser exclusivamente transitória: “... fazíamos uma escola que depois pudesse ser desmontada”, referindo-se ao modelo das

¹⁰⁹ Entrevista inédita concedida por Lelé ao CAU/BR em outubro de 2012, publicada um ano e meio depois, por ocasião de seu falecimento, em conversa com o arquiteto Hugo Segawa, acompanhado dos jornalistas Ledy Valporto Leal e Vicente Wissenbach, e com seu companheiro de trabalho por 40 anos, o arquiteto Haroldo Pinheiro, presidente do CAU/BR à época, atualmente reeleito em seu segundo mandato

Escolas Transitórias Rurais, desenvolvido em 1983 para Abadiânia/GO. E continua:

“Hoje eu tenderia a fazer uma ação mais profunda, mais duradoura. Na proposta que fiz para ‘Minha Casa, Minha Vida’, mantive os moradores, mas reurbanizando, criando através da tecnologia recursos que pudessem favorecer aquele tipo de implantação. Principalmente nas encarpitadas nos morros, como as favelas do Rio e Salvador, mas essas ideias podem ser adaptadas para qualquer cidade brasileira. Mas é fundamental que haja o convívio”.

A proposta de se implantar os projetos habitacionais para Salvador/BA nas próprias encostas já ocupadas pela população de baixa renda deve-se ao fato de que, para Lelé, a erradicação das favelas não era uma alternativa. Ao contrário, a intenção de fixar a população e respeitar seu direito de permanecer tornou-se um requisito de projeto fundamental, que levou ao desenvolvimento das alternativas tecnológicas a serem empregadas, de modo a possibilitar que a comunidade pudesse refazer suas habitações com apoio de uma pequena unidade de produção instalada no próprio local da obra. Esta miniusina, como Lelé a chamava, seria implantada em cada local intervenção, para atender uma demanda de 300 unidades e uma população de 2 a 2,5 mil pessoas. Após seu uso, as instalações fabris poderiam ser desmontadas e transportadas para outro local. Sua capacidade produtiva seria dimensionada para a execução de 40 apartamentos a cada 45 dias.

Neste caso, uma vez mais, é inevitável a comparação entre as propostas de Ralph Erskine, para o “Byker Wall” de Newcastle, e as de Lelé, para as favelas de Salvador. Lelé descreve o processo de remanejamento da população entre a favela e o novo conjunto habitacional da seguinte maneira:

“Para a urbanização de Pernambués, por exemplo, existe uma área verde que não está sendo usada. É perto da favela. Constrói-se ali, transfere-se a população, e segue construindo. Começa por uma área onde não tem ninguém e transfere os assentamentos na favela já construída. Há muitas

áreas, é fácilimo. É só você pegar uma faixa pequena e começar a realocar, e ir andando, ir andando.”¹¹⁰.

Sob o ponto de vista das tecnologias propostas, os projetos habitacionais de Lelé para Salvador buscavam uma arquitetura industrializada leve e flexível, baseada no uso de estruturas metálicas combinadas com os pré-fabricados leves de microconcreto armado ou argamassa armada, passíveis de montagem manual. A flexibilidade buscava, ademais, adequar as habitações às necessidades dos moradores, já que a unidade poderia ser ampliada verticalmente para se ajustar a possíveis mudanças de cada programa familiar.

"A peça mais pesada, uma laje que vence 2,70 m de vão, pesa 86 kg, o que permite que duas pessoas a montem manualmente", explicava Lelé à época em que sua proposta foi divulgada. A exemplo das lajes, os painéis de vedação das unidades habitacionais, com apenas 40 cm de largura, também seriam executados em sua totalidade em microconcreto armado ou argamassa armada, designações aqui empregadas como expressões sinônimas.

A literal leveza da arquitetura industrializada proposta por Lelé, também neste caso, como já vinha ocorrendo desde o final da década de 1970, quando o arquiteto entrou em contato com a tecnologia da argamassa armada desenvolvida pelo Grupo de São Carlos da EESC-USP¹¹¹, facilitaria o transporte e permitiria a montagem manual de edifícios em locais de difícil acesso, utilizando ademais o grande contingente disponível de mão de obra local, um dos requisitos de Lelé.

“A gente qualifica a mão de obra num instante. A qualificação é pequena, porque, a rigor, trata-se de um jogo de amarrar que se aprende com rapidez. Lógico que há instrutores. O que estamos propondo é a racionalização da construção nos mínimos detalhes, nada é improvisado.

¹¹⁰ PORTO, Cláudia E. Op. cit

¹¹¹ HANAI, João Bento de. Argamassa armada: fundamentos tecnológicos para projeto e execução. São Carlos: EESC-USP, 1987. Tese (Livre Docência). Programa de Pós-graduação em Engenharia de Estruturas, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 1987

Um tipo de construção que vai se multiplicando e pode ser repassada para qualquer pessoa e para as empresas”¹¹².

Figura 58 - Proposta de Lelé para a favela de Cajazeiras (Salvador, 2011)

A escolha do método de execução utilizado, a produção das peças em uma miniusina instalada no próprio canteiro, a otimização do transporte, a racionalização da construção, a utilização da mão de obra local, entre outras variáveis, reduziu significativamente o custo do projeto, comparado ao preço das habitações de interesse social construídas pelo modo tradicional. Segundo estudos de Lelé em 2011, o custo das habitações em seu projeto para o “Minha Casa, Minha Vida”, seria cerca de 700,00 reais por metro quadrado de área construída, totalizando um custo de 28 mil reais por unidade de 40 m² - desconsiderando-se Benefícios e Despesas Indiretas (BDI) e infraestrutura. Naquela época (2011) o programa MCMV era desenvolvido por construtoras a um preço inicial de produção por habitação com a mesma área, de 46 mil reais, mas o valor já havia aumentado para 70 mil. A unidade proposta custaria ao final 46 mil reais, mas incluindo o preço da usina, playground e praça.

A economia da solução proposta, segundo Lelé, advinha também da utilização de sistema misto de estrutura metálica e argamassa armada, além da velocidade de execução, visto que o módulo mínimo de fábrica montada para esse projeto, conforme já dito, permitiria executar 40 apartamentos de tamanho

¹¹² PORTO, Cláudia E. Op. cit

médio, com dois quartos, a cada 45 dias. Tal fábrica poderia ser duplicada facilmente, nas palavras do arquiteto, desde que se tivesse um terreno maior, sem a necessidade de acréscimo de equipamentos. Duplicando-se apenas a quantidade de fôrmas, seria possível duplicar a produção.

A utilização de painéis de vedação em argamassa armada ou microconcreto armado permitiu a Lelé criar soluções adequadas às exigências de conforto acústico e térmico das habitações. Os painéis externos de vedação seriam duplos e contariam com uma camada interior de poliestireno, para fins de isolamento termoacústico, ao passo que os painéis divisórios entre apartamentos seriam também duplos, mas com uma camada interior de lã de rocha. Já as divisórias internas seriam constituídas de painéis duplos isolados internamente por uma camada de ar. O projeto de Lelé contemplava também o uso de paredes sanitárias e fiações visitáveis, para eventuais manutenções. Os painéis de vedação e as lajes não requeriam pintura, assim diminuindo o custo da obra com acabamentos.

Além das unidades habitacionais em si, as propostas de Lelé para o “Minha Casa, Minha Vida” continham equipamentos sociais, como escolas e creches; áreas de lazer; um sistema funicular para o transporte de moradores e escadarias drenantes (Figuras 59). Afinal, como dizia o próprio Lelé: *“Habitação não é só o lugar onde você mora, é um conjunto de coisas que fazem você sobreviver, inclusive o trabalho”*¹¹³.

¹¹³ PORTO, Cláudia E. Op. cit

Figuras 59 - Proposta de Lelé para conjunto habitacional do programa “Minha Casa, Minha Vida” na favela de Pernambués (Salvador, 2011) ¹¹⁴

¹¹⁴ Com a devida licença poética, impressiona observar a semelhança entre o traçado orgânico da implantação proposta por Lelé para o conjunto habitacional de Pernambués, em Salvador, e a “muralha” do “Byker Wall” de Ralph Erskine, em Newcastle

CAPÍTULO 6

Considerações finais

Para o caso de ser possível esboçar uma conclusão para o texto apresentado, aqui encarado como um ponto de partida muito mais do que o término de uma reflexão a respeito do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em programas habitacionais, vale retroceder no tempo e lembrar as cooperativas de habitação que atuaram e atuam no vizinho Uruguai desde os anos 1960/1970 e das experiências de construção por ajuda mútua realizadas em São Paulo nas décadas de 1980 e 1990.

Definitivamente, é possível criar conexões e estabelecer nexos entre o paradigmático “Byker Wall” (1970-1981), tomado como principal objeto de estudo na pesquisa que deu origem ao presente trabalho —além da experiência portuguesa do SAAL-Serviço de Apoio Ambulatório Local (1975-1976), que foi acrescentada ao longo da pesquisa— e as realidades latino-americana e brasileira, caso se recordem e reconheçam as características similares presentes no modelo das cooperativas uruguaias de ajuda mútua, disseminado em nosso continente ao longo dos anos 1980.

Esse modelo foi replicado em programas habitacionais brasileiros e resultou na construção de dezenas de milhares de unidades habitacionais no início dos anos 1990, como por exemplo, na cidade de São Paulo.

Portanto, neste momento em que no Brasil estabelece como meta quantitativa para a construção habitacional um número de 6,7 milhões de novas moradias populares, com a implementação da fase 3 do “Programa Minha Casa, Minha Vida”, é natural que se reflita a respeito da produção em larga escala de novas moradias e das carências qualitativas que já podem ser identificadas nos campos da arquitetura e do urbanismo.

Conjuntos habitacionais distantes dos centros urbanos, alguns deles construídos em áreas com infraestrutura precária e destituídas de alguns serviços públicos essenciais — algo tão comum nas décadas de 1960 e 1970—, aplicação de tipologias habitacionais únicas e crédito assegurado somente às empresas

construtoras, são alguns dos pontos mais críticos a serem enfrentados pelo programa “Minha Casa Minha Vida”.

É fato que os governos (federal, estadual e municipal) não são empreendedores no MCMV, não encomendam projeto, não escolhem terreno, não definem tecnologias, conforme declarou recentemente Demetre Anastassakis¹¹⁵, arquiteto e urbanista especialista em habitação popular e um dos consultores do governo federal na elaboração da segunda fase do programa “Minha Casa Minha Vida”.

“O governo federal só financia. Não é obra pública, não tem licitação. Os corretores oferecem terrenos ao empreiteiro, que faz um projeto. O município vai dizer se o projeto atende a política habitacional. Se estiver enquadrado, a empresa vai à Caixa Econômica Federal ou ao Banco do Brasil. Uma coisa importantíssima é que a área tem que ser urbana. Uma área não urbana no ‘Minha Casa Minha Vida’ é fraude, e não é fraude federal. O prefeito tem que provar que é urbano. No entanto, teve município que aprovou na Câmara lei para favorecer o primo de alguém”.

Por sua vez, conforme aponta relatório publicado em 2013 pelo Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos, a modernização e a racionalização da produção permanecem sendo o maior desafio do setor de construção em geral no Brasil, e também no escopo do programa “Minha Casa Minha Vida” (ONU-HABITAT, 2013 - p. 81).

Embora empresas de grande porte tenham implementado nos últimos anos processos mais eficientes de construção nos projetos do “Minha Casa, Minha Vida”, incluindo novos métodos de gestão da construção, busca de maior produtividade do trabalho e a adoção de novas técnicas construtivas, a produção habitacional em larga escala, em seu contexto atual no Brasil, ainda não aplica os princípios mais elementares da pré-fabricação, para citar uma das formas mais conhecidas de se industrializar a construção.

¹¹⁵ Entrevista concedida à jornalista Luciana Nunes Leal, blog do Estadão-Rio em 29 junho 2015 - <http://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/arquiteto-defende-minha-casa-minha-vida-mais-maleavel/> (acessado em 20/07/15)

Apesar de tudo isso, o interesse principal deste texto reflexivo não é de forma alguma analisar o “Minha Casa Minha Vida”, mas sim ratificar as motivações que movem este pesquisador há quase 40 anos, quando passou a se dedicar ao estudo das técnicas de construção e concepção de projeto associadas à Arquitetura Industrializada e ao Design Arquitetônico, temas presentes nas disciplinas obrigatórias da área de Desenho Industrial que ministra na graduação da FAUUSP: a AUP-0448 – Arquitetura e Indústria (para alunos de arquitetura e urbanismo) e a AUP-2414 – Projeto de Produto VII – Edifício (para alunos de design).

Com relação às soluções arquitetônicas e sua adequação, independentemente do emprego de sistemas construtivos industrializados ou processos convencionais, os projetos implantados pelos promotores privados com financiamento oficial tendem a manter o conceito de unidade-padrão 'ad aeternum', muitas vezes ignorando que as soluções propostas não se adaptam ao contexto local em termos de topografia, disponibilidade regional de materiais, adequação ao clima e ecossistemas locais; isso, para não falar das questões socioculturais intimamente vinculadas ao habitat.

Neste sentido, o protagonismo do usuário, ou neste caso, do cidadão, talvez deva já iniciar por aí, garantindo que a participação do destinatário final do processo construtivo do edifício passe a ter um caráter de direito social e deixe de ser vista como facultativa por agentes financeiros, administradores públicos e produtores.

Ou seja, conforme já afirmado no início deste trabalho, é preciso alterar a forma de produção e distribuição de bens e serviços na área da habitação social, para uso e consumo das populações, particularmente as de baixa renda, que atualmente pouco diferem dos mecanismos convencionais de mercado.

Questiona-se aqui, portanto, o processo de decisão do “o quê?” e “para quem?”, onde raramente têm sido levadas em conta as reais necessidades da população a ser atendida, optando-se frequentemente pelo convencional —ainda que inadequado— por conveniência do Estado e dos agentes privados. Sendo assim, a natureza da habitação social e sua má qualidade tendem a se perpetuar em decorrência do “hábito”.

Em suma, pode-se dizer que, apesar dos processos participativos constituírem uma proposta metodológica consagrada em nível internacional e que demonstra oferecer, para empreendimentos habitacionais públicos, resultados mais satisfatórios e sustentáveis ao longo do tempo —seja no contexto brasileiro e latino-americano seja no cenário de países europeus, como nos casos do Reino Unido e de Portugal aqui abordados— está claro que a visão produtivista segue predominando nos programas oficiais, particularmente no Programa “Minha Casa Minha Vida!”.

Por sua vez, os efeitos negativos deste modelo já se fazem sentir com a deterioração observada em alguns destes empreendimentos financiados com recursos públicos, o que pode converter esta oportunidade de se atenuar as demandas dos “sem teto”, no equívoco de se incrementar as carências dos “com teto”.

Uma abordagem projetual mais adequada é um aspecto fundamental a ser considerado pelo Estado, desde o nível municipal até o federal, para incentivar e reforçar o compromisso com o desenvolvimento urbano sustentável.

Em outubro de 2016 o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT) realizará em Quito, no Equador, a 3ª Conferência das Nações Unidas sobre “Moradia e Desenvolvimento Urbano Sustentável” (*United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development*), após 40 anos da Conferência HABITAT I, ocorrida em Vancouver em 1976.

Em que pese o fato de que, em sua retórica oficial, os governos da América Latina e Caribe admitam a necessidade de assentamentos humanos mais sustentáveis, as consequências da falta de medidas mais efetivas neste sentido, combinadas com a urbanização acelerada dos países da região, seguem caminhando no sentido contrário.

Os desafios impostos por esse cenário, ambientalmente e socialmente pouco sustentável, devem comprometer a todos os atores que atuam sobre o espaço urbano e a questão habitacional, a exemplo de governos centrais e autoridades locais, sociedade civil organizada, iniciativa privada, instituições acadêmicas e de pesquisa. Todos estão chamados, desde já, a rever suas práticas e políticas voltadas ao meio urbano e à habitação, que devem estar,

intrinsecamente, ligadas às aspirações da sociedade para o futuro de nossas cidades.

As falsas questões que se colocam de forma recorrente no debate a respeito da habitação social e do urbanismo no Brasil tentam levar a crer que não é possível fazer frente ao déficit habitacional, no ritmo e na escala requeridos, fora da perspectiva produtivista e desumanizada atual.

Hoje, passados quase quarenta anos da Conferência Mundial HABITAT I, em Vancouver, há consenso entre os estudiosos de que as estruturas urbanas e sua forma de funcionamento precisam ser reinventadas.

Recorrendo a Benevolo em dois momentos, o primeiro deles em 1985, no seu “O Último Capítulo da Arquitetura Moderna” ¹¹⁶ (BENEVOLO, 1985), é preciso admitir que as múltiplas circunstâncias das quais resultaram os modelos preconizados pela Arquitetura Moderna há muito já não existem, e que os níveis de ambiguidade e complexidade presentes no mundo em que vivemos, seriam inimagináveis para o repertório modernista e suas interpretações, como afirma Cardoso (CARDOSO, 2012).

Já em 2006, em sua obra “A Arquitetura no Novo Milênio” ¹¹⁷ (BENEVOLO, 2007), é Benevolo também que conclama a abandonar as esperanças, aqueles que ainda acreditam no projeto moderno ou em suas variantes programáticas que vão do fim da Segunda Guerra a 1990. O autor sustenta ainda que o Moderno virou um adjetivo destituído de sentido no novo milênio e convida a que nos ocupemos mais do futuro do que de uma história iniciada em 1919, quando Walter Gropius criou a Bauhaus em Weimar, templo da modernidade, onde nasceu o mandamento “forma segue a função”. Finalmente, deixa a pergunta que não quer calar: o que é a arquitetura contemporânea, oscilante entre o futurismo e propostas de um modelo pouco sustentável?

¹¹⁶ BENEVOLO, Leonardo. Tradução José E. Rodil. O último capítulo da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

¹¹⁷ BENEVOLO, Leonardo. Tradução Letícia M. de Andrade. A arquitetura no novo milênio. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

À procura de uma maior qualidade arquitetônica e urbanística do habitat

O texto reflexivo aqui apresentado resultou do estudo do papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos, em busca de entender o conjunto das possíveis convergências entre o notável exemplo do conjunto habitacional *Byker Wall*, localizado na cidade de Newcastle upon Tyne, no Reino Unido, e as experiências de natureza similar ocorridas no Brasil, sob inspiração das cooperativas uruguaias de habitação por ajuda mútua. A elas ainda foi acrescido, no decorrer da pesquisa, o caso do SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal, em meio ao movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, após a Revolução do 25 de Abril, em 1974.

Procurou-se explorar, acima de tudo e em detalhe, quais os possíveis nexos em termos tecnológicos, econômicos, sociais e ambientais, a partir de um estudo comparativo que tomou o conjunto *Byker Wall* não como uma referência a ser replicada nas distantes realidades brasileira e latino-americana, mas como uma descoberta pessoal inesperada, ocorrida há quatro anos, quando se conheceu este exemplo eloquente de uma produção habitacional pública, que alcançou uma reconhecida qualidade arquitetônica e urbanística. Importante ressaltar, uma vez mais, que o *Byker Wall* é, desde 2007, um conjunto habitacional listado como patrimônio Arquitetônico da Inglaterra, classificado como Grau II, em função de sua reconhecida importância.

Para poder estudar, de fato, o papel do usuário como protagonista e agente de projeto no caso do *Byker Wall* era necessário conhecer com mais detalhe o que foi a experiência participativa de projeto promovida por Erskine e sua equipe no final dos anos 1960 e no decorrer dos anos 1970.

Para tanto, a estratégia adotada por este pesquisador incluiu, por um lado, o levantamento da bibliografia que descrevia o processo participativo adotado à época, além de entrevistas contextuais com antigos moradores e arquitetos que fizeram parte da equipe de Erskine.

Em seguida, era fundamental identificar quaisquer sinais ou ecos do processo original de projeto participativo em Byker, nos dias de hoje. Para esta última aproximação foi fundamental a abordagem etnográfica proposta no Projeto de Pesquisa, favorecida decisivamente pela imersão na vida do conjunto habitacional, onde o pesquisador morou por quase quatro meses e teve a oportunidade de ser, de fato, um residente. Tal imersão facilitou o acesso direto a moradores, líderes comunitários e às autoridades locais, ali representadas pelo *Byker Community Trust* ¹¹⁸.

Mas, afinal, com base nestes estudos e na reflexão aqui empreendida, como é possível melhorar a qualidade arquitetônica e urbanística do habitat? Como o Design Arquitetônico que deu título a esta reflexão pode, de fato, beneficiar-se de uma abordagem projetual com foco no usuário?

A superação de uma visão meramente quantitativa e produtivista, que tende a predominar em programas oficiais desta natureza e magnitude, a partir da identificação da necessidade de se produzir conjuntos habitacionais com maior qualidade arquitetônica e urbanística, embora considerada essencial, não é tarefa fácil.

Sem dúvida alguma, muitos são os problemas de projeto que podem ser resolvidos com imaginação e financiamento adequados, e não faltam bons exemplos a serem estudados em várias partes do mundo.

Por outro lado, quando tratamos de produção habitacional em larga escala, tal como se apresenta no programa “Minha Casa Minha Vida” no Brasil contemporâneo, é preciso reconhecer que não é possível delegar os projetos e seus detalhes para depois, pois é aí que se está falhando também.

O potencial para mudar o modelo produtivista hegemônico também depende muito dos sistemas construtivos —muitos deles, como afirmava Kellett quinze anos atrás (KELLETT, 1990), referindo-se à crise que levou à demolição

¹¹⁸ Criado em setembro de 2011, o *Byker Community Trust* (BCT) foi constituído ao abrigo do *Industrial and Provident Society Act 1965*, com o apoio da autoridade local de Newcastle, para cuidar dos interesses do *Byker Estate* e de seus moradores.

massiva das *Tower Blocks* na Grã-Bretanha— têm características fechadas que limitam as oportunidades.

É Kellett, arquiteto e antropólogo urbano, que afirma para aquele contexto: “agora que os conjuntos têm mais de 20 anos, a baixa qualidade de construção está mostrando suas limitações. O fator dominante é o econômico e as possibilidades dos próprios municípios promoverem as mudanças são cada dia mais remotas, por falta de recursos” (KELLETT, 1990).

Um cenário de futura deterioração de conjuntos habitacionais construídos sem atender aos padrões mínimos de qualidade, seja do ponto de vista da construção seja do ponto de vista dos projetos arquitetônicos e urbanísticos, pode conduzir a situações parecidas como aquelas observadas na Grã-Bretanha ou mesmo nos Estados Unidos, onde “guetos” foram sendo criados a partir de conjuntos de moradias de baixa qualidade, como no caso de “Pruitt-Igoe”, conjunto habitacional de 1954/1955 do arquiteto Minoru Yamasaki, construído em St. Louis, Missouri ¹¹⁹ (Figura 60).

O risco de se gerar, em um curto prazo, aquilo que Rodríguez e Sugranyes (RODRÍGUEZ & SUGRANYES, 2004) chamaram há dez anos de o problema dos “com teto”, referindo-se à política habitacional chilena ¹²⁰, é real. A política chilena era considerada um êxito indiscutível no continente até então, após 15 anos de produção em larga escala de unidades de moradia para reduzir o déficit habitacional naquele país, o que certamente levou muitos governos da América Latina a adotar esse modelo de financiamento, ignorando, no entanto, os novos problemas urbanos e sociais que passaram a ser gerados a partir do mesmo, tais como fragmentação e insegurança.

¹¹⁹ Mais informações podem ser obtidas no filme-documentário “The Pruitt-Igoe Myth: an Urban History” (2011), do diretor Chad Freidrichs, que apresenta um novo olhar sobre o conjunto habitacional de 1954/55 do arquiteto Minoru Yamasaki em St. Louis, Missouri. A demolição do Pruitt-Igoe ocorreu em 16 de março de 1972 e foi mitificada por Charles Jencks como ‘o dia da morte da Arquitetura Moderna’.

¹²⁰ RODRÍGUEZ, Alfredo e SUGRANYES, Ana. El problema de vivienda de los “con techo”. In: *Eure*, diciembre, año/vol. XXX, número 091. Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile, 2004.

Figura 60 - Cartaz do filme-documentário “The Pruitt-Igoe Myth: an Urban History” (2011), do diretor Chad Freidrichs, a respeito do conjunto habitacional “Pruitt-Igoe” (St. Louis, Missouri, 1954/55)

No fundo, a habitação não é um problema econômico que se pode resolver, simplesmente, gastando grandes quantidades de dinheiro. Como esclarece mais uma vez Kellett, na Grã-Bretanha pôde-se ver como recursos financeiros foram desperdiçados e o custo, a longo prazo, resultou muito mais elevado (KELLETT, 1990). Ao mesmo tempo, os problemas habitacionais não podem ser resolvidos sem investimentos significativos.

É preciso entender, ademais, a problemática habitacional como um processo e não unicamente em termos de obras terminadas. Geralmente, o problema da moradia é identificado somente como déficit quantitativo de unidades habitacionais. No caso da Grã-Bretanha dos anos 1970, de onde podem ser tiradas várias lições para refletir a respeito da própria realidade que se atravessa no Brasil, buscou-se uma solução nos mesmos termos. Segundo Kellett: “Um enfoque aritmético é demasiado simplista”.

Na Grã-Bretanha houve razões tanto técnicas como sociais que levaram à decisão de demolir conjuntos habitacionais. Em alguns casos haviam de fato sérios problemas técnicos, como no *Trowbridge Estate*, construído em Londres em 1968 e onde existiam sete torres de 21 andares, perfazendo um total de 750 unidades, demolidas em função de problemas estruturais e de estanqueidade à água (KELLETT, 1990).

Porém outros conjuntos, como parece ter sido o caso do “Killingworth Towers” de Newcastle, eram adequados do ponto de vista técnico, mas passaram a ser rechaçados socialmente. Como comenta Kellett, muitas vezes razões técnicas e sociais parecem estar inter-relacionadas (KELLETT, 1990), como em situações em que a simples suspeita de que um conjunto não é totalmente seguro do ponto de vista estrutural, pode levar a uma mudança muito rápida no comportamento e na atitude das pessoas que nele residem.

Por sua vez, definitivamente, sistemas construtivos industrializados abertos e flexíveis vão responder de forma mais adequada às dinâmicas de vida das famílias e às diferenças existentes entre grupos humanos e indivíduos. Sistemas tecnológicos rígidos tornam mais difíceis ou impossíveis estes processos de transformação.

A questão fundamental, no entanto, conforme argumenta Kellett, é perceber que a habitação social consiste em um processo democrático e participativo, no qual os usuários jogam um papel central (KELLETT, 1990).

A descoberta do papel relativo do morador como protagonista no “Byker Wall”

Conforme já comentado, *Janet Square* foi a primeira etapa de desenvolvimento do *Byker Estate* (1971-1972). Afora isso, foi a única fase onde, de fato, a população teve participação ativa no projeto, aqui interpretado como um processo onde os residentes podiam influenciar o projeto de construção de suas próprias casas.

Quarenta e sete famílias voluntárias tomaram parte na experiência e mais tarde se mudaram para o “projeto piloto” ou *pilot scheme*. Inicialmente, nas palavras de Egelius (EGELIUS, 1980 – p. 3), houve um certo grau de ceticismo generalizado por parte das autoridades, mas finalmente o processo provou ser altamente educativo para todos os envolvidos. Após vários encontros e questionários, muitos dos acordos oficiais em torno das aspirações dos inquilinos e futuros residentes foram rejeitados. Por exemplo: as preferências dos moradores por fachadas que fossem parcialmente abertas ou pelo uso de cores brilhantes foi uma surpresa para muitos dos profissionais de projeto envolvidos. Os arquitetos também tomaram conhecimento do forte patriotismo local e da hierarquia estabelecida dentro da comunidade.

Os habitantes não queriam que a estrutura existente, de casas e ruas, fosse meramente modernizada: ao contrário, desejava-se um bairro de Byker radicalmente novo. No entanto, pretendia-se manter muitas características do antigo *Byker*, tais como lojas de esquina, bares, lavanderias, e salvar o icônico conjunto de edifícios da rua Shipley que abrigava piscinas, conhecido como *Shipley Street Baths*, cuja demolição estava prevista e foi revertida, além de outros pontos de encontro e convivência social simbólicos para a população.

Houve uma forte corrente de opinião em favor da redução do número de apartamentos proposto pelas autoridades, e acalorados debates tiveram lugar

sobre o sistema viário, áreas verdes, equipamentos de recreação etc. Mas os moradores queriam, sobretudo, uma ação rápida, ao invés das promessas infundáveis e das discussões que vinham acontecendo desde os anos 1950.

O aspecto mais importante do projeto-piloto, por sua vez, talvez tenha sido a oportunidade dos moradores apresentarem suas críticas após a ocupação. O projeto-piloto e o trabalho iniciado com grupos de referência ¹²¹ deram origem a outras mudanças de projeto, mas o mais importante foi o papel educativo dos arquitetos, nas palavras de Egelius (EGELIUS, 1980 – p. 3). A consulta aos moradores serviu para esclarecer as teorias por trás do planejamento, para questionar um estilo de vida passivo, e para forçar os participantes a analisar e justificar suas opiniões.

Portanto, em que pese se classificar o “Byker Wall” como uma experiência de projeto participativo, considerando-se a complexidade de se colocar em prática uma tal metodologia em um conjunto habitacional com mais de 1.800 unidades de moradia, há que se relativizar, neste caso, o papel do usuário como protagonista e agente de projeto, conferindo-lhe o real papel que de fato ocupou neste importante desenvolvimento.

Ainda que vagamente, devido às suas raízes históricas absolutamente distintas, poder-se-ia associar o desenvolvimento do “Byker Wall” ao do conjunto habitacional da Quinta da Malagueira, projetado na cidade de Évora pelo arquiteto português Álvaro Siza, no âmbito do já citado SAAL ¹²² ou Serviço de Apoio Ambulatório Local, nos anos de 1975 e 1976, após a Revolução de 25 de Abril de 1974, em Portugal.

O conjunto residencial da Quinta da Malagueira (Figura 61) ocupa uma área de 27 hectares, apresentando construções de dois pavimentos e uma alta

¹²¹ Em seguida ao projeto-piloto, a primeira experiência com grupos de referência ocorreu no setor de Kendal Street, segundo o depoimento de Roger Tillotson, na entrevista que concedeu a este pesquisador

¹²² SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal e resultante de um movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, após a Revolução do 25 de Abril, em 1974

densidade, totalizando 1.200 habitações construídas ao longo de 20 anos, aproximadamente.

Figura 61 - Conjunto residencial da Quinta da Malagueira projetado por Álvaro Siza em Évora (Portugal) - foto aérea da Malagueira (Évora, 1987), Álvaro Siza

Fonte: <http://casafeita.blogspot.it/2011/04/para-alem-da-arquitectura-o-uso.html> (21/01/16)

Nas palavras de Matos & Léger (MATOS & LÉGER, 2004), com a Malagueira, Álvaro Siza “leva ao limite a tipologia da casa individual tentando conferir a cada pequena parcela a maior individualidade possível a mil e duzentas casas com um reduzido número de tipologias, dividindo os observadores sobre o efeito de monotonia ou de diversidade”.

“Os habitantes ganharam alguns milhares de alojamentos e um conjunto de arquitetos, entre os quais Siza, conheceu a fama internacional com este programa que combina, de forma surpreendente, política, linguagem arquitetônica, participação das populações, recuperação de habitações degradadas, alternativas energéticas, diálogo entre o existente e o novo (DE MATOS & LÉGER)”.

No início dos anos 2000 um futuro pouco promissor parecia selar o destino do “Byker Wall”, onde a falta de manutenção adequada e o vandalismo levaram alguns blocos residenciais mais baixos do conjunto a se tornarem praticamente inabitáveis. A preocupação com este cenário deletério cresceu a tal ponto que as autoridades chegaram a considerar a possibilidade de demolir as partes mais degradadas do conjunto.

O “Byker Wall” e a proposta de tudo que ele representa, no entanto, resistiram. O *City Council* reconsiderou as propostas de demolição e o “Byker Wall” em 2007 foi listado como bem arquitetônico da Inglaterra.

Em 2012 o setor do conjunto conhecido como *Bolam Coyne*, que estava abandonado há 10 anos, foi devolvido à comunidade como parte da primeira etapa de reabilitação do “Byker Wall”. Além disso, a incorporação de melhorias no setor comercial do conjunto e no seu paisagismo.

Essa nova dinâmica imprimida na vida do “Byker Wall” vem provocando um crescimento na demanda daqueles que desejam um bom lugar para viver, conforme relata Steve Howells, assistente de administração do *Byker Community Trust* e morador do conjunto ¹²³ (entrevista, FONSECA DE CAMPOS, 2015).

Com base nestas evidências, pode-se afirmar que ainda hoje permanecem vivos, ainda que transformados, os sinais indelévels ou os ecos do processo original de projeto participativo levado adiante por Ralph Erskine na construção do *Byker Estate* ou “Byker Wall”.

¹²³ FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. O usuário como protagonista e agente de projeto: das cooperativas de habitação uruguaias ao Byker Wall de Newcastle. São Paulo: FAUUSP, 2015 - Entrevista concedida por Steve Howells no escritório do Byker Community Trust [mar. 2015]. Newcastle upon Tyne, 2015. 1 arquivo .mp3 (50 min.)

Os planejadores urbanos e o Estado, representado pelos governos central e local, levaram várias cidades do Reino Unido a se modernizarem e se transformarem fisicamente nas décadas de 1960 e 1970, segundo uma “visão de progresso”, em termos de ambiente construído. Os antigos e deteriorados bairros operários, comparáveis a 'favelas' no período pré- Segunda Guerra (YARKER, 2014 – p.2), foram derrubados e, em seu lugar, materializaram-se as visões do Modernismo com respeito à habitação e à cidade.

Foi considerando esse contexto histórico que a pesquisa que fundamentou a presente reflexão procurou abordar e trazer à tona uma compreensão teórica e empírica da natureza contemporânea do sentido de habitar e pertencer a um lugar como o “Byker Wall”.

Não se pode atribuir ao acaso ou se considerar uma coincidência o fato de que os casos aqui estudados e descritos, tais como os conjuntos habitacionais “Killingworth Towers” e “Byker Wall”, ambos construídos na mesma época em Newcastle, tenham tido destinos tão dramaticamente diferentes.

Na execução do “Killingworth Towers” os moradores foram completamente excluídos do processo de tomada de decisões e sua história de declínio culminou com a demolição em 1987, menos de 20 anos depois da sua conclusão. No “Byker Wall”, ao contrário, os usuários participaram de uma ação concertada com a equipe de projetistas liderados por Ralph Erskine. O conjunto teve seus períodos de crise, mas não só permaneceu, como foi reconhecido como exemplar, listado em 2007 como patrimônio arquitetônico da Inglaterra em função de sua reconhecida importância.

Ao propor o projeto como ferramenta de diálogo, introduz-se a questão fundamental que tem como foco o papel do usuário como protagonista e agente de projeto em processos participativos. Esse diálogo vem sendo mantido desde a primeira iniciativa de que se tem notícia na cidade de São Paulo, o mutirão de Vila Nova Cachoeirinha, iniciado em 1979 sob a influência das cooperativas uruguaias de ajuda mútua. Este pesquisador participou, pessoalmente, entre os anos 1987 e 1992, da equipe técnica que assessorou a comunidade de Vila Nova Cachoeirinha, tendo sido responsável pela implantação da tecnologia de pré-

fabricação leve utilizada na última etapa de construção deste conjunto habitacional.

O diálogo entre usuários, comunidade e técnicos em habitação, incluindo arquitetos e urbanistas, entre outras categorias profissionais participantes nestes processos, intensificou-se a partir do início dos anos 1990, quando as conhecidas Assessorias Técnicas consolidaram sua atuação em meio aos vários mutirões habitacionais promovidos em São Paulo durante a administração da prefeita Luiza Erundina.

Obviamente os contextos socioeconômicos e as práticas desenvolvidas pelas assessorias técnicas mudaram muito ao longo dos anos, desde as experiências pioneiras dos anos 1990. Apesar disso, é inegável a manutenção de seus valores éticos, compromissos políticos e a natureza das práticas sociais levadas pelas assessorias técnicas até hoje.

Mas como, então, seria possível matizar as diferenças entre os processos participativos ocorridos na América Latina, inclusive no Brasil, a partir da experiência uruguaia, e aquele que teve lugar no “Byker Wall” de Newcastle, o qual foi o objeto de estudo principal da pesquisa de que trata este trabalho?

Talvez o crivo fundamental esteja associado à leitura humanizada do espaço urbano e do próprio habitat social de que trata Kellett, quando afirma não ser esta uma habilidade projetual especial, a de saber interpretar as aspirações da sociedade, mas uma prática fundamentada na percepção de que a habitação social consiste em um processo democrático e participativo, no qual os usuários jogam um papel central (KELLETT, 1990).

Por meio desta leitura é possível entender, por exemplo, o sentido político do SAAL - Serviço de Apoio Ambulatório Local, levado a cabo em Portugal, em meio ao movimento social urbano ocorrido nos anos de 1975 e 1976, logo após a Revolução do 25 de Abril, em 1974.

Ao retomar o tema inicialmente proposto para a pesquisa de que trata a presente reflexão, qual seja, o estudo do usuário como protagonista e agente de projeto, fica evidente o caráter ativo ou passivo que pode ter esse ator principal nas experiências participativas, dependendo das políticas públicas existentes. Ou,

em outras palavras, o papel relativo do morador como protagonista, no caso do projeto original do “Byker Wall”, ou a perspectiva do projeto como parte de uma prática emancipatória presente nas ações de empoderamento que se tornaram um atributo indissociável das cooperativas de habitação por ajuda mútua uruguaias.

O espaço e a identidade do sujeito

Como afirma o arquiteto uruguaio Jorge Di Paula (DI PAULA, 2000)¹²⁴, em seu artigo intitulado “Do arquiteto-autor ao arquiteto-ator”, a habitação popular não é só uma nova designação, senão que pretende constituir um novo paradigma que expressa também uma nova relação entre o usuário, o espaço e o tempo, envolvendo o destinatário como sujeito e não como dado estatístico. Uma nova institucionalidade, uma nova normativa e, fundamentalmente, uma nova metodologia de atuação e um novo papel do arquiteto.

Para entender o significado mais profundo das palavras de Di Paula, nada melhor do que ilustrá-las por meio da recente exposição ocorrida no Museu da Casa Brasileira (São Paulo, 3 de junho a 2 de agosto de 2015) intitulada “Cooperativas habitacionais no Uruguai – meio século de experiências” (MCB, 2015)¹²⁵. Com curadoria dos arquitetos Alina del Castillo e Raúl Vallés, da

¹²⁴ DI PAULA, Jorge. Del arquitecto-autor al arquitecto-actor. Vivienda popular. Montevideo, Facultad de Arquitectura, Universidad de la República, nº 6, p. 56-61, febrero. 2000.

¹²⁵ DEL CASTILLO, Alina, VALLÉS, Raúl, FARIA E SILVA, Luis Octávio de e OTERO, Ruben (curadores). Cooperativas habitacionais no Uruguai – meio século de experiências. Exposição. São Paulo: Museu da Casa Brasileira em colaboração com Faculdade de Arquitetura de Montevideu (Uruguai) e a Escola da Cidade (SP/Brasil), de 3 de junho a 2 de agosto de 2015.

As cooperativas habitacionais de ajuda mútua surgiram no Uruguai, como já dito, na década de 1960 a partir da iniciativa de um pequeno grupo de profissionais que conseguiu articular um modelo eficiente para possibilitar o acesso à habitação de qualidade à população trabalhadora. O contexto à época era de crise econômica e a indústria da construção civil encontrava-se paralisada. A partir do trabalho dessa equipe de profissionais foi desenvolvido aquele que viria ser o marco legal que gerou a Lei Nacional de Habitação Uruguia (Lei Nacional de Vivenda) de 1968, uma conquista da classe operária apoiada por uma geração de arquitetos com sólida formação técnica e comprometida com a melhora da qualidade de vida da população.

Unidade Permanente de Habitação (Montevideu), e Luis Octavio de Faria e Silva e Ruben Otero, do curso de pós-graduação “Habitação e Cidade” da Escola da Cidade (São Paulo), as experiências participativas uruguaias, desenvolvidas no seio do cooperativismo de habitação, definem a forma como tem se dado a produção social do habitat ao longo das últimas cinco décadas naquele país.

Uma experiência reconhecida internacionalmente, e particularmente na América Latina, seja pelo seu modelo de gestão inovador e o projeto social implícito, quanto pela qualidade arquitetônica e ambiente urbano gerado, como bem enunciam os textos de apresentação da exibição.

As origens do sistema cooperativista uruguaio remontam aos anos 1960 e seu volume de produção alcançou a marca de 30.000 unidades construídas; isso em um país de 3,4 milhões de habitantes. Atualmente, 40% do investimento público em habitação destinam-se às cooperativas.

O movimento cooperativista de habitação uruguaio é das iniciativas mais relevantes também no campo da arquitetura latino-americana nas últimas décadas, tendo servido de inspiração para vários programas no Continente, a exemplo dos mutirões habitacionais ocorridos em São Paulo, os quais resultaram na construção de milhares de unidades habitacionais no início dos anos 1990, tanto por iniciativa do governo municipal de São Paulo como, posteriormente, da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) do Estado de São Paulo.

O cooperativismo uruguaio, mais do que gerar bons projetos arquitetônicos e urbanísticos, representou a criação de uma alternativa concreta para a construção do habitat social, por meio do fomento à autogestão nos movimentos sociais e da implementação da propriedade condominial do solo urbano, ações que tiveram um impacto fundamental na construção da própria cidadania.

No entanto, o viés da exposição que mais interessa explorar nesta comparação entre as experiências participativas europeias e latino-americanas diz respeito ao pensamento arquitetônico que deu suporte a cada uma delas.

Na exposição do Museu da Casa Brasileira ressalta-se o fato da aparição do movimento cooperativista de habitação uruguaio coincidir com a afirmação na

Europa de “uma linha de pensamento que, perante o fracasso social dos grandes conjuntos habitacionais e a crise da ideia de controle total do entorno por parte do arquiteto, aposta na recuperação dos valores locais e na participação do usuário na definição do seu espaço habitável” (MCB, 2015).

Naturalmente, não é possível atribuir o surgimento das cooperativas uruguaias em função do que acontecia no cenário europeu, mas é importante perceber a quase simultaneidade do surgimento de experiências participativas tanto na América Latina (cooperativas uruguaias) como na Europa (“Byker Wall” de Newcastle).

Apesar disso, a exposição do Museu da Casa Brasileira expressa textualmente que “as cooperativas pioneiras no Uruguai (1966) foram alguns anos anteriores às experiências participativas de Erskine ou Kroll ou às produções teóricas de Habraken ou Alexander” (MCB, 2015). Segundo ainda o mesmo texto, tomado da exposição do Museu da Casa Brasileira, os arquitetos que participaram desde o início no sistema cooperativo reconhecem o “alinhamento com essas tendências, mas também são herdeiros de uma geração que adequou os princípios da arquitetura moderna à realidade cultural e geográfica do país, como Mario Payssé, Rafael Lorente, Ernesto Leborgne e Eladio Dieste” (MCB, 2015).

Com a abordagem etnográfica adotada na pesquisa que deu origem à presente reflexão, tornada possível devido à imersão do pesquisador na vida do conjunto habitacional, descobriu-se que novos laços de vizinhança e solidariedade surgiram entre antigos e novos moradores do “Byker Wall”, particularmente, os imigrantes de origem africana. Estes laços, revelam as entrevistas realizadas, alteraram radicalmente o cenário negativo em que o conjunto estava mergulhado na primeira metade dos anos 2000.

Cabe perguntar, como sugere Yarker (YARKER, 2014), o que ocorre quando muitos dos elementos materiais e sociais, que converteram um lugar em uma espécie de “lar”, não estão mais lá e este espaço é transformado fisicamente, bem como reimaginado por alguém?

Além dessa questão, poderia se acrescentar: — como podem imigrantes que passam a viver em um bairro, caso da fotógrafa finlandesa, Sirkka-Liisa Konttinen, interpretar e adotar estes significados locais para si?

Talvez as respostas a tais questões permitam entender como os recentes imigrantes, representados pela comunidade afrodescendente ali residente, possam manter uma identidade vinculada ao antigo bairro de *Byker*, e continuada no processo participativo de projeto do “Byker Wall”, construída em torno dos mesmos valores compartilhados por antigos moradores, com suas raízes familiares, conforme comenta Yarker (YARKER, 2014).

Se as pessoas mudam ou migram para novos lugares, ou se os lugares ao redor delas se alteram, cabe entender, parafraseando Yarker (YARKER, 2014 – p.2): — Como as pessoas dão sentido às mudanças que ocorrem em nossas cidades? Como vivem em meio às transformações do lugar? E como conciliam as mudanças ao seu redor, com a estabilidade relativa de sua vida cotidiana? Em suma, qual é a natureza do sentido de pertencimento local e o significado das cidades em termos afetivos, nos dias atuais?

A comunidade residente no antigo bairro de *Byker*, sobre a qual Sirkka-Liisa Konttinen escreveu e fotografou na década de 1970 (KONTTINEN, 1970)¹²⁶, e posteriormente em 2008 (KONTTINEN, 2009)¹²⁷, vivia em um bairro em transformação.

Segundo Martins, o tempo interfere na noção de espaço, na medida em que memórias anteriores nos fornecem fortes valores sentimentais a lugares e espaços na atualidade¹²⁸ (MARTINS, 2013). Segundo o mesmo autor, neste

¹²⁶ KONTTINEN, Sirkka-Liisa. *Byker Revisited: Portrait of a Community*. Newcastle: Northumbria University Press, 2009

¹²⁷ KONTTINEN, Sirkka-Liisa. *Byker*. Hexham: Bloodaxe Books Ltd, 1985

¹²⁸ MARTINS, Ricardo N. *Entre Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito*. In: Geo-Working Papers do NIGP- Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Série Investigação 2013/23. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2013.

processo, e retroativamente, espaço, lugares e paisagem têm um papel crucial no moldar da memória individual e, desta forma, na memória humana coletiva.

Ou seja, caso se considere a comunidade hoje residente no “Byker Wall”, poderia se depreender que a mesma vive ali o presente, mas, ao mesmo tempo, o passado, frente aos “resquícios memoriais de outrora e às projeções futuras baseadas, em parte, no repetir a experiência das ações passadas” ¹²⁹.

No “Byker Wall”, em função das narrativas protagonizadas pelos membros mais antigos da comunidade, da história marcante do bairro e de uma série de objetos simbólicos presentes e cultuados naquele determinado espaço (traçados originais, nomes de ruas, edifícios e relíquias de edifícios históricos), pode-se dizer que uma série de elementos materiais e sociais concorrem para a manutenção de uma memória coletiva, regida muito mais pelo tempo mental, do que pela percepção temporal cronológica (MARTINS, 2013).

Martins completa afirmando que “o estudo da memória enquanto problemática é crucial para entender como as identidades são nutridas pelo sentido de lugar”. Por meio das narrativas encorajadas durante as entrevistas contextuais realizadas, foram ativadas memórias e experiências biográficas individuais e coletivas, situadas temporal e espacialmente, em função da imersão do pesquisador como observador participante naquele contexto. Tais depoimentos são organizados regularmente na forma de narrativas lineares espacializadas, que operam como elementos centrais no processo da formação identitária (MARTINS, 2013).

Portanto, ao se propor o uso de técnicas etnográficas combinando levantamentos de campo e entrevistas contextuais, acredita-se que foram os indivíduos e suas memórias que deram ao espaço estudado, o conjunto habitacional “Byker Wall”, a significação de lugar que se buscava entender.

Os atuais residentes do “Byker Wall” continuam a preservar, embora de maneira distinta, a identidade construída no antigo bairro de *Byker*, cultivando valores de solidariedade semelhantes aos dos antigos moradores, mas com suas

¹²⁹ Id.

próprias raízes culturais e familiares, além de tomar para si o processo democrático e participativo, do qual eles mesmos passaram a ser os protagonistas.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, Ben. Emotion, Space and Society. Durham: Department of Geography, Durham University, 2009.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). Edificações habitacionais – Desempenho. Rio de Janeiro: ABNT, 2013 (ABNT/NBR-15575)
- BENEVOLO, Leonardo. Tradução José E. Rodil. O último capítulo da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BENEVOLO, Leonardo. Tradução Letícia M. de Andrade. A arquitetura no novo milênio. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BORGES, Carlos A. de M. O conceito de desempenho de edificações e a sua importância para o setor da construção civil no Brasil. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - Departamento de Engenharia de Construção Civil, 2008 (Dissertação de Mestrado)
- BLACHERE, G. General consideration of standards, agreement and the assessment of fitness for use. Paper presented at the 3rd CIB Congress on Towards Industrialised Building held in Copenhagen, Denmark, 1965.
- CANTER, C. The Psychology of Place. London: Architectural Press, 1977.
- CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: COSAC & Naify, 2012.
- COLEMAN, A. Utopia on Trial; Vision and Reality in Planned Housing. London: Hilary Shipman, 1985.
- COPUR, Ulker. Towards sustainable regeneration initiatives for Byker Wall, New Castle upon Tyne. Bristol: School of Architecture - Roger Williams University, 2008
- DE CERTEAU, Michel. The Practice of Everyday Life, trans. Steven Rendall. Berkeley: University of California Press, 1984.

- DE MATOS, Gisela & LÉGER, Jean-Michel. Siza Vieira em Évora: revistar uma experimentação. In: Revista Cidades, Comunidades e Territórios, nº 9, dezembro 2004, p. 39-53. Lisboa: ISCTE-IUL, 2004
- DI PAULA, Jorge. Del arquitecto-autor al arquitecto-actor. Vivienda popular. Montevideo, Facultad de Arquitectura, Universidad de la República, nº 6, p. 56-61, febrero 2000.
- EGELIUS, Mats. Ralph Erskine: Byker Redevelopment, Byker area of Newcastle upon Tyne, England, 1969-82. In: *Global Architecture – number 55*. Tokyo: A.D.A. EDITA Tokyo Co., 1980.
- FAULKNER, Thomas et al. Newcastle and Gateshead; Architecture and Heritage. Newcastle: Tyne Bridge Publishing; 2nd Revised edition edition, 2014
- FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. Industrialização da construção e argamassa armada: perspectivas de desenvolvimento. São Paulo: EPUSP, 1989. 201 p. Dissertação (Mestrado)
- FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. Da argamassa armada ao microconcreto de alto desempenho: perspectivas de desenvolvimento para a pré-fabricação leve. São Paulo: FAUUSP, 2002. 208 p. Tese (Doutorado).
- FONSECA DE CAMPOS, Paulo E. Norma de desempenho de edificações: uma contribuição para o desenvolvimento do conceito de normativa exigencial aplicado à construção civil. Revista Concreto & Contrução. , v.XLI, p.26 - 31, 2013.
- GEHL, Jan. Cidade Para as Pessoas. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GIBSON, E. J. (Coordinator). Working with the performance approach in building. International Council for Research and Innovation in Building and Construction (CIB). Rotterdam, Netherlands, 1982. (CIB State of Art Report nº64, Working Commission W60).
- GLENDINNING, Miles & MUTHESIUS, Stefan. Tower block; modern public housing in England, Scotland, Wales, and Northern Ireland. New Haven and London: The Paul Mellon Centre for Studies in British Art by Yale University Press, 1993.

- HANAI, João B. Construções de argamassa armada: situação, perspectivas e pesquisas. Tese de Doutorado, Escola de Engenharia, São Carlos, 1981.
- HARAWAY, Donna. Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature. London: Free Association Books, 1991
- HILLIER, B. City of Alice's Dreams. In: Architects Journal, 9 July; 39-41, 1986.
- INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (IPT). Tecnologia de edificações. São Paulo: PINI, 1988
- KELLETT, Peter. ¿Tecnología inapropiada? Experiencias de vivienda social en Gran Bretaña. In: Informes de la Construcción, Vol. 42 n ° 409, septiembre/octubre, 1990. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990
- KELLETT, Peter and TAVERNOR, Bill. The Rise and Fall of Multi-Storey Social Housing in Britain. In: XXIII IAHS World Housing Conference: Excellence in Housing: Prospects and Challenges, Singapore, September 1995
- KONTTINEN, Sirkka-Lisa. Byker Revisited: Portrait of a Community. Newcastle: Northumbria University Press, 2009
- KONTTINEN, Sirkka-Lisa. Byker. Hexham: Bloodaxe Books Ltd, 1985
- LANSKY, Samy. Na cidade, com crianças: Uma etno-grafia espacializada. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006 (Tese de Doutorado).
- LONARDONI, F. et al. Scaling-up affordable housing supply in Brazil; The 'my house my life' programme. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme (UN-Habitat), 2013.
- LONGFIELD, James. Shop Drawings: the in-situ drawing practices of the citizen architect. In: TRACEY journal, February, 2014.
- LONGFIELD, James. Echoes of Erskine: reflections on the working life of a citizen architect in Byker. In: Architectural Research Quarterly, Volume 18, Issue 03, September 2014, pp 218 – 233. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

- MALHOTRA, V. Mohan. Innovative applications of superplasticizers for producing high-performance concrete. In: 40^o Congresso Brasileiro do Concreto, Rio de Janeiro, ago/1998. São Paulo, IBRACON, 1998.
- MARTINS, Ricardo N. Entre Narrativas de lugar e memória: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito. In: Geo-Working Papers do NIGP- Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, Série Investigação 2013/23. Guimarães: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2013.
- McCOMBIE, Grace. Newcastle and Gateshead (Pevsner Architectural Guides). New Haven: Yale University Press, 2009
- NAHOUM, Benjamín. Cuatro décadas de cooperativas de vivienda en Uruguay: Cambios y permanencias. In: Revista OSERA, número 3. Buenos Aires: Instituto de investigaciones Gino Germani, Facultad de Ciencias Sociales - Universidad de Buenos Aires, 2010
- OLIVER, Paul. Dwellings: the House across the World. Oxford: Phaidon Press Ltd, 1987.
- OLIVER, P., DAVIS, I. and BENTLEY, I. Dunroamin: the suburban semi and its enemies. London: Barrie and Jenkins, 1981.
- PENDLEBURY, John (2001). Alas Smith and Burns? Conservation in Newcastle upon Tyne city centre 1959–68. Planning Perspectives (16): 115–141.
- RODRIGUES, Nuno. Entre conhecimentos situados, perspetivas parciais, posicionalidades e localizações - contributos de Donna Haraway para outra(s) geografia(s). In: XIV Colóquio Ibérico de Geografia. Guimarães: Departamento de Geografia, Universidade do Minho, 2014.
- RODRÍGUEZ, Alfredo e SUGRANYES, Ana. El problema de vivienda de los “con techo”. In: Eure, diciembre, año/vol. XXX, número 091. Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago de Chile, 2004.

- SAILER, Kerstin, BUDGEN, Andrew, LONSDALE, Nathan, and PENN, Alan, Changing the Architectural Profession – Evidence-Based Design, the New Role of the User and a Process-Based Approach. In: Symposium 'Ethics and the Professional Culture'. Cluj, Romania: 2007.
- SCHÖN, Donald A. The Reflective Practitioner: How Professionals Think in Action. Aldershot: Ashgate Publishing Limited, 1991.
- SALAS S., Julián. Alojamiento y tecnología: ¿Industrialización abierta? Madrid: Instituto Eduardo Torroja, 1981.
- SALAS, S. Julián. Arquitectura sin aplausos. El País. Artigo publicado pelo periódico espanhol (enviado pelo autor), Madrid, 2001.
- SCHMID, Thomas e TESTA, Carlo. Systems Building. Zürich: Verlag für Architektur, 1969.
- WHITAKER, João Sette (org.). Produzir casas ou construir cidades? Desafios para um novo Brasil. São Paulo: LABHAB, FUPAM, 2012.
- VITRUVIO. De Arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 2007.
- YANES M., Carmen. Tecnologías no convencionales aplicadas a la infraestructura física de los asentamientos urbanos en zonas precarias. In: Anales del I Seminario Internacional sobre Mejoramiento y Reordenamiento de Asentamientos Urbanos Precarios. (Pág. 157-174), Caracas, Venezuela, octubre 1997.
- YARKER, Sophie K. Belonging in Byker; The nature of local belonging and attachment in contemporary cities. Newcastle: School of Geography, Politics and Sociology at Newcastle University, 2014 (PhD Thesis)

Ilustrações e Fotos – lista de figuras

<i>Figura 1 - Foto do pesquisador com o arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, tomada no subsolo do hospital Sarah de Salvador/BA em 2008, por José Adolfo Peña</i>	16
<i>Figura 2 - Conjunto habitacional Vila Kennedy (Rio de Janeiro, 1960)</i>	26
<i>Figura 3 - Conjunto habitacional do MCMV em Serra/ES na atualidade</i>	26
<i>Figuras 4 - Primeiro sistema de painéis pré-fabricados - Eldon Street Apartments Liverpool (John Brodie, 1905)</i>	29
<i>Figura 5 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)</i>	29
<i>Figura 6 - Colapso estrutural parcial do edifício Ronan Point, decorrente de uma explosão provocada por vazamento de gás (Londres, 1968)</i>	32
<i>Figura 7 - Avaliação de desempenho</i>	37
<i>Figura 8 - Demolição do conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle) em 1987 – Ano Internacional das Pessoas Sem Moradia da ONU</i>	47
<i>Figura 9 - Crianças com Ralph Erskine em seu escritório localizado em Byker, Newcastle upon Tyne (ERSKINE, 1977), espaço atualmente ocupado pelo Byker Community Trust Office – fotógrafo desconhecido</i>	48
<i>Figura 10 - Kendal Street (1969) no antigo bairro operário de Byker, em Newcastle, na visão da legendaria fotógrafa Sirkka-Liisa Konttinen, uma das entrevistadas da pesquisa</i>	48
<i>Figura 11 - Evento “Ambulatório: conversas abertas nos bairros do SAAL-Norte”, com o Prof. José António Bandeirinha, o residente de São Vítor Sr. Alberto Villas-Boas e o Arq. Eduardo Souto de Moura, no Porto em 17/01/2015</i>	52
<i>Figura 12 - Entrevista com Ken Millor, líder comunitário residente em Byker desde a sua infância (local: Byker Community Centre)</i>	67
<i>Figura 13 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)</i>	78
<i>Figura 14 - Conjunto habitacional “Killingworth Towers” (Newcastle, 1970)</i>	78
<i>Figura 15 - O escritório de Ralph Erskine e sua equipe de projeto localizado em Byker no espaço atualmente ocupado pelo Byker Community Trust</i>	84
<i>Figura 16 - “Byker Wall” em 1972</i>	85

<i>Figura 17 - Vista parcial da fachada norte do conjunto habitacional “Byker Wall” (Newcastle, 1970) – foto tomada pelo pesquisador em 2015</i>	85
<i>Figura 18 - Vista parcial da fachada norte do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	88
<i>Figura 19 - Vista parcial da fachada sul do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	88
<i>Figura 20 - Foto aérea do “Byker Wall” onde os telhados na cor azul dos edifícios mais altos dominam a paisagem (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	89
<i>Figura 21 - Vista de uma das áreas verdes do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	89
<i>Figura 22 - Implantação do conjunto habitacional “Byker Wall” incluindo a extensão a noroeste (canto superior esquerdo) - setor Dunn Terrace</i>	91
<i>Figura 23 - Vista interior do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	92
<i>Figura 24 - Vista interior do conjunto habitacional “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	93
<i>Figura 25 - Clydesdale Road, Byker (1971) na visão da fotógrafa Sirkka-Liisa Konttinen, uma das entrevistadas da pesquisa</i>	97
<i>Figura 26 - Imagem de satélite do “Byker Wall” capturada no Google Earth indicando sua posição com relação ao centro de Newcastle – ao sul é possível identificar o Rio Tyne e suas cinco pontes à esquerda</i>	100
<i>Figura 27 - Plano original do “Byker Wall”</i>	101
<i>Figuras 28 - Imagem de satélite do “Byker Wall” capturada no Google Earth (a) e planta dos diferentes setores do conjunto (b), conforme legendas a seguir</i>	103
<i>Figura 29 - Vista aérea do “Byker Wall” capturada no Google Earth onde é possível identificar as vias perimetrais que ligam a região aos eixos viários locais e regionais (linhas escuras); a Commercial Road (eixo horizontal - linha clara), única via principal a penetrar no conjunto; a Raby Street (eixo vertical - linha clara), que conforma historicamente seu eixo estruturante (somente tráfego local)</i>	104

<i>Figura 30 - Vista aérea do “Byker Wall” capturada no Google Earth onde é possível identificar a estação Byker do Metrô localizada junto à fachada norte do conjunto, na parte externa da “muralha”</i>	105
<i>Figura 31 - Uma das muitas placas que sinalizam a atual requalificação do “Byker Wall” – foto tomada pelo pesquisador em 2014 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	107
<i>Figura 32 - Obras de requalificação em curso atualmente no “Byker Wall” (2015)</i>	110
<i>Figura 33 – Casa onde o pesquisador residiu de dezembro de 2014 a março de 2015, no número 6 de Kendal House do Byker Wall</i>	114
<i>Figura 34 - Imagens numeradas dos entrevistados identificados na ordem em que aparecem no Quadro 3 – exceto trabalhadores do City Council</i>	118
<i>Figura 35 - Entrevista com Roger Tillotson, um dos arquitetos da equipe de Ralph Erskine, na residência do pesquisador no “Byker Wall” (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	119
<i>Figura 36 – Foto tomada após a entrevista de Michael Drage, um dos arquitetos da equipe de Ralph Erskine, na residência do pesquisador no “Byker Wall” (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	120
<i>Figura 37 - Sirkka-Lisa Konttinen, a legendaria fotógrafa de Byker na década de 1970, durante entrevista concedida na sede da Amber Film & Photography Collective vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	120
<i>Figura 38 - Planta da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015</i>	121
<i>Figura 39 - Pavimento térreo da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015</i>	122
<i>Figura 40 - Pavimento superior da casa localizada em 6 Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015</i>	123
<i>Figura 41 - Localização e acesso à Kendal House do Byker Wall, onde o pesquisador residiu de dezembro/2014 a março/2015 – Google Earth + Street View</i>	124
<i>Figura 42 - Rede de contatos que levou aos entrevistados – conforme Quadro 3</i>	125
<i>Figura 43 – “Relíquias” incrustadas nas alvenarias do “Byker Wall”, provenientes de antigos edifícios demolidos do Old Byker</i>	133
<i>Figura 44 - Banco ao lado da porta de entrada da casa em 6 Kendal House</i>	140

<i>Figura 45 - Edifício Shipley Road Baths construído em 1907 e reaberto em 2008</i>	149
<i>Figura 46 - Conjunto de casas remanescentes do Old Byker na Bothal Street, esquina com a Harriet Street (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	149
<i>Figura 47 - St. Lawrence's Church (1898), igreja católica incrustada literalmente no "Byker Wall", remanescente do Old Byker (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	150
<i>Figura 48 - Pub "Stags Head" localizado em edifício remanescente do Old Byker (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	150
<i>Figura 49 - St. Michael's Church (1862), igreja anglicana localizada no topo da colina a nordeste do "Byker Wall", com vista para o rio Tyne (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	151
<i>Figura 50 - Esmeraldo, vizinho do 5 Kendal House, asilado angolano que trabalha na cozinha de um dos mais afamados bistrôs de Newcastle, o Café 21 (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	155
<i>Figura 51 – Lito, angolano residente em um flat da "muralha" do "Byker Wall", amigo de Esmeraldo (Figura 50) e um dos entrevistados da pesquisa, com seu filho (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	155
<i>Figura 52 - Projeto Catuche (Caracas, 1997) (vide foto colorida nos ANEXOS)</i>	167
<i>Figura 53 - Muros de contenção (Salvador, 1980)</i>	170
<i>Figura 54 - "Lixodutos" (Salvador, 1987)</i>	171
<i>Figura 55 - Sistema construtivo para escolas (Salvador, 1987)</i>	172
<i>Figura 56 - Protótipo habitacional em Vila Nova Cachoeirinha (São Paulo, 1993)</i>	174
<i>Figura 57 - Proposta de Lelé para a favela de Pernambués (Salvador, 2011)</i>	177
<i>Figura 58 - Proposta de Lelé para a favela de Cajazeiras (Salvador, 2011)</i>	182
<i>Figuras 59 -Proposta de Lelé para conjunto habitacional do programa "Minha Casa, Minha Vida" na favela de Pernambués (Salvador, 2011)</i>	184
<i>Figura 60 - Cartaz do filme-documentário "The Pruitt-Igoe Myth: an Urban History" (2011), do diretor Chad Freidrichs, a respeito do conjunto habitacional "Pruitt-Igoe" (St. Louis, Missouri, 1954/55)</i>	195
<i>Figura 61 - Conjunto residencial da Quinta da Malagueira projetado por Álvaro Siza em Évora (Portugal) - foto aérea da Malagueira (Évora, 1987), Álvaro Siza</i>	199

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Projeto

ANEXOS

Design Arquitetônico:

**Uma abordagem projetual com foco no
usuário, como protagonista e agente de
projeto, ou ...**

**Das cooperativas de habitação uruguaia ao
dissenso modernista do “Byker Wall”**

PAULO EDUARDO FONSECA DE CAMPOS

São Paulo, 2016

Informed Consent Form

1. I hereby agree to participate in an interview in connection with the above-mentioned research project. I understand that I will be asked about my personal memories and recollections in relation to the research subject.
2. The interview will be digitally recorded. In the interview I may be identified by name, subject to my consent. I may also be identified by name in any transcript (whether verbatim or edited) of the interview, subject to my consent. If I choose to remain anonymous, I know that the recording of my interview will be closed to use, and my name will not appear in the transcript or reference to any material contained in the interview.
3. I understand that I can withdraw from the project prior to the signing of a deed of gift, a form of which is attached here. In the event that I withdraw from the interview, any recording made of the interview will be destroyed and no transcript will be made of the interview. I understand that at least one photograph of me will be taken, and that if I withdraw from the project the photograph will be destroyed or given to me.
4. Subject to the provisions of paragraph 5 below, I understand that, upon the completion of the interview, the recording and content of the interview belong to the above-mentioned research project and it can be used for academic purposes by researchers in presentations and publications.
5. Dr. Paulo Eduardo Fonseca de Campos, professor of São Paulo University and Visiting Researcher of the School of Architecture, Planning & Landscape at Newcastle University agrees that (i) it will not use or exercise any of its rights to the information in the interview prior to the signing of a deed of gift; (ii) the deed of gift will be submitted for my signature at the completion of the interview; and (iii) restrictions on the use of the interview can be placed in the deed of gift and will be accepted as amending to the content of the interview. I understand that I have the right to review the recording or transcript of the interview before I sign the deed of gift.
6. Any restrictions as to use of portions of the interview indicated by me will be edited out of the final copy of the transcript.
7. I understand that at the conclusion of this particular study and upon signing the deed of gift, the recording, photograph and one copy of the transcript will be kept at the office of the research responsible at the School of Architecture and Urbanism – São Paulo University.
8. If I have questions about the project or procedures, I know I can contact Paulo Eduardo Fonseca de Campos on 07443072844 or via email at pfonseca@usp.br .
9. If I feel I have not been treated according to the descriptions in this form, or that my rights as a participant in research have been violated during the course of this project, I know I can contact the School of Architecture and Urbanism – São Paulo University.

Research Project:

The user as protagonist and agent of design:

From the Uruguayan housing cooperatives to the Byker Wall of Newcastle

☐ I agree to be identified by name in any transcript or reference to any information contained in this interview

☐ I wish to remain anonymous in any transcript or reference to any information contained in this interview. I wish to have the recording(s) containing my interview closed to use. I wish to have my transcript only identified by an internal number of the research project.

Interviewee print name

Interviewee signature

Address
.....

Postcode

Telephone number

Email address

Date of birth

Interviewer (1) print name

Interviewer (1) signature

Interviewer (2) print name

Interviewer (2) signature

Consent date

The information given to us will be held on a computer database. It will therefore be retained permanently. The information will not be disclosed outside School of Architecture and Urbanism – São Paulo University except as permitted in (1) above and for academic purposes.

Questions to Konrad (Researcher of SAPL)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship with Byker?
- 2) You have introduced me to Byker 3 years ago. As an economist, what's the significance of Byker for you?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) From your point of view, today is possible to identify any echoes of the original participatory design process in Byker?
- 5) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences that you have known in housing co-operatives in Newcastle?
- 6) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 7) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 8) Would you like to live in Byker? Why?

Questions to Robert and Alice Ward (former residents of Byker)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship with Byker?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker? or Did you feel comfortable living in Byker (in the past)?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 5) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 6) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Why did you move to Byker?
- 8) Why did you leave Byker?

Questions to Silvie Fisch (Byker resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? – Political background?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)?
- Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 8) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?

Questions to Mike Drage (architect Ralph Erskine's team)

- 1) Could you introduce yourself and tell about your relationship with Byker?
- 2) As an architect, what's the significance of Byker for you?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) From your point of view, today is possible to identify any echoes of the original participatory design process in Byker?
- 5) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences in housing co-operatives in Newcastle?
- 6) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 7) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 8) Would you live in Byker? Why?
- 9) Specifics questions:
 - a. Could you summarize the building methods that you have used in Byker design?
 - b. Wikipedia defines Byker as a "Funcionalist Romantic" styling. Do you agree (foolish)?
 - c. Could you establish a comparison between low-rise *vesus* Brutalist High-rise housing?
 - d. The *Tower Blocks* : Killingworth Towers (Newcastle), Ronan Point and Thamesmead (London).
 - e. Renovation 5 Kendal House – cheap materials (chipboard – floor, plasterboard – walls); poor sound insulation solution; not respecting British Performance Standards (BS).
 - f. Commerce inside Byker? Is truth the trick of providing the foundations for future shops?
 - g. Funcionalism *versus* complexity.
 - h. Participatory design. Any echoes today?
 - i. PLAN OF INTENT *versus* MASTER PLAN.

Questions to Peter Kellett (SAPL senior lecture and researcher)

- 1) Could you introduce yourself and tell about your relationship with Byker?
- 2) As an architect, what's the significance of Byker for you?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) From your point of view, today is possible to identify any echoes of the original participatory design process in Byker?
- 5) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences in housing co-operatives in Newcastle?
- 6) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 7) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 8) Would you live in Byker? Why?
- 9) Specifics questions:
 - a. Wikipedia defines Byker as a "Funcionalist Romantic" styling. Do you agree (or is foolishness)?
 - b. Could you establish a comparison between low-rise *versus* Brutalist High-rise housing? - The *Tower Blocks* : Killingworth Towers (Newcastle), Ronan Point and Thamesmead (London).
 - c. Renovation 5 Kendal House – cheap materials (chipboard – floor, plasterboard – walls); poor sound insulation solution; not respecting British Performance Standards (BS).
 - d. Commerce inside Byker? Is truth the trick of providing the foundations for future shops?
 - e. Funcionalism *versus* complexity.
 - f. What your opinion about to work with the concept of PLAN OF INTENT *instead* of MASTER PLAN?

Questions to Colin Green (Byker resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? – Political background?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 8) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?

Questions to Sirkka-Liisa Konttinen (former resident of Byker)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? – Political background?
- 2) Did you feel comfortable living in Byker in the past?
- 3) What about the transition from *Old Byker* to Byker Wall?
- 4) From your point of view, today is possible to identify any echoes of the original participatory design process in Byker?
- 5) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 6) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 7) I'm living in Byker since 1st of December and, in my opinion, is relatively unjustified the "bad reputation" of this neighbourhood. On the other hand, the worth of Byker is possibly more recognized by architects and outside people than by citizens of Newscastle. If you agree, what's the explanation for this from your viewpoint?
- 8) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 9) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 10) Could you tell anything about the controversial T. Dan Smith? Idealist, visionary or just a criminal?

Questions to Anna Spencer (Byker resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 8) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?

Questions to Dale Bolland (Ouseburn Valley Trust)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? – Political background?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 8) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?
- 9) About the theme of sustainability in Byker in the future, could you identify some trends and goals? – The problem of heating and the use of new technologies like photovoltaic panels (solar panels), for example.
- 10) How is regeneration or housing market development performed in Ouseburn?

Questions to Mark and Lucia – Moises Raimundo (social workers)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship with Byker? – SOCIAL or COMMUNITY WORK background?
- 2) Do you feel comfortable walking in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Positive aspects about Byker?
- 6) Negative aspects about Byker?
- 7) Would you live in Byker? Why yes or no?

Questions to James Longfield (Byker resident and PhD candidate)

- 1) Could you introduce yourself and tell about your relationship with Byker?
- 2) As an architect, what's the significance of Byker for you?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) From your point of view, today is possible to identify echoes of the original participatory design process in Byker?
- 5) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences in housing co-operatives in Newcastle?
- 6) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 7) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 8) Would you like to make anything inside home? Why?
- 9) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?
- 10) Specifics questions:
 - a. Wikipedia defines Byker as a "Funcionalist Romantic" styling. Do you agree (or is foolishness)?
 - b. Could you establish a comparison between low-rise *versus* Brutalist High-rise housing? - The *Tower Blocks* : Killingworth Towers (Newcastle), Ronan Point and Thamesmead (London).
 - c. Renovation 5 Kendal House – cheap materials (chipboard – floor, plasterboard – walls); poor sound insulation solution; not respecting British Performance Standards (BS).
 - d. Commerce inside Byker? Is truth the trick of providing the foundations for future shops?
 - e. Funcionalism *versus* complexity.
 - f. What your opinion about to work with the concept of PLAN OF INTENT *instead* of MASTER PLAN?

Questions to Gaby (Byker resident and ACANE manager)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? – Political background?
- 2) I was introduced to you by Lucia Bagott. I think Lucia met you in the Common Ground. Could you explain to me a little bit more about it?
- 3) Do you live in Byker Estate?
- 4) Do you feel comfortable working in Byker?
- 5) What about the specific situation of immigrants from Africa in Byker? I've heard about the preconception especially in the beginning of 2000's. Do you know any case of racial intolerance here?
- 6) Today, African immigrants feel safe living in Byker?
- 7) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 8) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 9) Positive aspects in your experience of living/working in Byker?
- 10) Negative aspects in your experience of living/working in Byker?
- 11) Which are your expectations for the future in Byker?

Questions to Jéssica (Byker resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) What about the specific situation of immigrants from Africa in Byker? I've heard about the preconception especially in the beginning of 2000's. Do you know any case of racial intolerance here?
- 4) Today, African immigrants feel safe living in Byker?
- 5) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 6) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 7) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 8) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 9) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 10) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?

Questions to Roger Tillotson (architect of Ralph Erskine's team)

- 1) Could you introduce yourself and tell about your relationship with Byker?
- 2) As an architect, what's the significance of Byker for you?
- 3) Next March it will be 10 years since Ralph Erskine's death. What can you talk about the meaning of him for Byker and for architecture?
- 4) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 5) From your point of view, today is possible to identify any echoes of the original participatory design process in Byker?
- 6) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences in housing co-operatives in Newcastle?
- 7) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 8) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 9) Would you live in Byker? Why?
- 10) Specifics questions:
 - a. Could you summarize the building methods that you have used in Byker design?
 - b. Wikipedia defines Byker as a "Funcionalist Romantic" styling. Do you agree (foolish)?
 - c. Could you establish a comparison between low-rise *versus* Brutalist High-rise housing?
 - d. The *Tower Blocks* : Killingworth Towers (Newcastle), Ronan Point and Thamesmead (London).
 - e. Renovation 5 Kendal House – cheap materials (chipboard – floor, plasterboard – walls); poor sound insulation solution; not respecting British Performance Standards (BS).
 - f. Commerce inside Byker? Is truth the trick of providing the foundations for future shops?
 - g. Functionalism *versus* complexity.
 - h. Participatory design. Any echoes today?
 - i. PLAN OF INTENT *versus* MASTER PLAN.

Questions to Ahmed (Byker store)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker?
- 2) Do you live close to Byker Estate?
- 3) How long have you been working here?
- 4) Do you feel comfortable working in Byker?
- 5) What about the specific situation of immigrants in Byker? I've heard about the preconception especially in the beginning of 2000's. Do you know any case of racial intolerance here?
- 6) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 7) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 8) Positive aspects in your experience of living/working in Byker?
- 9) Negative aspects in your experience of living/working in Byker?
- 10) As the owner of a shop which are your expectations for the future in Byker?

Questions to Ken Millor (Byker lifelong resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past – *Old Byker*) with Byker? – Political background? How long have you been living here?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 7) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 8) Why do you stay in Byker and which are your expectations for the future?

Questions to Steve Howells (Byker Community Trust)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker? How long have you been living here?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 5) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 6) I'd like to comment some aspects about the renovation at 5 Kendal House – cheap materials (chipboard – floor, plasterboard – walls); poor sound insulation solution; not respecting British Performance Standards (BS). What your opinion about it?
- 7) Commerce inside Byker?
- 8) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 9) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 10) Why do you stay in Byker and which are your expectations for the future?
- 11) Could I visit different types of houses and flats with the support of BCT?

Questions to Lito (Byker resident)

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship (now and in the past) with Byker?
- 2) Do you feel comfortable living in Byker?
- 3) What about the specific situation of immigrants from Africa in Byker? I've heard about the preconception especially in the beginning of 2000's. Do you know any case of racial intolerance here?
- 4) Today, African immigrants feel safe living in Byker?
- 5) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 6) On this sense, what's the role of Byker Community Trust?
- 7) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 8) Positive aspects in your experience of living in Byker?
- 9) Negative aspects in your experience of living in Byker?
- 10) Why did you move to Byker and which are your expectations on this sense?

Questions to Sophie Yarker (geographer and researcher)

- 1) Could you introduce yourself and tell about your relationship with Byker?
- 2) You introduced another viewpoint about Byker in your thesis. As a geographer, what's the significance of Byker for you?
- 3) About social housing in Byker and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker.
- 4) From your point of view, today is possible to identify any echo from the original participatory design process in Byker?
- 5) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and other experiences that you have known in housing co-operatives in Newcastle?
- 6) Positive aspects in the design experience of Byker?
- 7) Negative aspects in the design experience of Byker?
- 8) Would you like to live in Byker? Why?

**Questions to Sally Pilkington and Harry Ramsdale (Summerhill Place
Coop-house resident)**

- 1) Could you introduce yourself and tell anything about your relationship with the co-housing (housing co-operatives?) in Newcastle?
- 2) Do you feel comfortable living in Summerhill Place?
- 3) Did you make or would you like to make anything inside home? Why?
- 4) In your opinion, can we establish any comparison between the original participatory design in Byker and the experiences that you have known in housing co-operatives in Newcastle?
- 5) About social housing in Byker Wall, where I'm living now, and the profile of residents - What do you think about the risks of a future gentrification process (after Byker has been listed)? - Specific question for architects and social activists (middle class) that have recently moved to Byker or Ouseburn Valley.
- 6) On this sense, what's the role of Byker Community Trust or Ouseburn Trust, for example?
- 7) Positive aspects in your experience of living in Summerhill Place (co-housing)?
- 8) Negative aspects in your experience of living in Summerhill Place (co-housing)?
- 9) Why did you move to Summerhill Place and which are your expectations on this sense?
- 10) About the themes of sustainability and co-housing, could you identify some trends and goals? – New technologies like photovoltaic panels (solar panels), for example.
- 11) How is regeneration or housing market development performed in Ouseburn Valley and other places?